

UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA



DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DE ACONSELHAMENTO
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
“LUÍS DE CAMÕES”

**FATORES ASSOCIADOS AO CIBERABUSO NO NAMORO ENTRE JOVENS
ADULTOS**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e de Aconselhamento

Autora: Maria Augusta Tavares Sanches

Orientadora: Professora Doutora Genta Kulari

Número da candidata: 30001744

Abril de 2024

Lisboa

DEPOIS DE TUDO

“De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estamos sempre a começar, a certeza de que é preciso continuar, a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar. Façamos da interrupção um caminho novo, da queda, um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura, um encontro.”

(Fernando Sabino)

Agradecimentos

A presente investigação representa o culminar de uma etapa da minha vida, que foi sem dúvida um dos maiores contributos para o meu desenvolvimento a nível pessoal e profissional. Foi uma caminhada que teve altos e baixos e onde pude contar com o apoio e a ajuda de várias pessoas. Tornando assim, evidente e necessária a importância de agradecer a todos que me apoiaram e incentivaram ao longo percurso. Presto especial agradecimento:

Primeiramente à Universidade Autónoma de Lisboa, a nossa acolhedora “casinha amarela”, por me ter acolhido ao longo destes anos e por me ter ajudado a tornar este sonho numa realidade.

À minha orientadora Professora Genta Kulari pela orientação, por estar sempre disponível para esclarecer as minhas dúvidas e por responder aos e-mails de forma rápida, pelo apoio incondicional ao longo de toda a elaboração desta dissertação, pela paciência, pela compreensão e principalmente pelo incentivo e por acreditar que iria conseguir.

A todos os docentes e discentes que contribuíram para a realização deste trabalho de investigação, que disponibilizaram um pouco do seu tempo para partilharem o questionário online com familiares, amigos e conhecidos que se inseriram nos critérios de inclusão e a todos os participantes desta investigação.

Às minhas colegas Edlise e Lúcia, pelo apoio incondicional, pela constante presença, pela imensa compreensão, pela confiança, por lutarem ao meu lado em todas as batalhas e por acreditarem que seria possível. E a todos os colegas de curso, pelas conversas, debates e reflexões, que partilhamos juntos.

E por fim em enorme agradecimento à minha família por terem feito parte deste momento tão importante da minha vida. E em especial à minha mãe, por ser o porto de abrigo de todas as minhas partidas e chegadas, pelo amor e apoio incondicional, e por saber abraçar todos os medos e angústias e incentivar todos os desafios.

“Aqueles que passam por nós não vão sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de
nós”.

(Antoine de Saint-Exupéry)

Resumo

A presente investigação, de natureza quantitativa e de carácter transversal, pretendeu analisar os fatores associados ao ciberabuso no namoro entre jovens adultos estudantes universitários, residentes em Portugal. Pretendendo assim, investigar como é que os estilos de vinculação e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress) estão relacionados com o ciberabuso no namoro, além de uma série de variáveis sociodemográficas (género, idade, nacionalidade), e os comportamentos *online*. Desta forma, este estudo é composto por uma amostra de 302 jovens adultos, estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos e residentes em Portugal.

Os resultados indicaram a existência de uma correlação significativa entre os estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos, as dimensões do ciberabuso no namoro e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress). A idade dos participantes influenciou na dimensão do controlo do perpetrador e as horas por eles passadas diariamente *online* e apresentou correlação significativa com a agressão direta da vítima. O sexo feminino apresentou níveis mais elevados de depressão, ansiedade e stress em comparação ao masculino. Na escala do ciberabuso no namoro foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre o controlo da vítima e o sexo masculino. Em relação aos estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre o sexo masculino e o estilo de vinculação seguro e entre o sexo feminino e o estilo de vinculação amedrontado. E por fim, relativamente ao papel mediador das dimensões do ciberabuso no namoro na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários, os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo entre as variáveis em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberabuso no Namoro, Estilos de Vinculação, Depressão Ansiedade e Stress, Jovens Adultos, Estudantes Universitários.

Abstract

The present investigation, of a quantitative and cross-sectional nature, aimed to analyze the factors associated with cyberabuse in dating among young adult university students and residents in Portugal. Therefore, we intend to investigate how attachment styles and mental health (i.e., anxiety, depression and stress) are related to cyberabuse in dating, in addition to a series of sociodemographic variables (gender, age, nationality), and the online behaviors. Therefore, this study is composed of a sample of 302 young adults, university students, aged between 18 and 30 and residing in Portugal.

The results indicated the existence of a significant correlation between attachment styles in intimate relationships, the dimensions of cyberabuse in dating and mental health (i.e. depression, anxiety and stress). The participants' age influenced the extent of the perpetrator's control and the hours they spent daily online showed a significant correlation with the victim's direct aggression. Females had higher levels of depression, anxiety and stress compared to males. On the dating cyberbusing scale, a statistically significant difference was found between the control victim and the male sex. Regarding attachment styles in intimate relationships, a statistically significant difference was found between males and the secure attachment style and between females and the fearful attachment style. And finally, regarding the mediating role of the dimensions of cyberabuse in dating in the relationship between preoccupied attachment style and depression among young adult university students, the results indicated a statistically significant positive effect between the variables under study.

KEYWORDS: Cyber Abuse in Dating, Attachment Styles, Depression Anxiety and Stress, Young Adults, College Students.

Índice

Introdução.....	11
Capítulo I. Enquadramento teórico	14
1.1. Ciberabuso no namoro entre jovens adultos universitários.....	15
1.2. Teoria da Vinculação	21
1.2.1. A relação entre os estilos de vinculação e o ciberabuso no namoro entre jovens adultos	23
1.2.2. Estilo de vinculação preocupado e o ciberabuso no namoro	28
1.3. Saúde Mental como fator de risco do ciberabuso	29
1.4. O efeito da pandemia Covid-19 nas relações de ciberabuso.....	32
Capítulo II. Metodologia	35
2.1. Delineamento do estudo	36
2.2. Participantes	39
2.3. Instrumentos	40
2.3.1. Questionário sociodemográfico.....	40
2.3.2. Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN)	41
2.3.3. Questionário de Estilo de Relacionamento (QER)	41
2.3.4. Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS)	42
2.4. Procedimentos	43
2.5. Análise Estatística	44
Capítulo III. Resultados.....	46
3.1. Resultados descritivos	47
3.2. Análise das hipóteses.....	52
Capítulo IV. Discussão.....	61
4.1. Discussão dos Resultados.....	62
4.2. Limitações do estudo e indicações para estudos futuros	70
4.3 Relevância teórica e prática do presente estudo	72
Conclusão	73
Referências Bibliográficas	77
Anexo	98

Índice de Tabelas

Tabela 1. Descrição do Questionário do Ciber Abuso no Namoro - CAN	42
Tabela 2. Descrição da Escala de Ansiedade, Depressão e Stress - EADS.....	43
Tabela 3. Descrição do Questionário de Estilos de Relacionamento - QER.....	43
Tabela 4. Descrição dos fatores sociodemográficos.....	47
Tabela 5. Caracterização da amostra segundo a principal utilização de internet	48
Tabela 6. Frequências descritivas sobre o intuito de utilização das redes sociais.....	49
Tabela 7. Frequências descritivas sobre o efeito da pandemia COVID-19 nas relações de ciberabuso.	49
Tabela 8. Análise descritiva (Mín, Máx, Média, Desvio Padrão, Assimetria, Curtose e Alfa de Cronbach) para todos os itens do Questionário sobre o Ciberabuso no Namoro (CibAN):.....	50
Tabela 9. Análise descritiva (Mín, Máx, Média, Desvio Padrão, Assimetria, Curtose e Alfa de Cronbach) para todos os itens do Questionário de Estilos de Relacionamentos (QER):	51
Tabela 10. Análise descritiva (Mín, Máx, Média, Desvio Padrão, Assimetria, Curtose e Alfa de Cronbach) para todos os itens da Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS):.....	52
Tabela 11. Resultados da aplicação do teste de Pearson, correlações entre os estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos, as dimensões do ciberabuso e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress).....	53
Tabela 12. Resultados da aplicação do teste de Pearson, correlações entre os fatores sociodemográficos (idade dos participantes e tempo que passam diariamente online) e as dimensões do ciberabuso.....	54
Tabela 13. Resultados da aplicação do teste Mann-Whitney para comparar os géneros entre as variáveis do estudo.	56
Tabela 14. Resultados da mediação da depressão na relação com o estilo de vinculação preocupado e a agressão direta da vítima.	57
Tabela 15. Resultados da mediação da depressão na relação com o estilo de vinculação preocupado e a agressão direta do perpetrador.....	58
Tabela 16. Resultados da mediação da depressão na relação com o estilo de vinculação preocupado e o controlo da vítima.....	59
Tabela 17. Resultados da mediação da depressão na relação com o estilo de vinculação preocupado e o controlo do perpetrador.	60

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo de estilos de vinculação adulto de Bartholomew & Horowitz, (1991).....	27
Figura 2. Diagrama do modelo de estudo Vinculação Preocupado → Agressão Direta da Vítima → Depressão.....	56
Figura 3. Diagrama do modelo de estudo Vinculação Preocupado → Agressão Direta do Perpetrador → Depressão.....	57
Figura 4. Diagrama do modelo de estudo Vinculação Preocupado → Controlo da Vítima → Depressão.	58
Figura 5. Diagrama do modelo de estudo Vinculação Preocupado → Controlo do Perpetrador → Depressão.	59

Índice de Abreviações

MID - Modelos Internos Dinâmicos

OMS - Organização Mundial da Saúde

SARS-COV-2 - *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

Anexos

Anexo I - Consentimento Informado	98
--	-----------

Introdução

Os recentes avanços tecnológicos criaram novas formas de relacionamento entre jovens adultos, levando também ao surgimento de novas formas de agressão, entre elas o ciberabuso no namoro (Taylor & Xia, 2018). O ciberabuso no namoro é definido como uma forma de controlo, assédio, perseguição e abuso por parte de um parceiro/a amoroso/a através das novas tecnologias e das redes sociais (Caridade & Braga, 2019). Que ocorre geralmente nos relacionamentos amorosos entre adolescentes e jovens adultos (Clevenger & Gilliam, 2020; Zweig et al., 2014). Esta nova forma de agressão é representada de diversas formas, tais como: controlar diariamente o/a parceiro/a ou ex-parceiro/a; publicar comentários impróprios e ofensivos; enviar ameaças através de mensagens ou *e-mails*; publicar fotografias ou enviar vídeos nas redes sociais de forma a humilhá-los ou prejudicá-los e utilizar as suas senhas de acesso sem autorização com a finalidade de os controlar (Brem et al., 2019; Freed et al., 2017; Jaen-Cortés et al., 2017; Javier-Juárez et al., 2021; Naga & Catindig, 2022). Apesar do efeito prejudicial do ciberabuso no namoro entre jovens adultos, existe ainda uma falta de compreensão relativamente aos fatores relacionados às suas manifestações. Esta questão é especialmente relevante dado que se verifica um rápido crescimento da utilização das redes sociais e das plataformas *online* nos últimos anos.

Na literatura ainda existe falta de consenso relativamente às diferenças de género na prevalência da vitimização/perpetração do ciberabuso no namoro entre os jovens adultos (Brown & Hegarty, 2018). No entanto, estudos recentes mostram que existe uma maior vitimização por parte do sexo feminino e perpetração por parte do sexo masculino (Begotti et al., 2020; Marcum et al., 2017; Reyns et al., 2018). Devido aos avanços tecnológicos as plataformas *online* proporcionaram aos perpetradores formas de divulgarem informações prejudiciais sobre as vítimas de forma rápida, fácil e contínua para uma ampla audiência, podendo ocorrer em qualquer lugar ou a qualquer momento (Gomes-Cavalcanti & da Penha de Lima Coutinho., 2019; Mladenović et al., 2021; Smith et al., 2018). Além disso, no estudo de Smith et al. (2018) sobre a prevalência da *cyber*-vitimização, evidenciou-se uma elevada taxa de prevalência de adolescentes envolvidos como *cyber*-vítimas e *cyber*-agressores. Sendo que a maioria relatou ter sido vítima de pelo menos um comportamento *cyber* abusivo no relacionamento. No entanto, pouco se sabe em relação à prevalência do ciberabuso no namoro, em particular entre jovens adultos. Zweig et al. (2013) verificaram que um em cada dez jovens

já praticaram comportamentos *cyber* abusivos pelo menos uma vez. Por sua vez, Temple et al. (2016) comprovaram num estudo longitudinal a correlação entre o ciberabuso e o abuso físico, bem como a propensão de vítimas e agressores de reincidirem. Kellerman et al. (2013) constatarem no seu estudo com uma amostra representativa de 226 participantes que 71,7% dos estudantes universitários já tinham sofrido de pelo menos um comportamento *cyber* abusivo. Devido à falta de estudos neste campo em relação aos jovens, o presente estudo tem como finalidade evidenciar os fatores associados ao ciberabuso no namoro na perspetiva dos jovens adultos em Portugal.

A teoria que está na base deste estudo é a teoria de vinculação de Bowlby (1977), em que a vinculação pode ser definida como a procura e a manutenção da proximidade a uma determinada figura, considerada fundamental para a manutenção do bem-estar psíquico de cada indivíduo, possibilitando uma maior capacidade de lidar com as dificuldades impostas por um meio exigente (Bowlby, 1977). Uma revisão sistemática sobre a ligação entre a violência do parceiro íntimo e os estilos de vinculação realizada pela Velotti et al. (2018) concluiu que os comportamentos agressivos podem ser uma estratégia de regulação utilizada pelos indivíduos ansiosos e que os perpetradores e as vítimas apresentam um estilo de vinculação ansioso ou evitante.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2017), a saúde mental refere-se a um bem-estar no qual o indivíduo desenvolve as suas habilidades pessoais, consegue lidar com o stress do quotidiano, trabalha de forma produtiva, encontra-se apto a dar a sua contribuição à comunidade e é influenciada por fatores genéticos, biológicos, sociais e ambientais. Relativamente às perturbações mentais, nomeadamente depressão, ansiedade e stress, continuam a ser um dos mais importantes desafios da saúde pública na atualidade (Conselho Nacional de Saúde [CNS], 2019). Segundo Lovibond e Lovibond (1995), a depressão está relacionada à perda de autoestima, motivação, e à baixa probabilidade de se alcançar objetivos; a ansiedade a respostas intensas de medo e o stress sugere estados de excitação e tensão persistentes, com baixo nível de resistência à frustração e desilusão.

Devido aos resultados obtidos no estudo de Toplu-Demirtaş et al. (2022a), com uma amostra representativa de 390 participantes, verificou-se que 67% dos estudantes universitários utilizaram pelo menos um comportamento *cyber* abusivo em relação aos seus parceiros nos últimos 6 meses, indicando ainda que um elevado nível de ansiedade estava relacionado com uma maior desconfiança, antecipação da infidelidade do parceiro e ciúmes. Concluindo-se que

existia uma ligação significativa entre a vitimização e a depressão. Como resultado, a relação entre estilos de vinculação e várias formas de violência de parceiros íntimos, incluindo o ciberabuso no namoro, foi sugerida por um número crescente de estudos (Duerksen & Woodin, 2019; Hellevik, 2019; Velotti et al., 2018).

Devido à escassez de evidências empíricas relacionadas ao ciberabuso no namoro e consequentemente sobre a relação com as variáveis aqui discutidas, a presente investigação tem como objetivo investigar a prevalência do ciberabuso no namoro entre jovens adultos estudantes universitários em Portugal, investigando como é que os estilos de vinculação e a saúde mental (ou seja, depressão, ansiedade e stress) estão relacionados com o ciberabuso no namoro, além de uma série de variáveis sociodemográficas (género, idade, nacionalidade) e os comportamentos *online*. E ainda verificar o efeito da pandemia COVID-19 nas relações de ciberabuso, através de quatro perguntas destinadas a investigar se esses comportamentos se intensificaram durante a pandemia em comparação com o período anterior à pandemia COVID-19.

A realização do presente estudo pretende-se pelo facto de existirem poucas investigações em contexto nacional, relacionadas ao ciberabuso no namoro entre jovens adultos estudantes universitários em Portugal e aos fatores associados a esta tipologia abusiva. E por existir ainda alguma falta de compreensão relativamente à complexidade da temática em questão e aos fatores que poderão levar ao surgimento deste tipo de agressão entre os jovens adultos. Daí a pertinência em estudar esta população em específico visto ser uma nova forma de agressão no namoro perpetuada maioritariamente entre adolescentes e jovens adultos através das novas tecnologias e das redes sociais e que tem ganho dimensões extremamente preocupantes. Uma vez que a vida *online* ocupa um espaço significativo no cotidiano dos jovens, levando a uma maior vulnerabilidade e intrusividade interpessoal.

Capítulo I. Enquadramento teórico

1.1. Ciberabuso no namoro entre jovens adultos universitários

A violência no namoro entre adolescentes e jovens adultos é caracterizada como um problema de saúde pública, relacionada a uma série de consequências negativas para a saúde mental dos envolvidos sendo ainda, de interesse científico (Veríssimo et al., 2022). É um fenómeno complexo, heterogéneo, transversal e multidimensional, que está presente em todas as etnias e classes sociais, independentemente da orientação sexual e sofre influência de fatores individuais dos adolescentes, culturais, sociais e familiares (García-Leiva et al., 2019; Martins & Rodrigues, 2022).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2010) e o *Centers for Disease Control and Prevention, Division of Violence Prevention* (CDC, 2014), a violência no namoro apelidada internacionalmente como (*teen dating violence, adolescent relationship abuse ou adolescent dating violence*), engloba uma variedade de comportamentos abusivos, que causa dano físico, sexual, psicológico ou emocional, e que estão presentes nos relacionamentos íntimos de pré-adolescentes, adolescentes e jovens adultos. Podendo ocorrer de diversas formas tais como: diretamente, virtualmente através da internet ou por terceiros a mandado do agressor (CDC, 2016).

Segundo o *Center Disease Control and Prevention*, (CDC, 2017) e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, (APAV, 2019/2020) existem 3 formas de se exercer violência contra outra pessoa. A primeira está relacionada à violência física, onde é utilizada força física com o intuito de ferir/causar dor; dar estalos; socos; murros; estrangular; beliscar; sufocar; arranhar; esbofetear; empurrar; pontapear; morder; queimar; puxar o cabelo e atirar objetos. Estes atos poderão ocorrer de forma pontual, recorrente ou agravando-se ao longo do relacionamento íntimo. A segunda está relacionada à violência sexual, onde se força à prática de relações sexuais (sexo anal, sexo oral e/ou vaginal), acariciar, beijar e partilhar conteúdos de cariz sexual da vítima, sem o seu consentimento. E a terceira está relacionada à violência psicológica ou emocional onde se utiliza meios de intimidação sobre a vítima como isolamento, chantagem, ameaça, ofensas e desprezo; partir ou danificar objetos com a intenção de causar medo e sofrimento psicológico; insultar; humilhar (através de críticas e comentários negativos); rebaixar; denegrir; gritar; difamar; deixar de falar ou interagir com o (a) companheiro (a) de forma a isolar a vítima; controlar a maneira de vestir do (a) companheiro (a); perseguição ou seja, controlar diariamente as movimentações ou atividades do (a) companheiro (a); apontar as falhas e defeitos constantemente do (a) companheiro (a) ligar constantemente ou enviar

mensagens; ameaçar terminar a relação como estratégia de manipulação; proibir a vítima de comunicar com o seu grupo de amigos e familiares.

A violência psicológica ou emocional tem um enorme impacto negativo na autoestima das vítimas, inibindo-a de conseguir a confiança necessária para terminar o relacionamento. As consequências que advêm da violência a nível psicológico, são as perturbações alimentares, depressão, isolamento, stress pós-traumático, dissociação, ansiedade e ideação suicida. A nível emocional, a ansiedade, raiva, medo e menor satisfação com a vida. Por fim, a nível comportamental, temos a fuga, comportamentos sexuais de risco, infeções sexualmente transmissíveis, álcool e consumo de substância (Caridade & Barros, 2018; Ulloa & Hammett, 2016).

James Michael Makepeace num estudo desenvolvido por si em 1981, concluiu que uma em cada cinco relações amorosas entre estudantes universitários, apresentava indícios de violência. (Gama et al., 2017). Em Portugal verificou-se percentagens elevadas relativamente às práticas e comportamentos de violência no namoro, nomeadamente na violência psicológica, física, sexual e *stalking*, tratando-se de uma amostra de 820 participantes, maioritariamente do sexo feminino (69,4%) (Nelas et al., 2021). Verificou-se ainda, que o ciúme é apontado como o principal precursor dos conflitos nos relacionamentos íntimos (de Melo et al., 2022), estudos estes realizados com jovens adultos estudantes universitários.

A violência no namoro pode ocorrer de forma direta ou virtual (pela internet), visto que nos últimos anos, tem havido um crescimento exponencial na utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) (Al-Alosi, 2020; Vállora et al., 2019) e são parte essencial do nosso quotidiano (Douglas et al., 2019). Transformando-se numa ferramenta essencial na vida quotidiana das pessoas, facilitando a comunicação à distância e tornando-a mais abrangente e acessível (de Lemos, 2019). A utilização das TIC (e.g. internet, computadores, *e-mail*, *webcam*, telemóveis, mensagens de texto, ou redes sociais) tornaram-se cada vez mais significativas na comunicação e nas relações interpessoais dos jovens (Mosley & Lancaster, 2019).

Atualmente a internet é uma das atividades privilegiadas dos jovens, existindo um aumento significativo na sua utilização, a fim de se manterem em contacto com o mundo (Feng et al., 2019). Os adolescentes e os estudantes universitários, utilizam as novas tecnologias nos seus relacionamentos íntimos, uma vez que as mesmas facilitam a conexão emocional, permitindo ainda a interação a qualquer momento (Stonard et al., 2017).

O Instituto Nacional de Estatística (INE), realizou em 2020 um inquérito anual à utilização de tecnologias de informação e da comunicação às famílias portuguesas. Famílias estas que englobam um total de 4 066 573 cidadãos, sendo que o agregado familiar poderá ser constituído por uma pessoa, casal sem filhos, casal com filhos, família monoparental e outras denominações. Os resultados do inquérito indicaram que houve um aumento significativo na utilização de internet, sendo que 84,5% dos agregados familiares em Portugal têm ligação à internet em casa. A população entre os 16 anos e os 74 anos utiliza a internet sobretudo para comunicação e acesso à informação, sendo que, 89,9% das pessoas trocaram mensagens (via *WhatsApp*, *Messenger*, etc.) 87,0% pesquisaram informação sobre produtos ou serviços, 86,8% enviaram ou receberam *e-mails*, 85,7% leram notícias e 80,2% participaram em redes sociais. O período de recolha de respostas ao inquérito decorreu num contexto marcado pelo impacto da pandemia COVID-19 (INE, 2020).

Embora a internet ofereça grandes vantagens, como uma comunicação rápida, disponibilidade de informação, oportunidades de aprendizagem e entretenimento, a sua utilização não está isenta de potenciais riscos para os seus utilizadores (Machimbarrena et al., 2018). A utilização desta ferramenta de forma imprópria levou ao surgimento do ciberabuso no namoro entre os jovens, sendo esta tipologia abusiva apelidada internacionalmente de *cyber dating abuse* (Brem., 2019). Através da grande expansão tecnológica os indivíduos modificaram a maneira como se relacionam, partilham informações e emitem opiniões (Szwarcwald et al., 2021). As vítimas de ciberabuso acabam por ter a sua intimidade e privacidade ameaçadas através de pessoas mal-intencionadas que se aproveitam do anonimato (Siqueira et al., 2021). Porém também está relacionada a uma série de consequências negativas na saúde mental, tanto por parte das vítimas quanto dos perpetradores (Borges et al., 2020).

Segundo Van Ouytsel et al. (2016), no seu estudo na Flandres, Bélgica com 57 adolescentes, verificou-se que as redes sociais desempenham um papel importante na busca de informações relacionais. Fotografias e atualizações de perfil são consideradas como uma fonte importante para obtenção de informações sobre um potencial parceiro íntimo. Os adolescentes reconheceram o potencial das redes sociais para provocar ciúmes e identificaram formas de controlo de comportamento, como partilha de senhas ou controlo dos perfis dos parceiros.

O ciberabuso no namoro pode ser entendido como a combinação de três elementos: “cibernético”, “abuso” e “namoro”. “Ciber” está relacionado à componente tecnológica (e.g., telemóveis, computadores, redes sociais, *e-mail*), “abuso” está relacionado às ações prejudiciais

que são perpetradas através dos meios tecnológicos anteriormente mencionados e “namoro” refere-se a atuais ou a antigos relacionamentos amorosos (Martínez Soto & Ibabe, 2022). O ciberabuso no namoro é uma questão criminológica (Curry & Zavala, 2020) e é definido como uma forma de controlo, assédio, perseguição e abuso por parte de um parceiro/a amoroso/a através das novas tecnologias e das redes sociais (Caridade & Braga, 2019). Ocorre geralmente nos relacionamentos amorosos entre adolescentes e jovens adultos (Clevenger & Gilliam, 2020; Zweig et al., 2014). E é representado de diversas formas, tais como: controlar diariamente o/a parceiro/a ou ex-parceiro/a; publicar comentários impróprios e ofensivos; enviar ameaças através de mensagens ou *e-mails*; publicar fotografias ou enviar vídeos nas redes sociais de forma a humilhá-los ou prejudicá-los e utilizar as suas senhas de acesso sem autorização com a finalidade de os controlar (Brem et al., 2019; Febro-Naga & Tinam-isan, 2022; Freed et al., 2017; Jaen-Cortés et al., 2017; Javier-Juárez et al., 2021). Devido aos avanços tecnológicos as plataformas *online* proporcionaram aos perpetradores formas de divulgarem informações prejudiciais sobre as vítimas de forma rápida, fácil e contínua para uma ampla audiência, e ocorrer em qualquer lugar ou a qualquer momento (Gomes-Cavalcanti & da Penha de Lima Coutinho, 2019; Mladenović et al., 2021; Smith et al., 2018).

Segundo Holmes (1993) e Meloy (1992) os perpetradores de ciberabuso, são indivíduos que já sofreram alguma forma de rejeição por parte das vítimas e que desejam vingar-se, por possuírem uma sensação de perda, frustração, tristeza, vingança e raiva. Psicologicamente, demonstram ser indivíduos narcisistas, dependentes da vítima e muito desconfiados. Sentem-se isolados e frustrados por não conseguirem estabelecer uma relação de proximidade com a vítima ou algum tipo de interação. Sentem a necessidade de intimidar, assustar e ameaçar as vítimas, por considerarem que foram prejudicados por estas. No entanto, reconhecem as consequências dos seus atos, mas, mesmo assim, agem sem sentimento de arrependimento (Purcell et al., 2004).

Segundo, Monteiro et al., (2022), no seu estudo em Portugal, sobre a prevalência do ciberabuso no namoro, onde participaram 894 estudantes do ensino superior com idades compreendidas entre os 17 e os 56 anos ($M = 21.27$, $DP = 3.69$), os resultados indicaram que mais de 50% dos participantes sofreram e/ou perpetraram ciberabuso no namoro, verificando-se uma prevalência superior de ciberabuso no namoro por controlo. Observando-se ainda que os participantes que estavam há mais tempo numa relação praticaram mais atos de agressão por controlo. Caridade et al. (2020), no seu estudo com 173 adolescentes e jovens adultos portugueses, verificaram que o ciberabuso entre os portugueses são muito prevalentes e

relacionais. O controlo foi a forma de abuso mais prevalente, aparecendo num contexto de ciúmes, seja em termos de vitimização ou de perpetração. No estudo internacional de Lara (2020), realizado com 1538 adolescentes chilenos estudantes universitários, os resultados obtidos indicaram que cerca de três quartos da amostra relataram já terem sido vítimas ou perpetradores de ciberabuso no namoro.

Dada a prevalência da tecnologia, o ciberabuso emergiu como uma importante área de investigação empírica. Numa amostra representativa de 345 participantes, cerca de 77% a 93% dos estudantes universitários já experienciaram este abuso cibernético, associado a várias experiências negativas (por exemplo, agressão psicológica cibernética, sintomas depressivos, comportamentos sexuais de risco e bebidas alcoólicas) (Zapor et al., 2017).

Existem vários estudos relacionados ao ciberabuso no namoro entre jovens adultos estudantes universitários e as diferenças de género na prevalência da vitimização/perpetração, contudo, não existe um consenso na literatura (Rodríguez-Domínguez et al., 2020). Alguns estudos evidenciam percentagens elevadas de vitimização por parte do sexo feminino (Peterson & Densley, 2017; Zweig et al., 2013) outros evidenciam taxas elevadas por parte do sexo masculino (Cutbush et al., 2021; García-Sánchez et al., 2017; Hinduja & Patchin, 2021; Zapor et al., 2017) existindo ainda alguns estudos em que não foram encontradas diferenças significativas em relação ao género dos participantes na vitimização/perpetração (Borrajó et al., 2015; Hancock et al., 2017; Piquer et al., 2017; Santos et al., 2019; Wolford-Clevenger et al., 2016). No entanto, no estudo de Reed et al. (2017), foram observadas diferenças relativamente às suas consequências, parecendo ser mais prejudicial para o sexo feminino, estas por sua vez relataram sentir-se mais desconfortáveis e emocionalmente afetadas com tais comportamentos.

Víllora et al. (2021), no seu estudo contou com a participação de 1.657 estudantes universitários espanhóis e verificou-se que 62,1% das vítimas eram do sexo feminino. Sendo que a vinculação ansiosa e a falta de apoio aumentavam a probabilidade de vitimização direta, vitimização de controlo e vitimização direta/controlo. Já no estudo de Costa et al. (2022), realizado com 239 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 17 e os 49 anos, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função do sexo nas dimensões vitimação e perpetração, sendo que o sexo masculino apresentou maior pontuação face ao sexo feminino. No que concerne à perpetração, o estudo de Segura & Pecino (2015) indica que o sexo masculino apresenta uma maior tendência para ameaçar ou divulgar conteúdo explícito do parceiro em comparação ao sexo feminino. Contudo, no estudo de Smith et al.

(2018), não foram encontradas diferenças de género na prevalência da vitimização/perpetração nos últimos 12 meses. Sendo que a perpetração estava relacionada a uma maior autoestima e a vitimização a uma baixa autoestima e ao sofrimento psíquico nos adolescentes.

Em Portugal, existem ainda poucos estudos relacionados a esta problemática, principalmente entre estudantes universitários, daí a relevância em estudar esta população em concreto. Este estudo foi realizado no sentido de perceber nesta população, quais os indivíduos que estão mais envolvidos enquanto vítimas e perpetradores, uma vez que ainda não existe um consenso na literatura relativamente às diferenças de género na sua perpetração/vitimização e o impacto sentido nas suas vidas. No entanto, esta nova forma de violência nos relacionamentos íntimos entre adolescentes e jovens adultos e respetivamente aos fatores associados têm vindo a adquirir grande visibilidade científica e social.

A invasão à privacidade e a exposição de conteúdos íntimos das vítimas conduz a graves consequências negativas na saúde mental e nas suas vidas (Stonard et al., 2014). No estudo de O'Keefe. (2005) os fatores de risco estão organizados em categorias: características sociodemográficas, comportamentos sexuais de alto risco, comportamentos antissociais e agressivos, fatores psicológicos, fatores familiares, fatores relacionados às perceções normas e crenças, experiências ou exposições à violência e influência dos pares. Estes fatores estão simultaneamente associados à vitimização e à perpetração (Cavalcanti & Coutinho, 2019) e relacionados a: baixo rendimento escolar; comportamentos delinquentes; aumento de relações sexuais com diferentes parceiros; elevado consumo de álcool; consumo de substâncias psicoativas; perturbações de sono; elevados níveis de sintomas depressivos; sintomas de ansiedade; stress pós-traumático; elevados níveis de raiva/hostilidade e ideação suicida (Flach & Deslanches, 2017; Maftei & Dănilă, 2021).

Segundo Lu et al. (2018), as vítimas sofrem a ameaça do ciberabuso de forma constante, sentindo-se incapazes de escaparem do abuso. Por sua vez, os perpetradores exibem menos inibições para se envolverem em comportamentos abusivos. A forma como os conteúdos são publicados e partilhados através da internet, torna muito difícil a identificação dos perpetradores e a sua responsabilização pelos danos causados (Patton, 2014). Assim, torna-se igualmente difícil impedir que os conteúdos expostos continuem a circular pela internet (Fernet et al., 2019).

Na revisão sistemática desenvolvida por Jennings et al., (2017) foram identificados alguns fatores de risco associados à violência no namoro, como por exemplo, consumo de

álcool, traços de personalidade (e.g., pensamentos suicidas, internalização, baixa autoestima, impulsividade), problema na regulação emocional, exposição à violência, violência entre pares, identificação de gênero e depressão. Segundo Cantu & Charak (2022), no seu estudo sobre os tipos de *cyber* vitimização de parceiros íntimos associados à depressão, com uma amostra de 903 jovens de faixa etária compreendida entre os 18 e os 29 anos que frequentavam uma universidade pública no sul do Texas, os resultados indicaram que 73% da amostra já tinha experienciado pelo menos um tipo de IPV cibernético e que estava associado à depressão.

Como foi referido anteriormente, o ciberabuso está relacionado a inúmeros fatores de risco tanto para as vítimas quanto para os perpetradores e com elevado crescimento entre adolescentes e jovens adultos que se encontram num relacionamento íntimo, mas também entre ex-parceiros que continuam “amigos” nas redes sociais, uma vez que têm a possibilidade de continuar a controlar comportamentos, lugares frequentados e novos interesses amorosos (Fissel & Reyns, 2020). Daí a relevância em abordar os fatores de risco no ciberabuso, visto ter um impacto negativo enorme na vida dos envolvidos.

1.2. Teoria da Vinculação

A teoria que está na base deste estudo é a teoria da vinculação, desenvolvida originalmente por John Bowlby (1907-1990). John Bowlby na sua conceptualização sobre o desenvolvimento defendia duas ideias principais: a primeira, de que a qualidade das relações afetivas da criança decorria das experiências precoces da sua interação com o cuidador; e a segunda, de que variações na qualidade da vinculação estariam na origem das diferenças individuais a nível da personalidade do indivíduo (Sroufe, 2005).

Segundo o autor, a vinculação tem como objetivo garantir a sobrevivência do indivíduo e pode ser definida como a procura e a manutenção de proximidade a uma determinada figura, considerada fundamental para a manutenção do bem-estar psíquico de cada indivíduo, possibilitando uma maior capacidade de lidar com as dificuldades impostas por um meio exigente (Bowlby, 1977). Sendo ainda definida como uma relação emocional profunda e duradoura que liga uma pessoa à outra tanto no tempo quanto no espaço (Bowlby, 1990).

A teoria da vinculação assume uma perspetiva evolucionista ao considerar que a necessidade de as crianças estabelecerem vínculos emocionais com as figuras cuidadoras é inata à condição humana, e regulada por um sistema comportamental (Bowlby, 1969). A criança nasce dotada de um sistema comportamental (choro, toque, sorriso) com o objetivo de manter a proximidade com a figura de vinculação e garantir a sobrevivência (Bowlby, 1969). A

qualidade dos primeiros vínculos entre a criança e pelo menos um cuidador primário são fundamentais e têm influência na qualidade das interações desenvolvidas nas relações com os pares (Ainsworth et al., 2015; Bowlby, 1982). A criança, a partir das interações repetidas com quem lhe presta os cuidados primários (figura de vinculação), desenvolve conhecimentos e expectativas sobre o modo como essa figura responde e é acessível aos seus pedidos de proximidade e proteção (Cassidy, 2008).

O estabelecimento de uma ligação emocional forte a pelo menos um cuidador primário é crítico para o desenvolvimento social e emocional saudável da criança (Bowlby, 1982). Problemas no estabelecimento dessa ligação, nos primeiros anos de vida, resultam potencialmente em padrões de comportamentos anormais e em dificuldades na regulação emocional da criança (Ainsworth et al., 2015).

Durante as interações precoces contínuas com o cuidador primário, as crianças de forma gradual, começam a desenvolver representações mentais sobre si mesmas e sobre as suas relações com os outros (Hazan & Shaver, 1987). Representações essas que irão influenciar a organização do seu comportamento, afetos e cognições, orientando-as a nível comportamental, a prever e fazer a interpretação do comportamento do outro (Bretherton, 1985; Bowlby, 1998; Sroufe & Watters, 1977). Bowlby (1973) designou de “*working models*” ou “modelos internos dinâmicos” as representações mentais, ou esquemas cognitivos, em relação a si próprio e em relação aos outros. A percepção do próprio enquanto sujeito merecedor de amor e de atenção configura o modelo de si próprio, encontrando-se associado ao grau de dependência emocional e de ansiedade experienciada nas relações com os outros. Em relação ao modelo dos outros, este por sua vez está relacionado à percepção que o sujeito tem acerca da acessibilidade e responsabilidade dos outros para lhe fornecer apoio e proteção (Bowlby, 1969).

Os modelos internos dinâmicos (MID), organizam experiências passadas e possibilitam estruturar e compreender novas experiências e orientar as interações sociais (Collins & Allard, 2001; Bretherton & Munholland, 1999; Shaver et al., 1996). Além de serem interpretados como estruturas de natureza cognitiva, os MID, são também estruturas de natureza afetiva (Bowlby, 1980).

No estudo de Ainsworth e colaboradores (2015), foram identificados três padrões comportamentais (previsíveis e organizados), que se distinguem pela forma como a criança procura o equilíbrio entre a sua necessidade de proteção e conforto e o desejo de explorar o ambiente. As crianças classificadas como “seguras” acreditam na disponibilidade e consistência

emocional do seu cuidador que lhes providencia a segurança e o conforto que necessitam, para que, em situação de *stress*, sejam capazes de se autorregular e de voltar ao comportamento exploratório. As crianças classificadas como “inseguras” apresentam de igual modo expectativas sobre a disponibilidade e comportamento do cuidador, mas neste caso a figura é percebida como não apoiante. A presença de vinculação não representa necessariamente qualidade de vinculação.

Foram ainda identificados dois grupos distintos de crianças inseguras: o grupo inseguro-evitante, que diz respeito a crianças que manifestam comportamentos de evitamento na proximidade ou no contacto com a figura de vinculação, pois interiorizaram a noção desta figura como inacessível e irresponsável para com as suas necessidades, recorrendo pouco ao cuidador e focando-se na exploração dos objetos; e o grupo inseguro-resistente que se mostra perturbado com a separação e manifesta quer comportamentos de procura de contacto, quer comportamentos de resistência (protestos, irritabilidade) com a figura de vinculação, visto conceber a figura de vinculação como inconstante na prestação de cuidados (Ainsworth et al., 2015; Soares et al., 2007).

Na organização de vinculação segura, a criança/jovem constrói (através de experiências recíprocas de afeto positivo) um modelo interno dinâmico no qual o cuidador está disponível (sempre que necessário) e o próprio é amado e merecedor de cuidado. Em oposição, a organização de vinculação insegura (resultado do isolamento, hostilidade ou vulnerabilidade na utilização da figura de vinculação como base segura) remete para um modelo interno dinâmico no qual a figura parental é irresponsável, inconsistente e não apoiante e o próprio é perçecionado como não amado (Yunger et al., 2005).

Main e Solomon (1990) identificaram ainda um quarto grupo de crianças ao qual atribuíram a classificação “desorganizado/desorientado” e que, contrariamente aos grupos previamente estudados, não apresentam um padrão organizado de comportamentos para lidar com as suas necessidades de vinculação, nem uma representação coerente ou organizada das expectativas quanto ao papel do cuidador.

1.2.1. A relação entre os estilos de vinculação e o ciberabuso no namoro entre jovens adultos

É factual que o ser humano apresenta uma pré-disposição para o desenvolvimento de laços afetivos, sendo uma característica adaptativa da espécie (Bowlby 1969/1982). As relações de vinculação estabelecidas durante a infância às figuras cuidadoras primordiais, assumem

especial relevância na forma como os jovens adultos estabelecem as suas relações e transições ao longo do seu percurso afetivo (Bowlby 1969/1982). Sendo desta forma, a teoria de vinculação vista como uma teoria desenvolvimental do ciclo de vida (Crowell et al., 1999).

Os modelos contemporâneos da vinculação ressaltam o papel único das experiências de vinculação nos primeiros anos de vida da criança. Porém, não defendem o seu determinismo ao longo do seu desenvolvimento (McLean, 2016). A natureza dos laços emocionais que se desenvolvem precocemente na relação com figuras afetivamente significativas, sejam elas da família ou externas, assumem um papel de relevo na construção do autoconceito, da autoestima e no desenvolvimento emocional, social e cognitivo do indivíduo (McLean, 2013). Mas, à medida que a criança cresce, o seu sistema de vinculação assume contornos mais complexos e diversificados.

As fases do desenvolvimento da criança são conceptualizadas como processos dinâmicos, com potencial para a mudança, em particular em períodos críticos do desenvolvimento e face a mudanças de sensibilidade e disponibilidade das figuras de vinculação (Waters & Cummings, 2000). Assim, as oportunidades relacionais a que o indivíduo é exposto nos vários contextos de vida podem conduzi-lo a um percurso de continuidade ou de mudança a nível dos estilos de vinculação (Cummings et al., 2020).

As diferentes qualidades da vinculação influenciam o desenvolvimento da criança/jovem em termos da autoconfiança, regulação emocional, perceção social e competência social (Sroufe et al., 2005). Na adolescência, o jovem faz um esforço para se tornar menos dependente das suas figuras de vinculação primárias, procurando equilíbrio entre as suas necessidades de exploração e de autonomia (Cassidy & Shaver, 2002). A par desta mudança, surgem novas relações na sua vida, pois é esperado que estabeleça relações de maior intimidade com os amigos (Grotevant & Cooper, 1983; Youniss & Smolar, 1985). Por exemplo, adolescentes inseridos em contexto de risco (comportamentos desviantes, conflitos parentais, ou ausência de figuras cuidadoras primárias), apesar da influência das relações com os cuidadores primários podem desenvolver trajetórias de maior adaptação social e de bem-estar, na presença de experiências relacionais extrafamiliares (professores, grupo de pares) de qualidade (Larose et al., 2005).

Salientando assim, que os modelos internos dinâmicos que foram desenvolvidos ao longo da infância continuam a desempenhar uma importante função, mesmo quando o adolescente estabelece novas relações. No entanto, o estabelecimento de novas relações

também pode implicar transformações a nível dos modelos internos dinâmicos. Se a segurança da vinculação tende a facilitar as acomodações necessárias nos modelos internos dinâmicos, o estabelecimento de novas relações, quer durante a adolescência, quer durante a idade adulta, pode constituir uma ocasião significativa para reavaliar vinculações precoces, nomeadamente quando estabelecidas de um modo inseguro (Rodrigues et al., 2004).

São os modelos internos dinâmicos (MID), que conduzem as expectativas, comportamentos e processamento de informação, sentimentos e a regulação emocional em situações de relevância no que diz respeito à vinculação (Bretherton & Munholland, 1999). Os jovens devem desenvolver a capacidade de construir intimidade com os outros, através de novas relações de amizade e amorosas, aumentando assim a sua rede de apoio (Collins et al., 1997). No entanto os jovens adultos que construíram um modelo seguro de si e dos outros, com confiança estão mais confortáveis para desenvolverem relações íntimas com os pares. E em contrapartida os que construíram um modelo inseguro de si e dos outros, são capazes de desenvolver algumas relações íntimas, mas com entraves na sua autonomia e na dos pares (Cassidy & Shaver, 2002).

No estudo de Bartholomew e Horowitz (1991), é descrito um novo modelo sobre os estilos de vinculação em idade adulta com base na teoria desenvolvida por Bowlby (1973, 1980, 1982), onde são postulados dois tipos de modelos de funcionamento interno - um modelo interno de si mesmo e um modelo interno dos outros. Cada modelo interno poderá ser dicotomizado como positivo ou negativo, de modo a produzirem quatro estilos de vinculação teóricos. O modelo do self e o modelo do outro, conforme conceituado por Bowlby, podem ser combinados para descrever formas prototípicas de vinculação adulta (Bartholomew, 1990). Se o modelo do self for dicotomizado como positivo ou negativo (self digno de amor e apoio ou não) e o modelo do outro for dicotomizado como positivo ou negativo (pessoas vistas como confiáveis e disponíveis ou vistas como não confiáveis e rejeitadas), poderão ser conceituadas quatro combinações.

Segundo Bartholomew e Horowitz (1991) a positividade do modelo de self indica o grau em que os indivíduos internalizam um senso de seu próprio valor e, portanto, esperam que outros respondam-lhes positivamente; assim, o modelo de self está associado ao grau de ansiedade e dependência vivenciado em relacionamentos próximos. A positividade do outro modelo indica o grau em que se espera que os outros sejam geralmente disponíveis e solidários, assim, este modelo está associado à tendência em buscar ou evitar a proximidade nos relacionamentos. Ambos os modelos representam expectativas gerais sobre o valor próprio e a disponibilidade dos outros.

Os quatro estilos de vinculação são conceituados como estratégias prototípicas para regular a segurança sentida em relacionamentos próximos. Apresenta dois estilos de vinculação marcados pela hesitação: indivíduos com um estilo de vinculação amedrontado, desenvolve representações negativas tanto de si quanto dos outros e apresentam elevados níveis de ansiedade e de evitação nos relacionamentos íntimos; indivíduos com um estilo de vinculação desinvestido, manifestam uma representação positiva de si, vêm-se como indivíduos independentes que não precisam dos outros e nem se sentem confortáveis na proximidade com os outros. No entanto, manifestam uma representação negativa em relação aos outros, devido a uma interação com as figuras de vinculação caracterizada por uma ausência de resposta ao nível dos cuidados e da segurança. Apresentam baixos níveis de ansiedade e altos níveis de evitação. Em contrapartida, indivíduos com um estilo de vinculação seguro, desenvolvem representações positivas de si e dos outros, devido ao estabelecimento de uma interação positiva, caracterizada por proteção e conforto com as figuras de vinculação e apresentam baixos níveis de ansiedade e de evitação. Indivíduos com um estilo de vinculação preocupado, mantêm uma representação negativa de si, mas positiva em relação aos outros, devido a uma interação com as figuras de vinculação caracterizada por respostas inconsistentes, veem os outros como pessoas capazes de demonstrar afeto, cuidado e atenção e se veem como pessoas não merecedoras, apresentam elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitação (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994a/b).

Cada um dos estilos de vinculação ilustrado na figura 1. é caracterizado por um padrão distinto de regulação emocional e comportamento interpessoal. Indivíduos com um estilo de vínculo amedrontado, são altamente dependentes dos outros para validação do seu valor próprio, são inseguros e vulneráveis, demonstram vontade de proximidade, mas, com medo de serem rejeitados, evitam as relações de proximidade, de modo a evitarem a dor da perda. Os indivíduos com um estilo de vínculo desinvestido, tendem a negar as necessidades do vínculo, evitam a proximidade, a intimidade e a dependência de relações próximas, devido a expectativas negativas.

Indivíduos com um estilo de vinculação preocupado, são caracterizados pela dependência emocional, os seus relacionamentos íntimos são baseados por uma procura excessiva de proximidade, grande necessidade de atenção, falta de autoestima e autoconfiança. No entanto, o seu outro modelo positivo motiva-os a validar a sua autoestima precária devido à proximidade excessiva nas relações pessoais, deixando-os vulneráveis a sofrimento extremo quando as suas necessidades de intimidade não são atendidas. Tanto os indivíduos preocupados

quanto os amedrontados, apresentam um sentimento profundo de indignidade. Por fim, indivíduos com um estilo de vinculação seguro, têm uma percepção positiva de si mesmos e dos outros, são caracterizados por um sentimento internalizado de autoestima e conforto com a intimidade nos relacionamentos íntimos o que os torna pessoas capazes de dar e receber carinho, cuidado e atenção (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994a/b).

		MODELO DE AUTO (Dependência)	
		Positivo (Baixo)	Negativo (Alto)
MODELO DO OUTRO (Evitação)	Positivo (Baixo)	SEGURO Confortável com a intimidade e a autonomia	PREOCUPADO Preocupado com os relacionamentos
	Negativo (Alto)	DESINVESTIDO Dispensa-descarta a intimidade Contra-dependente	AMEDRONTADO Com medo da intimidade e socialmente evasivo

Figura 1. Modelo de estilos de vinculação adulto de Bartholomew & Horowitz, (1991)

Os estilos de vinculação influenciam a capacidade de o indivíduo identificar, processar, regular e lidar com emoções, colocando-os em maior risco de serem impulsivamente agressivos e violentos (Morey et al., 2013). Os estilos de vinculação desinvestido, amedrontado e preocupado estão significativamente associados tanto à perpetração quanto à vitimação de ciberabuso no namoro (Spencer et al., 2021). Os adolescentes tendem a apresentar um estilo de vinculação ansioso em relação aos seus parceiros íntimos, levando assim à perpetração de ciberabuso no namoro (Bui & Pasalich, 2018). Os indivíduos que possuem uma vinculação ansiosa ou evitante apresentam elevados índices de sintomas depressivos e stress (Lancaster et al., 2020; Machimbarrena et al., 2018; Smith et al., 2018). A vinculação insegura está relacionada com a ansiedade e desencadeia pensamentos negativos (Toplu-Demirtaş et al. 2022; Watkins et al., 2018). Pelo contrário, os indivíduos que apresentam uma vinculação segura desenvolvem relacionamentos amorosos seguros em idade adulta (Toplu-Demirtaş et al., 2022).

Uma revisão sistemática sobre a ligação entre a violência do parceiro íntimo e os estilos de vinculação realizada pela Velotti et al. (2018) concluiu que os comportamentos agressivos podem ser uma estratégia de regulação utilizada pelos indivíduos ansiosos e que os perpetradores e as vítimas apresentam um estilo de vinculação ansioso ou evitante.

De acordo com Ainsworth (1989), é pela competência pessoal que o jovem adulto vai desenvolvendo ao longo da sua infância e da sua adolescência, com as relações de vinculação de qualidade, e pela qualidade da sua rede relacional, que este estará equipado dos recursos pessoais e relacionais necessários para a realização das tarefas da juventude.

1.2.2. Estilo de vinculação preocupado e o ciberabuso no namoro

A cultura de cada país envolve diferentes tipos de comportamentos, hábitos e estratégias como padrões sociais na vida adulta que são considerados aceitáveis para um determinado grupo social e que acabam por moldar os estilos de vinculação ao longo da vida e dos relacionamentos íntimos (Kitayama et al., 1997). Segundo Granqvist. (2021), “as relações de vinculação seguras fornecem um contexto ideal para a transmissão cultural intergeracional e para a aprendizagem social.” Ambas estão relacionadas a um estilo de vinculação de modo a satisfazer as suas necessidades de proximidade emocional. Diferentes culturas e contextos sociais apresentam diferentes noções das maneiras aceitáveis pelas quais as relações são estabelecidas com uma figura de vinculação (López-de-la-Nieta et al., 2021).

Os países da região mediterrânica caracterizam-se por uma grande diversidade étnica, religiosa, cultural e histórica. Portugal apesar de não ser banhado pelo Mar Mediterrâneo apresenta as mesmas características (Pace et al., 2016). Posto isto, verificou-se no estudo de Hoenicka et al. (2022) a existência de uma elevada prevalência do estilo de vinculação preocupado tanto na Europa Ocidental quanto no Norte da Europa, sendo mais prevalente em culturas mediterrâneas.

Segundo Moreira et al. (2006), indivíduos que apresentam um estilo de vinculação preocupado, apresentam uma maior probabilidade de envolvimento em relacionamentos extremamente conflituosos, por manifestarem um forte desejo de proximidade, proteção, e profunda preocupação sobre a disponibilidade do parceiro íntimo e o seu valor para o mesmo. Tendem a serem indivíduos que revelam pouca coerência na sua forma de pensar e de agir, apresentam um discurso muito elaborado, porém incongruente. No estabelecimento dos seus relacionamentos tendem a idolatrar os parceiros íntimos e estão constantemente em busca de algo que os ajude a elevar a sua autoestima, o que os torna indivíduos extremamente dependentes, levando-os assim ao estabelecimento de relações com os outros. Apresentam uma baixa autoconfiança e quando sujeitos a situações de separação, apresentam elevados níveis de ansiedade. As suas estratégias de resolução de problemas implicam o recurso aos outros. São exigentes nos seus relacionamentos íntimos, procuram ativamente companhia e atenção, experienciando, contudo, sentimentos de falta de valorização pessoal por parte dos outros. Os relacionamentos íntimos são prioritários na sua vida pessoal, sendo este o seu foco primordial e acabando por sufocar o parceiro. São indivíduos caracterizados como ciumentos e possessivos, apresentam uma representação negativa sobre si, mas um olhar extremamente positivo sobre os outros.

Como já referido anteriormente o ciberabuso no namoro é definido como uma forma de controlo, assédio, perseguição e abuso por parte de um parceiro/a amoroso/a através das novas tecnologias e das redes sociais (Caridade & Braga, 2019). Sendo que os jovens adultos que apresentam um estilo de vinculação preocupado estão associados a uma maior vulnerabilidade perante esta nova forma de agressão, devido à sua ansiedade e inseguranças nos seus relacionamentos íntimos, tornando-as pessoas mais suscetíveis aos comportamentos online abusivos. São indivíduos que por norma demonstram as suas emoções de forma exagerada, são impulsivos e intrusivos e procuram obter a atenção dos outros como fonte de proteção (Fracazzo & Toni, 2023).

1.3. Saúde Mental como fator de risco do ciberabuso

A adolescência é considerada um período crítico no seu desenvolvimento, devido a mudanças a nível do desenvolvimento e emocional, e com consequências a nível da regulação comportamental e emocional (Morais et al, 2022). É durante o processo de desenvolvimento que aparecem os primeiros sintomas de perturbações mentais que permanecem maioritariamente até à idade adulta (Waltereit et al., 2018). A OMS em 2018 estimou que em todo o mundo cerca de 10% a 20% dos adolescentes apresentavam algum tipo de perturbação associada à saúde mental (OMS, 2018).

A ausência de mecanismos de regulação emocional durante a adolescência que permitem aos indivíduos adaptarem-se às situações de stress, leva a uma maior incidência e prevalência de perturbações mentais devido à pressão social exercida pelos estilos de vida atuais (OMS, 2022; Young et al., 2019). Ambientes de discriminação, pobreza, abuso, violência e falta de acesso a apoio adequado em que os adolescentes estejam inseridos poderá despoletar uma maior incidência a problemas de saúde mental (OMS, 2022).

Segundo a OMS em 2017, “a saúde mental refere-se a um bem-estar no qual o indivíduo desenvolve as suas habilidades pessoais, consegue lidar com o stress do quotidiano, trabalha de forma produtiva, encontra-se apto a dar a sua contribuição à comunidade e é influenciada por fatores genéticos, biológicos, sociais e ambientais.” Relativamente às perturbações mentais, nomeadamente depressão, ansiedade e stress, continuam a ser um dos mais importantes desafios da saúde pública na atualidade (Conselho Nacional de Saúde [CNS], 2019). No estudo de Pinto et al. (2015) com jovens adultos portugueses, registaram-se diferenças estatisticamente significativas nos níveis de ansiedade, depressão e stresse em função do sexo, idade, formação académica, e satisfação com a vida.

O *Health Behaviour in School-aged Children* (HBSC) foi um estudo realizado em colaboração com a OMS em Portugal, no ano de 2018, que contou com a participação de mais 44 países e apresentou uma amostra representativa de 6997 adolescentes e jovens adultos. A nível da saúde mental e bem-estar, os resultados indicaram que apesar da grande maioria dos participantes (81,7%) se considerarem pessoas felizes e satisfeitas com a vida, (27,6%) sentiam-se preocupados várias vezes ao dia, (21,8%) referiram que quando têm uma preocupação intensa esta por sua vez “não o larga” e “não o deixa ter calma para pensar em mais nada”, para além de terem identificado alguns sentimentos tais como: o “nervosismo” (13,6%), a “irritação” (12,6%), a “tristeza” (9,2%) e o “medo” (6,3%). Sendo que ainda (11,2%) referiram a toma, pelo menos uma vez no último mês, de medicação para o nervosismo, (9%) para a dificuldade em adormecer e (6,5%) para a tristeza.

Segundo Lovibond e Lovibond (1995) “a depressão é caracterizada principalmente pela perda de auto-estima e de motivação, e está associada com a perceção de baixa probabilidade de alcançar objetivos de vida que sejam significativos para o indivíduo enquanto pessoa.” Existindo assim a presença da tristeza, do vazio ou humor irritável, acompanhada de alterações somáticas e cognitivas que afetam de forma significativa a capacidade de funcionamento do indivíduo (American Psychiatric Association [APA], 2013, p.183).

Wright (2018), no seu estudo com 413 jovens analisou o potencial efeito moderador do apoio social percebido pelos pais na associação entre vitimização por ciberabuso, depressão e desempenho académico. Perante os resultados verificou-se a existência de uma relação entre o ciberabuso e a depressão, sendo que a perceção de um suporte social reduzido agravava esta sintomatologia. Verificou-se ainda, a existência de uma relação entre o ciberabuso e um baixo rendimento escolar.

Begotti e Maran (2019), verificaram no seu estudo com mais de 250 estudantes da Universidade de Turim, que cerca de metade dos participantes já tinham sido vítimas de pelo menos uma forma de ciberabuso e que entre eles, mais de metade já tinha sido vítima de mais do que uma forma de ciberabuso. Apresentando as vítimas de ciberabuso sintomatologia depressiva em relação aos participantes que nunca foram vítimas.

No estudo de Wolford-Clevenger et al. (2016), a vitimização no ciberabuso foi correlacionada com sintomas depressivos, sendo que a prevalência global de vitimização foi de 40% e não foram identificadas diferenças de género na vitimização. Estudo este que contou

com a participação de 502 estudantes universitários que se encontravam numa relação de namoro.

Segundo Lovibond e Lovibond (1995) “a ansiedade salienta as ligações entre os estados persistentes de ansiedade e respostas intensas de medo.” Está relacionada ao medo excessivo, em relação a uma ameaça iminente real ou percebida, vem acompanhada de tensão muscular e a estados de vigilância em preparação para perigos futuros, para além de comportamentos cautelosos e de evitamento (APA, 2013, p.223).

Devido aos resultados de Toplu-Demirtaş et al. (2022a), descobriu-se que 67% dos 390 estudantes universitários que participaram no estudo, utilizaram pelo menos um comportamento ciber abusivo em relação aos seus parceiros nos últimos 6 meses, indicando ainda que um elevado nível de ansiedade estava relacionado com uma maior desconfiança, antecipação da infidelidade do parceiro e ciúmes. Concluindo-se que existia uma ligação significativa entre a vitimização e a depressão. Como resultado, a relação entre estilos de vinculação e várias formas de violência de parceiros íntimos, incluindo o ciberabuso no namoro, foi sugerida por um número crescente de estudos (Duerksen & Woodin, 2021; Hellevik, 2019; Velotti et al., 2018).

Segundo Garthe et al. (2021), no seu estudo com 508 jovens maioritariamente de comunidades economicamente desfavorecidas em quatro locais nos Estados Unidos e de diferentes etnias (51% do sexo masculino), que namoraram nos últimos 3 meses. Os resultados indicaram que os jovens envolvidos na violência no namoro, apresentaram níveis significativamente elevados de sintomas depressivos e ansiosos do que aqueles com baixo envolvimento.

As relações entre as dimensões afetivas negativas, ansiedade e depressão, têm sido consideradas importantes no ponto de vista da saúde mental uma vez que a ansiedade costuma estar estreitamente associada aos sintomas de depressão. Em Portugal apresentam uma elevada prevalência, sendo considerado problema de saúde pública (Chyczij et al., 2020).

Segundo Lovibond e Lovibond (1995), “o stress sugere estados de excitação e tensão persistentes, com baixo nível de resistência à frustração e desilusão.” Os resultados do estudo de Rensburg (2017), com jovens adultos, indicaram que o ciberabuso teve um grande impacto a nível psicológico sobre as vítimas, sendo que o que mais prevaleceu foi a depressão, mágoa, paranoia, insônia, traição, raiva, medo e o stress.

O estudo de Worsley et al. (2017), analisou 100 narrativas das vítimas de ciberabuso recolhidas através de uma pesquisa *online* com o objetivo de avaliar as implicações a nível da saúde mental e do bem-estar. Os resultados indicaram que o impacto emocional do ciberabuso incluía predominantemente níveis elevados de ansiedade, depressão e stress pós-traumático, afetando aspetos psicológicos, sociais, interpessoais e económicos nas suas vidas.

Os jovens adultos estudantes universitários estão cada vez mais propensos a desenvolverem perturbações mentais, devido a possuírem diversas inseguranças e preocupações nessa fase da vida. Para além de que, são poucos os que procuram ajuda com medo do estigma que isso poderá trazer (da Silva Louzada & de Souza Pacheco, 2022). Em uma pesquisa realizada a 19 universidades de 8 países (Austrália, Bélgica, Alemanha, México, Irlanda do Norte, África do Sul, Espanha e Estados Unidos) por Auerbach et al. (2018), com o objetivo de estimar a prevalência e os correlatos sociodemográficos básicos de perturbações mentais comuns entre estudantes universitários do primeiro ano. Contou com a participação de 13 984 jovens adultos e os resultados indicaram que aproximadamente um terço dos estudantes do primeiro ano que participaram da pesquisa já tinham experienciado pelo menos uma ou mais perturbações mentais (35,3% ao longo da vida, 31,4% 12 meses).

1.4. O efeito da pandemia Covid-19 nas relações de ciberabuso

A pandemia de COVID-19, assim denominada por ter sido identificada em dezembro de 2019 pelo governo chinês, foi gerada pelo coronavírus denominado como *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-COV-2)* (Liang, 2020; OMS, 2020). No entanto, a OMS no dia 11 de março de 2020, declarou a doença causada pelo vírus *SARS-CoV-2* uma pandemia e desde essa altura o mundo vive o desafio de enfrentar essa doença infecciosa e grave (Grolli et al., 2021).

Adicionalmente, foram adotadas algumas medidas preventivas na maioria dos países para o controle da propagação do *SARS-CoV-2*, entre elas as restrições colocadas à circulação, fecho de escolas, universidades, instituições públicas e as medidas de distanciamento social (Fornari et al., 2021). Passando a ser quase impraticável o convívio com amigos e familiares ou a simples participação em eventos de lazer (Enumo et al., 2020). Levando também à implementação de teletrabalho em muitas empresas de modo a limitar a sua disseminação (OMS, 2020).

Apesar das medidas adotadas terem sido mecanismos preventivos essenciais, promoveram sentimentos de solidão, influenciaram o surgimento ou a exacerbação de

perturbações psiquiátricas (Pereira et al., 2022) e levaram ao surgimento de problemas psicológicos tais como: a depressão, a ansiedade e o stress (El-Serag e Thurston, 2020; Primo, 2020; Viero et al., 2021; Xiao, 2020). Segundo o estudo de Wang et al. (2020), realizado com jovens adultos, em 194 cidades na China, numa amostra de 1210 participantes, (53,8%) classificaram o impacto psicológico como moderado ou severo, relatando sintomas moderados ou severos de ansiedade (28,8%), depressão (16,5%) e stress (8,1%), com diferenças significativas para o sexo feminino.

Em Portugal devido ao surto pandémico de Covid-19 em 2020, o Instituto Nacional de Estatística (INE), realizou um inquérito sobre a utilização de tecnologias da informação e da comunicação (TIC) nas famílias, verificando um aumento significativo de utilização de internet. A prolongada utilização das tecnologias entre os adolescentes em relacionamentos amorosos aumentou a vulnerabilidade ao ciberabuso no namoro (Zweig et al., 2014). Uma vez que os comportamentos íntimos violentos surgem tanto em ambientes *offline* como *online* (Taylor & Xia, 2018), e algumas das razões comuns por detrás desses comportamentos estão relacionadas à necessidade de controlo dos perpetradores devido aos ciúmes, perturbações psicológicas, baixa autoestima, baixo controlo emocional e controlo da raiva, crenças culturais, infidelidade ou sentimentos de inferioridade (Deans & Bhogal, 2019; Nemeth et al., 2012; Pichon et al., 2020).

Verificando-se ainda que os estudantes universitários durante o período pandémico apresentaram níveis significativamente mais elevados de depressão, ansiedade e stress, comparativamente ao período normativo. Existindo assim um impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes (Maia & Dias, 2020). Segundo o estudo realizado por Carneiro et al. (2022), com uma amostra de 149 jovens adultos estudantes universitários em contexto pandémico, os resultados indicaram que (28%) dos estudantes demonstraram alguns sentimentos de baixa realização pessoal, (26%) sentimentos de solidão, (42%) sentimentos de depressão, (17%) falta de confiança em si próprio e (26%) sentem que os seus níveis de energia são baixos ou extremamente baixos. O contexto pandémico trouxe vários desafios aos jovens adultos, a perceção de sentimentos de nervosismo, ansiedade ou tensão durante o confinamento foi identificada por 51% dos estudantes e 43% referiram sentirem-se incapazes de controlar as suas preocupações/emoções.

Sendo também importante abordar a potencial exacerbação do ciberabuso no namoro durante a pandemia COVID-19, uma vez que vários estudos já apontaram os efeitos adversos

da pandemia relacionados ao aumento das taxas de violência entre parceiros íntimos (Evans et al., 2020; Viero et al., 2021). No entanto, pouco se sabe em relação aos fatores por detrás das causas do ciberabuso no namoro. Inclusivamente, este estudo visa compreender como é que a pandemia afetou o ciberabuso no namoro entre os jovens adultos em Portugal, através de quatro perguntas destinadas a investigar se esses comportamentos se intensificaram durante a pandemia em comparação com o período anterior à pandemia COVID-19.

O ciberabuso no namoro ainda é uma área de investigação muito recente em Portugal, necessitando de um conhecimento mais aprofundado da literatura de forma que exista maior compreensão relativamente ao surgimento de problemas psicológicos associados ao ciberabuso.

Capítulo II. Metodología

2.1. Delineamento do estudo

A presente investigação utilizou um desenho metodológico de natureza quantitativa, de carácter descritivo, analítico, transversal e correlacional, uma vez que se pretende explorar e determinar a existência de relações entre as variáveis, através de técnicas estatísticas, com a finalidade de as descrever.

Utilizou-se um desenho metodológico de natureza quantitativa, por apresentar características que permitem aos investigadores terem um maior controlo sobre o contexto, interagir com o objeto de estudo com neutralidade e com objetividade e analisar os dados através da análise estatística a fim de explicar os fenómenos e conhecer uma situação, tal como ela existe no momento do estudo (Almeida e Freire 2008 e Gunther, 2006). Descreve a situação da amostra num determinado momento e por isso é frequentemente classificado como descritivo, e de corte transversal, uma vez que os dados foram recolhidos uma única vez, através de um questionário sociodemográfico e três questionários de autorrelato de acesso *online*. Este tipo de questionário permite a recolha de uma larga quantidade de dados de forma rápida, segura e anónima dos participantes e fornece valores numéricos acerca dos resultados, influenciando assim a interpretação dos mesmos (Ribeiro, 2010).

O objetivo geral deste estudo é de analisar os fatores associados ao ciberabuso no namoro entre jovens adultos estudantes universitários em Portugal, investigando como é que os estilos de vinculação e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress) estão relacionados com o ciberabuso no namoro, além de uma série de variáveis sociodemográficas (género, idade, nacionalidade). Foi realizado também um grupo de perguntas de modo a analisar os comportamentos *online* dos jovens, como resultado da recente pandemia COVID-19 nas relações de ciberabuso. O ciberabuso no namoro tem-se mostrado um problema dominante entre jovens adultos e relevante para os investigadores (Leadbeater et al., 2018).

Para se alcançar o objetivo geral, propõem-se os seguintes objetivos específicos: (1) Verificar a ligação entre os estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos, as dimensões do ciberabuso e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress); (2) Verificar se existe uma ligação significativa entre os fatores sociodemográficos (idade dos participantes e o tempo que passam nas redes sociais) e as dimensões do ciberabuso; (3) Verificar se existe uma diferença estatisticamente significativa entre o género e as variáveis do estudo; e (4) Verificar o papel mediador do ciberabuso na relação com a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress) e com os estilos de vinculação.

De modo a se proceder à análise dos objetivos anteriormente descritos neste estudo, foram formuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 - Espera-se que os estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos apresentem uma correlação significativa com as dimensões do ciberabuso no namoro e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress);

Com base em alguns estudos verificou-se que problemas relacionados aos estilos de vinculação, ciúmes e violência nos relacionamentos íntimos são preditores significativos para comportamentos de ciberabuso (Strawhun et al., 2013), que jovens adultos que apresentam níveis mais elevados de ansiedade tendem a perpetuar abuso emocional nos relacionamentos íntimos devido ao ciúme e à raiva sentida pelo parceiro (Goncy & van Dulmen., 2016) e que o ciberabuso e a depressão apresentam uma correlação significativa entre jovens adultos estudantes universitários que apresentem níveis baixo de suporte social (Wright., 2018).

Hipótese 2 - Espera-se que os fatores sociodemográficos (idade dos participantes e tempo que passam nas redes sociais), e as dimensões do ciberabuso apresentem uma correlação significativa;

Relativamente à variável sociodemográfica idade dos participantes verificou-se em alguns estudos que jovens adultos de faixa etária compreendida entre os 18 e os 25 anos apresentam maior tendência para comportamentos de ciberabuso (Smith et al., 2018; Watkins et al., 2016). Relativamente ao tempo que passam nas redes sociais verificou-se no estudo de Monteiro et al. (2023) que o tempo de lazer *online* teve um efeito positivo sobre o ciberabuso no namoro por agressão direta, tanto em termos de vitimização quanto de perpetração. No que diz respeito ao tempo de lazer *online*, parece haver um consenso na literatura de que uma maior utilização das redes sociais parece estar positivamente associada a comportamentos de perpetração e vitimização por controlo (Van Ouytsel et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2018).

Hipótese 3 - Espera-se que exista uma diferença estatisticamente significativa entre o género e as variáveis do estudo;

Relativamente à saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress) verificou-se com base em investigações anteriores que o sexo feminino apresentou maior prevalência de stress psicológico em vários domínios da sua vida e de sintomatologia ansiosa em comparação ao sexo masculino (Moccia et al., 2020; Park et al., 2020; Savitsky et al., 2020). E num estudo realizado em Portugal por Maia & Dias., (2020) com estudantes universitários durante o período

pandémico verificou-se que o sexo feminino apresentou níveis mais elevados de ansiedade, depressão e stress em comparação ao sexo masculino.

Relativamente às dimensões do ciberabuso verificou-se que existe uma maior probabilidade de o sexo feminino apresentar taxas mais elevadas de vitimização de ciberabuso (Caridade & Braga., 2020; Peterson & Densley, 2017; Zweig et al., 2013) enquanto o sexo masculino apresenta maior probabilidade de se tornarem perpetradores (Reed et al., 2017; Caridade & Braga, 2019; Jaen-Cortés et al., 2017; Jiménez et al., 2017). No entanto Reyns & Fisher, (2018), no seu estudo com estudantes universitários concluíram segundo os resultados obtidos na análise específica relacionada ao género que a vitimização por perseguição *offline* foi um preditor significativo de vitimização *online* para o sexo feminino.

Hipótese 4. Verificar o papel mediador do ciberabuso no namoro na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários. Como não existe uma escala total para o ciberabuso no namoro, o presente estudo vai dividir a H4 em 4 dimensões como segue abaixo:

H4a - Verificar o papel mediador da agressão direta da vítima na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários;

H4b - Verificar o papel mediador da agressão direta do perpetrador na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários;

H4c - Verificar o papel mediador do controlo da vítima na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários;

H4d - Verificar o papel mediador do controlo do perpetrador na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários;

Sendo a preocupação um sentimento de apreensão ou inquietação em relação a um acontecimento, poderá se desencadear por diversos motivos, tais como: incerteza sobre o futuro, eventos stressantes ou experiências passadas. Apesar de ter como função nos distanciar do perigo e sendo uma resposta do nosso cérebro a potenciais ameaças. A preocupação quando presente em excesso acaba por interferir com a capacidade de os indivíduos realizarem as suas atividades diárias, podendo resultar em elevados níveis de ansiedade, tensão muscular, irritabilidade, problemas em dormir e a uma maior agitação motora. Verificou-se no estudo HBSC em 2018, que a população portuguesa indicou se sentir diariamente preocupada,

podendo acontecer várias vezes ao longo do seu dia, identificando-a também por vezes como uma preocupação intensa.

Além disso, o estudo de Hoenicka *et al.* (2022), explica que os indivíduos das culturas do Mediterrâneo Ocidental estão mais focados na socialização e na interdependência extrafamiliar. E que os países do sul da Europa, como Portugal, apresentam uma maior dependência de parcerias sociais e românticas, começando essas relações em idades mais jovens, à medida que conferem uma maior importância à identidade social. Estas expectativas culturais mais elevadas traduzem-se num maior desejo de estabelecer e manter relações de namoro, levando a níveis mais elevados de ansiedade, que por sua vez se refletem em estilos de vinculação preocupados e amedrontados.

Indivíduos com um estilo de vinculação preocupado, procuram apoio social quando se sentem ameaçados e tendem a exigir níveis exagerados de assistência (Mikulincer and Shaver, 2007). Diversos estudos relacionaram o estilo de vinculação preocupado ao aumento do sofrimento psicológico (Cole-Detke and Kobak, 1996), à visão negativa de si mesmo, ao baixo autocontrolo e à dependência interpessoal (Bartholomew e Horowitz, 1991). Por exemplo, indivíduos preocupados desejam intimidade, mas tendem a ficar enredados, perdendo a sua independência numa relação romântica, e a obter aprovação constante dos outros, o que os torna mais propensos à vitimização (Moreira et al., 2006). Tendo sido este estilo de vinculação escolhido para estudo, devido à sua relevância e à falta de estudos sobre esta temática.

2.2. Participantes

O presente estudo atingiu uma amostra total de 302 participantes jovens adultos, estudantes universitários residentes em Portugal. Foram definidos como critérios de inclusão: (a) alunos inscritos numa universidade privada ou pública de Portugal; (b) com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos; (c) que estão/estiveram num relacionamento amoroso por um período mínimo de 6 meses; (d) residentes em Portugal; e (e) que utilizem diariamente as redes sociais. Foi escolhida esta faixa etária para estudo, visto o pico preocupante de ocorrência de comportamentos abusivos ocorrer entre os 18 e os 30 anos, período que coincide com a entrada para a universidade (Borrajo et al., 2015; Smith et al., 2018; Watkins et al., 2018). E como critérios de exclusão: (a) alunos que não frequentem a universidade no momento da recolha de dados por motivos pessoais; (b) alunos com mais de 30 anos de idade; (c) que nunca estiveram numa relação amorosa; e (d) que não dominem com fluência a língua portuguesa. A presente amostra é composta de 244 mulheres (80,8%) e 58 homens (19,2%). Relativamente à

nacionalidade, maioritariamente (n=238) os participantes têm uma nacionalidade portuguesa (78,8%), e 28 participantes têm nacionalidade respetivamente cabo-verdiana (9,3%), brasileira (6,3%), angolana (3,6%) e outras (2%). Quanto à situação relacional, 189 participantes encontram-se numa relação de namoro (62,6%) e 113 não se encontravam numa relação de namoro (37,4%).

2.3. Instrumentos

O presente estudo recebeu aprovação para utilização de todos os instrumentos inseridos neste projeto. As escalas e os questionários selecionados para este estudo foram: Questionário Sociodemográfico; Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (*CDAQ - Cyber Dating Abuse Questionnaire* de Borrajo et al., 2015, traduzida e adaptada por Caridade & Braga, 2019); Questionário de Estilo de Relacionamento (*RSQ- Relationship Style Questionnaire* de Griffin & Bartholomew, 1994, traduzida e adaptada por Assis, 2018); Escala de Ansiedade, Depressão e Stress – versão reduzida (*DASS 21 - Depression Anxiety Stress Scales* de Lovibond & Lovibond, 1995, traduzida e adaptada por Ribeiro et al., 2004).

2.3.1. Questionário sociodemográfico

O questionário foi elaborado especificamente para o presente estudo, com base no questionário sociodemográfico de Maftai & Danila (2021). Teve como objetivo identificar o género dos participantes, idade, nacionalidade, as horas por eles passadas *online*, se naquele momento estavam em algum relacionamento amoroso, a principal utilização na internet (Redes Sociais, Pesquisas, *Youtube*, Ligação com os seus contactos e outros), assim como 6 perguntas de modo a analisar os comportamentos *online* praticados: “Alguma vez carregou/publicou uma fotografia/vídeo *online* sem permissão?”; “Alguma vez espalhou mensagens contendo insultos ou maus rumores entre colegas de turma ou conhecidos?”; “Alguma vez criou um falso perfil *online*?”; “Já caluniou alguém alguma vez ao telefone?”; “Alguma vez já enviou mensagens insultuosas ou abusivas ou *e-mails*?” e por fim “Já enviou mensagens sexuais alguma vez?”. Além disso, adicionou-se quatro perguntas destinadas a analisar se todos os comportamentos anteriormente descritos intensificaram-se durante a pandemia COVID-19, em comparação ao período anterior: “Todos os comportamentos anteriormente descritos intensificaram-se durante a pandemia COVID-19, em comparação ao período anterior”; “Durante a pandemia não me importei de usar uma linguagem ofensiva *online*, por ser anónima”; “Achei fácil, durante a pandemia, escrever comentários insultuosos por não haver repercussões”; “Durante a pandemia não existir regras, pode fazer o que quis *online*.”

2.3.2. Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN)

Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CDAQ - *Cyber Dating Abuse Questionnaire* de Borrajo et al., 2015, traduzida e adaptada para a população portuguesa da Caridade & Braga, 2019). No presente estudo o CibAN pretende avaliar o ciberabuso nos relacionamentos amorosos, investigando-se a reciprocidade do mesmo (em termos de vitimação e perpetração) e a possibilidade de se obter informação acerca de vários comportamentos associados como (ameaças, roubo de identidade, controlo e humilhação), (Caridade e Braga, 2019). Trata-se de uma medida de autorrelato constituída por 40 *itens*, sendo que 20 *itens* se destinam a avaliar o indicador de vitimização (“O/a meu/minha parceiro/a ou ex-parceiro/a já escreveu um comentário numa rede social para me insultar ou humilhar.”) e outros 20 possibilitam estimar o indicador de perpetração (“Eu já escrevi um comentário numa rede social para insultar ou humilhar o/a meu/minha parceiro/a ou ex-parceiro/a.”) (Caridade e Braga, 2019). O sistema de resposta aos 20 *itens* é realizado com recurso a uma escala de tipo *Likert* de 6 pontos (1 = “Nunca” e 6 = “Muitas vezes: mais de 20 vezes”). Os fatores que integram o instrumento revelaram possuir boa fiabilidade, variando entre um alfa de 0.73 e um alfa de 0.87 (Caridade e Braga, 2019).

2.3.3. Questionário de Estilo de Relacionamento (QER)

Questionário de Estilo de Relacionamento (RSQ- *Relationship Style Questionnaire* de Griffin & Bartholomew, 1994, traduzida e adaptada por Assis, 2018). O questionário tem como objetivo avaliar os estilos de vinculação românticos dos participantes. Foi escolhido devido às suas propriedades psicométricas comprovadamente confiáveis em diversos contextos culturais e faixas etárias e pela sua ampla utilização em pesquisas sobre os vínculos entre os estilos de vinculação e violência doméstica (por exemplo, Johnson, 2019). É constituído por 30 *itens* numa escala tipo *Likert* que varia entre 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), (Assis, 2018). As respostas foram utilizadas de forma a criar uma pontuação composta para cada uma das quatro subescalas referentes ao estilo de vinculação, ou seja, seguro, amedrontado, preocupado e desinvestido, (Assis, 2018). Os *itens* de exemplo incluem "Acho fácil aproximar-me emocionalmente dos outros" (seguro); "Tenho receio de me magoar se me aproximar muito das outras pessoas" (amedrontado); "Eu me preocupo que os outros não me valorizem tanto quanto eu os valorizo" (preocupado) e "É muito importante para mim me sentir independente" (desinvestido), (Assis, 2018). O questionário apresenta uma boa consistência interna para a versão portuguesa com valores de alfa de *Cronbach* de 0,789. Este questionário

foi utilizado com 11 cidadãos portugueses de forma a testar a compreensão da escala em português de Portugal.

2.3.4. Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS)

Escala de Ansiedade, Depressão e Stress – versão reduzida (*DASS-21 - Depression Anxiety Stress Scales* de Lovibond & Lovibond, 1995, traduzida e adaptada por Ribeiro et al., 2004). Neste estudo será utilizada a EADS-21 com o objetivo de avaliar e diferenciar os estados emocionais negativos associados à depressão, ansiedade e stress. Este instrumento organiza-se em três escalas – depressão, ansiedade e stress, cada um deles apresenta 7 *itens*, num total de 21 *itens*, (Ribeiro et al., 2004). Solicitando-se aos participantes que avaliem com base na frequência como experienciaram cada sintoma durante a última semana (Ribeiro et al., 2004; Lovibond & Lovibond, 1995). Os *itens* de resposta estão organizados segundo uma escala tipo *Likert* de 4 pontos (de 1 = “Não se aplicou nada a mim” a 4 = “Aplicou-se a mim a maior parte das vezes”). Os resultados de cada escala são determinados pela soma dos resultados dos 7 *itens*. A escala apresenta uma boa consistência interna para a versão portuguesa com valores de alfa de *Cronbach* de 0,85 para a escala de depressão, 0,74 para a de ansiedade e de 0,81 para a de stress (Ribeiro et al., 2004). As suas propriedades psicométricas são comprovadamente confiáveis e eficientes. De acordo com os objetivos delineados para o presente projeto serão utilizadas as três subescalas visto apresentarem as medidas consistentes para medir as variáveis em estudo.

Tabela 1. Descrição do Questionário do Ciber Abuso no Namoro - CAN				
Dimensões	Cotação	Exemplo	α original	α projeto
Agressão Direta da Vítima	11 <i>Itens</i> Escala <i>Likert</i> : 1 = “Nunca” 6 = “Muitas vezes: mais de 20 vezes”	O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já ameaçou agredir-me fisicamente através das novas tecnologias.	Entre 0.73 e 0.87	.894
Agressão Direta Perpetrador	11 <i>Itens</i> Escala <i>Likert</i> : 1 = “Nunca” 6 = “Muitas vezes: mais de 20 vezes”	Eu já ameacei agredir fisicamente o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) através das novas tecnologias.	Entre 0.73 e 0.87	0,840
Controlo Vítima	9 <i>Itens</i> Escala <i>Likert</i> : 1 = “Nunca” 6 = “Muitas vezes: mais de 20 vezes”	O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já controlou as atualizações no meu perfil da rede social.	Entre 0.73 e 0.87	0,922
Controlo Perpetrador	9 <i>Itens</i> Escala <i>Likert</i> : 1 = “Nunca” 6 = “Muitas vezes: mais de 20 vezes”	Eu já controlei as atualizações no perfil da rede social do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a).	Entre 0.73 e 0.87	0,860

Tabela 2. Descrição da Escala de Ansiedade, Depressão e Stress - EADS				
Dimensões	Cotação	Exemplo	α original	α projeto
Ansiedade	7 <i>Itens Escala Likert</i> : 1 = “Não se aplica nada a mim” 4 = “Aplicou-se a mim a maior parte das vezes”	Senti a minha boca seca.	0,74	0,920
Depressão	7 <i>Itens Escala Likert</i> : 1 = “Não se aplica nada a mim” 4 = “Aplicou-se a mim a maior parte das vezes”	Não consegui sentir nenhum sentimento positivo.	0,85	0,927
Stress	7 <i>Itens Escala Likert</i> : 1 = “Não se aplica nada a mim” 4 = “Aplicou-se a mim a maior parte das vezes”	Tive dificuldades em me acalmar.	0,81	0,927

Tabela 3. Descrição do Questionário de Estilos de Relacionamento - QER				
Dimensões	Cotação	Exemplo	α original	α projeto
Seguro	5 <i>Itens Escala Likert</i> : 1 = “Discordo totalmente” 5 = “Concordo totalmente”	Acho fácil aproximar-se emocionalmente dos outros.	0,789	0,800
Amedrontado	4 <i>Itens Escala Likert</i> : 1 = “Discordo totalmente” 5 = “Concordo totalmente”	"Tenho receio de me magoar se me aproximar muito das outras pessoas"	0,789	0,812
Preocupado	4 <i>Itens Escala Likert</i> : 1 = “Discordo totalmente” 5 = “Concordo totalmente”	Eu me preocupo que os outros não me valorizem tanto quanto eu os valorizo.	0,789	0,802
Desinvestido	5 <i>Itens Escala Likert</i> : 1 = “Discordo totalmente” 5 = “Concordo totalmente”	É muito importante para mim me sentir independente.	0,789	0,787
*Item computado com valor invertido.				

2.4. Procedimentos

De modo a se proceder à realização do presente estudo, o projeto foi submetido à Comissão de Ética do Centro de Investigação em Psicologia (CIP) da Universidade Autónoma de Lisboa, e aprovado em abril de 2021. Em seguida, procedeu-se à realização do questionário *online* na plataforma digital *Google Forms*. O questionário foi disponibilizado nas várias plataformas digitais para estudantes universitários (principalmente na Universidade Autónoma de Lisboa), bem como nas redes sociais. O *link* foi partilhado em diversos grupos de estudantes universitários criados com o propósito de divulgar questionários académicos, enviado para as redes sociais de diversas universidades, e partilhado através da plataforma *WhatsApp* entre os estudantes universitários. O *link* continha uma breve descrição do estudo, relativamente aos seus objetivos, aos critérios de inclusão, à natureza voluntária da resposta e à confidencialidade

e anonimato dos dados. Foi de igual modo apresentado um consentimento informado logo ao início do questionário, sendo que os/as participantes apenas poderiam avançar com o respetivo preenchimento do instrumento após assinalarem (*item* de preenchimento obrigatório) a sua concordância com a participação no estudo. A confidencialidade dos dados foi garantida, respeitando as diretrizes constantes no Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP, 2011). O questionário *online* esteve disponível entre maio de 2022 e maio de 2023. O questionário estava dividido em duas partes. Na primeira parte estava o questionário sociodemográfico que continha o género, idade, nacionalidade, horas que passa *online* diariamente, se estava num relacionamento, o que utiliza principalmente na internet, 6 perguntas sobre o intuito do uso das redes sociais e 4 perguntas sobre o efeito da pandemia COVID-19 nas relações de ciberabuso, de modo a compreender se os comportamentos se intensificaram durante a pandemia em comparação com o período anterior à pandemia COVID-19. A segunda parte continha três questionários mencionados acima (Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN), Questionário de Estilo de Relacionamento (QER) e a Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS)).

2.5. Análise Estatística

A análise estatística foi realizada com recurso ao Programa *Statistical Package for Social Sciences for Windows (IBM-SPSS versão 29)*. Para a descrição da amostra e o estudo de alguns dados relativos aos comportamentos *online* praticados pelos participantes antes e durante a pandemia Covid-19, recorreu-se à estatística descritiva, nomeadamente ao cálculo das frequências relativas e absolutas. De modo a se proceder à escolha mais adequada dos procedimentos estatísticos, foi efetuada a análise da normalidade da distribuição e da homogeneidade das dimensões das três escalas utilizadas (CAN, EADS, QER) recorrendo-se assim ao teste de normalidade *Kolmogorov - Smirnov*. Os resultados indicaram que as distribuições das dimensões das escalas não cumpriam os pressupostos da distribuição normal e da homogeneidade das variâncias, apresentando o valor $< .001$. E analisou-se o Alfa de *Cronbach* para as escalas totais e as suas dimensões. Posto isto, procedeu-se à aplicação do teste de *Pearson*, uma vez que a distribuição não é normal para correlacionar as variáveis do presente estudo, estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos, as dimensões do ciberabuso e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress). Foi aplicado novamente o teste de *Pearson*, para correlacionar os fatores sociodemográficos (idade dos participantes e tempo que passam nas redes sociais), e as dimensões do ciberabuso. De modo a se proceder à diferença estatisticamente significativa entre o género e as variáveis do estudo, aplicou-se o teste *Mann-*

Whitney. E por fim para a mediação da saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress) na relação com os estilos de vinculação e as dimensões do ciberabuso procedeu-se ao cálculo da regressão e para isso foi necessário instalar no *SPSS* o *PROCESS Hayes* (2022). Uma vez que não existe uma escala total para a saúde mental, mas existem três dimensões: stress, ansiedade e depressão, a hipótese foi dividida em três modelos de mediação.

Capítulo III. Resultados

3.1. Resultados descritivos

Procedeu-se à análise estatística descritiva nas tabelas seguintes com o intuito de se verificar os resultados obtidos referentes à caracterização da amostra segundo a descrição dos fatores sociodemográficos, às horas passadas diariamente *online*, à principal utilização da internet e aos comportamentos online praticados pela amostra deste estudo.

Descrição dos fatores sociodemográficos

A tabela 4. abaixo apresentada descreve de forma mais detalhada os resultados sociodemográficos obtidos no presente estudo, a amostra foi composta por 244 mulheres (80,8%) e 58 homens (19,2%), na idade foi encontrada uma média de 23.2 anos (DP= 2.513) e nas horas passadas *online* foi encontrada uma média de 5.9 horas por dia (DP= 3.706). Relativamente à nacionalidade, maioritariamente (n=238) os participantes têm uma nacionalidade portuguesa (78,8%), e 28 participantes têm nacionalidade respetivamente cabo-verdiana (9,3%), brasileira (6,3%), angolana (3,6%) e outras (2%). E por fim quanto à situação relacional, 189 participantes encontram-se numa relação de namoro (62,6%) e 113 não se encontravam numa relação de namoro (37,4%).

Tabela 4. Descrição dos fatores sociodemográficos		
Itens	M	DP
Idade	23.2	2.513
Tempo online (Horas)	15.89	3.706
Género	N	%
Mulher	244	80.8
Homem	58	19.2
Nacionalidade		
Portugal	238	78.8
Cabo Verde	28	9.3
Brasil	19	6.3
Angola	11	3.6
Outros	6	2
Relacionamento íntimo		
Sim	189	62.6
Não	113	37.4
Uso de Internet		
Redes Sociais	213	70.5
Chat	29	9.6
Youtube	27	8.9
Pesquisas	23	7.6
Outro	10	3.3

Tempo diário online

Referente à caracterização da amostra segundo as horas que passam *online* diariamente. Verificou-se que 57 participantes (18,9%) passam cerca de 5 horas *online* diariamente, 48 participantes (15,9%) passam cerca de 3 horas *online* e 46 participantes (15,2%) passam cerca de 4 horas *online*. Sendo que menos de metade dos participantes passam muitas horas *online*, tendo sido ainda encontrada uma média de 5.9 horas por dia (DP= 3.706) passadas diariamente *online* pela amostra deste estudo.

Principal utilização de internet

Na tabela 5. encontram-se discriminadas as frequências e as percentagens das principais utilizações de internet, referentes à amostra deste estudo. A análise da tabela revela que 213 participantes (70,5%), a maioria, utilizam a internet para acederem às redes sociais. Analisou-se ainda na tabela 5 que 29 participantes (9,6%) utilizam a internet para manterem ligações com os seus contactos, 27 participantes (8,9%) para verem conteúdos no *Youtube*, 23 participantes (7,6%) realizam pesquisas, 4 participantes (1,3%) trabalham e estudam através da internet e apenas 3 participantes (1%) utilizam-na para jogos *online*, *séries* e *streaming*.

Tabela 5. Caracterização da amostra segundo a principal utilização de internet

	n	%
Redes sociais	213	70,5%
Pesquisas	23	7,6%
<i>Youtube</i>	27	8,9%
Ligação com os seus contactos	29	9,6%
Jogos <i>online/séries/streaming</i>	3	1%
Trabalho/estudo	4	1,3%
Todas as anteriores	3	1%
Total	302	100%

Comportamentos online

As questões apresentadas na tabela 6. tiveram como objetivo a identificação dos comportamentos *online* praticados pela amostra do presente estudo. Segundo os resultados obtidos, podemos verificar que 271 participantes (89,7%) nunca carregaram/publicaram uma fotografia/vídeo *online* sem permissão, 258 participantes (85,4%) nunca partilharam mensagens insultuosas ou rumores entre colegas de turma ou conhecidos, 203 participantes (67,2%) nunca criaram perfis *online* falsos, 255 participantes (84,4%) nunca caluniaram alguém ao telefone e 278 participantes (92,1%) nunca enviaram mensagens ou *e-mails* insultuosos ou abusivos, mas, no entanto 183 participantes (60,6%) já enviaram mensagens sexuais.

Tabela 6. Frequências descritivas sobre o intuito de utilização das redes sociais.

	Respostas	n	%
Alguma vez carregou/publicou uma fotografia/vídeo <i>online</i> sem permissão?	Sim	31	10,3%
	Não	271	89,7%
	Total	302	100%
Alguma vez partilhou mensagens com insultos ou maus rumores entre colegas de turma ou conhecidos?	Sim	44	14,6%
	Não	258	85,4%
	Total	302	100%
Alguma vez criou um perfil falso <i>online</i> ?	Sim	99	32,8%
	Não	203	67,2%
	Total	302	100%
Alguma vez já caluniou alguém ao telefone?	Sim	47	15,6%
	Não	255	84,4%
	Total	302	100%
Alguma vez já enviou mensagens ou <i>e-mails</i> insultuosos ou abusivos?	Sim	24	7,9%
	Não	278	92,1%
	Total	302	100%
Alguma vez já enviou mensagens sexuais?	Sim	183	60,6%
	Não	119	39,4%
	Total	302	100%

Efeito da pandemia COVID-19 nas relações de ciberabuso

Tabela 7. Frequências descritivas sobre o efeito da pandemia COVID-19 nas relações de ciberabuso.

	Respostas	n	%
Todos estes comportamentos anteriormente descritos intensificaram-se durante a pandemia de COVID-19, em comparação com o período anterior?	Sim	55	18,2%
	Não	247	81,8%
	Total	302	100%
Durante a pandemia não me importei de usar uma linguagem ofensiva <i>online</i> , por ser de forma anónima?	Sim	16	5,3%
	Não	286	94,7%
	Total	302	100%
Achei fácil, durante a pandemia, escrever comentários insultuosos por não haver repercussões?	Sim	11	3,6%
	Não	291	96,4%
	Total	302	100%
Durante a pandemia não existiam regras, pelo que pude fazer o que quis de forma <i>online</i> ?	Sim	13	4,3%
	Não	289	95,7%
	Total	302	100%

Podemos verificar na tabela 7. onde constam quatro perguntas destinadas a verificar o efeito da pandemia COVID-19 nas relações de ciberabuso, que todos os comportamentos anteriormente descritos não se intensificaram durante a pandemia COVID-19, em comparação

com o período anterior. No entanto apenas uma pequena percentagem da amostra deste estudo durante o período da pandemia utilizou uma linguagem ofensiva *online*, por ser de forma anónima, escreveram comentários insultuosos por não haver repercussões e fizeram o que quiseram por não existir regras para eles durante esse período.

Análise descritiva Questionário sobre o Ciberabuso no Namoro (CibAN)

De modo a se verificar a confiabilidade do Alfa de *Cronbach* para todos os *itens* do Questionário sobre o Ciberabuso no Namoro (CibAN) procedeu-se à análise descritiva (Mín, Máx, Média, Desvio-Padrão, Assimetria, Curtose e Alfa de *Cronbach*). Pela análise dos resultados obtidos conseguimos verificar que o valor mínimo de cada *item* foi 1,00 e o valor máximo foi 6,00 apesar de alguns *itens* terem apresentado valores inferiores. Relativamente ao Alfa de *Cronbach* os fatores que integram o instrumento revelaram possuir boa fiabilidade, apresentando um valor Alfa de 0.93.

Tabela 8. Análise descritiva (Mín, Máx, Média, Desvio Padrão, Assimetria, Curtose e Alfa de <i>Cronbach</i>) para todos os <i>itens</i> do Questionário sobre o Ciberabuso no Namoro (CibAN):									
	Mín.	Máx.	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose		α
					Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão	
CAN1	1,00	6,00	1,8841	1,44552	1,572	,140	1,361	,280	,936
CAN2	1,00	6,00	1,7881	1,28425	1,709	,140	2,199	,280	,937
CAN3	1,00	6,00	1,1325	,58413	5,109	,140	28,287	,280	,936
CAN4	1,00	4,00	1,0497	,30638	6,832	,140	49,627	,280	,937
CAN5	1,00	6,00	1,1093	,50707	5,880	,140	40,606	,280	,937
CAN6	1,00	4,00	1,0364	,27401	8,212	,140	71,196	,280	,937
CAN7	1,00	6,00	1,1887	,70650	4,267	,140	18,910	,280	,936
CAN8	1,00	5,00	1,0762	,37905	6,324	,140	48,208	,280	,937
CAN9	1,00	6,00	1,4868	1,21924	2,688	,140	6,309	,280	,934
CAN10	1,00	6,00	1,4272	,95392	2,429	,140	5,409	,280	,936
CAN11	1,00	6,00	1,2450	,83897	3,997	,140	16,594	,280	,935
CAN12	1,00	4,00	1,0662	,30865	5,711	,140	38,770	,280	,937
CAN13	1,00	6,00	1,5728	1,28096	2,348	,140	4,552	,280	,936
CAN14	1,00	6,00	1,4470	1,06070	2,746	,140	7,296	,280	,937
CAN15	1,00	6,00	1,2351	,85940	4,111	,140	17,216	,280	,935
CAN16	1,00	3,00	1,0331	,19689	6,498	,140	46,489	,280	,937
CAN17	1,00	3,00	1,0695	,32370	4,962	,140	24,776	,280	,937
CAN18	1,00	2,00	1,0265	,16085	5,927	,140	33,347	,280	,937
CAN19	1,00	6,00	1,4801	1,18599	2,634	,140	6,070	,280	,934
CAN20	1,00	6,00	1,1954	,65077	4,296	,140	21,020	,280	,936
CAN21	1,00	6,00	1,4934	1,11987	2,581	,140	6,353	,280	,934
CAN22	1,00	6,00	1,4007	,90499	2,533	,140	6,501	,280	,936
CAN23	1,00	6,00	1,1325	,63325	5,655	,140	34,269	,280	,936
CAN24	1,00	3,00	1,0364	,23483	7,017	,140	51,474	,280	,937
CAN25	1,00	6,00	1,6126	1,27025	2,247	,140	4,204	,280	,933
CAN26	1,00	6,00	1,3940	,90423	2,721	,140	7,658	,280	,935
CAN27	1,00	6,00	1,7483	1,40818	1,956	,140	2,724	,280	,934
CAN28	1,00	6,00	1,4205	,86955	2,459	,140	6,341	,280	,936

CAN29	1,00	6,00	1,2020	,74860	4,531	,140	22,008	,280	,936
CAN30	1,00	5,00	1,1060	,47042	5,155	,140	29,183	,280	,937
CAN31	1,00	6,00	1,2781	,89040	3,659	,140	13,653	,280	,935
CAN32	1,00	6,00	1,1589	,63761	4,883	,140	26,060	,280	,937
CAN33	1,00	6,00	1,6159	1,22195	2,220	,140	4,349	,280	,933
CAN34	1,00	6,00	1,4238	,88123	2,345	,140	5,495	,280	,936
CAN35	1,00	6,00	1,2682	,83780	3,658	,140	14,073	,280	,935
CAN36	1,00	6,00	1,1192	,52102	5,823	,140	40,458	,280	,937
CAN37	1,00	6,00	1,6291	1,34740	2,258	,140	4,066	,280	,933
CAN38	1,00	6,00	1,2881	,83514	3,723	,140	15,316	,280	,936
CAN39	1,00	6,00	1,8212	1,45399	1,744	,140	1,922	,280	,933
CAN40	1,00	6,00	1,4570	1,00982	2,554	,140	6,314	,280	,935

Análise descritiva Questionário de Estilo de Relacionamento (QER)

De modo a se verificar a confiabilidade do Alfa de *Cronbach* para todos os *itens* do Questionário de Estilo de Relacionamento (QER) procedeu-se à análise descritiva (Mín, Máx, Média, Desvio-Padrão, Assimetria, Curtose e Alfa de *Cronbach*). Pela análise dos resultados obtidos conseguimos verificar que o valor mínimo de cada *item* foi 1,00 e o valor máximo foi 5,00. Relativamente ao Alfa de *Cronbach* os fatores que integram o instrumento revelaram possuir boa fiabilidade, variando entre um alfa de 0.79 e um alfa de 0.83.

Tabela 9. Análise descritiva (Mín, Máx, Média, Desvio Padrão, Assimetria, Curtose e Alfa de *Cronbach*) para todos os *itens* do Questionário de Estilos de Relacionamentos (QER):

	Mín.	Máx.	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose		α
					Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão	
ER1	1,00	5,00	3,3543	1,29282	-,265	,140	-1,016	,280	,811
ER2	1,00	5,00	4,3907	,98138	-1,698	,140	2,222	,280	,808
ER3	1,00	5,00	2,8775	1,08212	-,023	,140	-,665	,280	,812
ER4	1,00	5,00	3,4636	1,25370	-,431	,140	-,806	,280	,806
ER5	1,00	5,00	3,4503	1,23723	-,442	,140	-,786	,280	,798
ER6	1,00	5,00	2,9404	1,17692	,141	,140	-,752	,280	,813
ER7	1,00	5,00	3,2351	1,23394	-,242	,140	-,863	,280	,802
ER8	1,00	5,00	3,5066	1,11690	-,334	,140	-,616	,280	,803
ER9	1,00	5,00	2,7285	1,39736	,251	,140	-1,189	,280	,802
ER10	1,00	5,00	2,2649	1,18519	,644	,140	-,459	,280	,815
ER11	1,00	5,00	2,7583	1,41815	,167	,140	-1,264	,280	,794
ER12	1,00	5,00	3,5166	1,16056	-,432	,140	-,668	,280	,797
ER13	1,00	5,00	2,6026	1,19567	,219	,140	-,880	,280	,797
ER14	1,00	5,00	3,5497	1,14810	-,447	,140	-,560	,280	,801
ER15	1,00	5,00	2,6258	1,17380	,241	,140	-,779	,280	,809
ER16	1,00	5,00	3,4702	1,25916	-,410	,140	-,851	,280	,797
ER17	1,00	5,00	2,8477	1,25356	,117	,140	-,905	,280	,798
ER18	1,00	5,00	2,2848	1,26479	,641	,140	-,683	,280	,799
ER19	1,00	5,00	4,0265	1,12032	-1,151	,140	,704	,280	,802
ER20	1,00	5,00	2,6126	1,21954	,190	,140	-1,022	,280	,797
ER21	1,00	5,00	2,6887	1,36975	,209	,140	-1,210	,280	,793
ER22	1,00	5,00	3,2914	1,25536	-,149	,140	-,985	,280	,808
ER23	1,00	5,00	2,9934	1,40003	,048	,140	-1,292	,280	,793
ER24	1,00	5,00	2,4305	1,16716	,371	,140	-,824	,280	,799

ER25	1,00	5,00	2,1722	1,14562	,659	,140	-,485	,280	,800
ER26	1,00	5,00	4,1126	1,15591	-1,274	,140	,760	,280	,808
ER27	1,00	5,00	2,9768	1,04839	,099	,140	-,379	,280	,817
ER28	1,00	5,00	3,3079	1,31483	-,239	,140	-1,090	,280	,838
ER29	1,00	5,00	2,5397	1,32071	,275	,140	-1,127	,280	,808
ER30	1,00	5,00	3,0795	1,13256	-,129	,140	-,642	,280	,815

Análise descritiva Escala da Ansiedade, Depressão e Stress (EADS)

De modo a se verificar a confiabilidade do Alfa de *Cronbach* para todos os *itens* da escala da Ansiedade, Depressão e Stress (EADS) procedeu-se à análise descritiva (Mín, Máx, Média, Desvio-Padrão, Assimetria, Curtose e Alfa de *Cronbach*). Pela análise dos resultados obtidos conseguimos verificar que o valor mínimo de cada *item* foi 0,00 e o valor máximo foi 3,00. Relativamente ao Alfa de *Cronbach* a escala apresenta uma boa consistência interna com valores de alfa de *Cronbach* de 0,96.

Tabela 10. Análise descritiva (Mín, Máx, Média, Desvio Padrão, Assimetria, Curtose e Alfa de *Cronbach*) para todos os *itens* da Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS):

	Mín.	Máx.	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose		α
					Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão	
EADS1	,00	3,00	1,0762	1,01033	,566	,140	-,789	,280	,967
EADS2	,00	3,00	,8411	,99228	,940	,140	-,256	,280	,969
EADS3	,00	3,00	,8874	1,05681	,856	,140	-,600	,280	,967
EADS4	,00	3,00	,7483	,97965	1,056	,140	-,102	,280	,968
EADS5	,00	3,00	1,2351	1,00878	,316	,140	-,997	,280	,969
EADS6	,00	3,00	1,0563	1,03115	,637	,140	-,752	,280	,968
EADS7	,00	3,00	,7649	1,03157	1,032	,140	-,311	,280	,968
EADS8	,00	3,00	1,2318	1,08413	,347	,140	-1,174	,280	,967
EADS9	,00	3,00	,9801	1,11451	,735	,140	-,892	,280	,967
EADS10	,00	3,00	,8742	1,09850	,918	,140	-,599	,280	,967
EADS11	,00	3,00	1,1225	1,06666	,531	,140	-,973	,280	,966
EADS12	,00	3,00	1,3245	1,09393	,263	,140	-1,233	,280	,967
EADS13	,00	3,00	1,2152	1,07061	,412	,140	-1,079	,280	,967
EADS14	,00	3,00	,8709	1,02455	,896	,140	-,428	,280	,967
EADS15	,00	3,00	,8444	1,10824	,901	,140	-,713	,280	,966
EADS16	,00	3,00	,7848	,99335	,975	,140	-,295	,280	,967
EADS17	,00	3,00	,7914	1,04366	1,027	,140	-,305	,280	,967
EADS18	,00	3,00	1,4636	1,05197	,036	,140	-1,195	,280	,967
EADS19	,00	3,00	,9305	1,06833	,748	,140	-,806	,280	,967
EADS20	,00	3,00	,7682	1,03714	1,034	,140	-,316	,280	,967
EADS21	,00	3,00	,7020	1,06153	1,222	,140	,002	,280	,967

3.2. Análise das hipóteses

Para analisar as hipóteses formuladas na metodologia, seguimos a seguinte ordem de trabalho: aplicação do teste de *Pearson*, de modo a se proceder às correlações entre os estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos, as dimensões do ciberabuso e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress); aplicação do teste de *Pearson*, correlações entre , os fatores

sociodemográficos (idade dos participantes e tempo que passam nas redes sociais), os estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos e as dimensões do ciberabuso; aplicação do teste *Mann-Whitney* para comparar as dimensões das escalas entre os géneros; aplicação do teste *Kruskall-Wallis* para comparar as dimensões do ciberabuso e os estilos de vinculação no relacionamento íntimo e por fim verificar o papel mediador da saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress) na relação com os estilos de vinculação e as dimensões do ciberabuso.

De modo a analisar a primeira hipótese formulada na metodologia, procedeu-se à aplicação do teste de *Pearson*, com o intuito de verificar as correlações significativas existentes entre os estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos, as dimensões do ciberabuso no namoro e a saúde mental (ou seja, depressão, ansiedade e stress).

Tabela 11. Resultados da aplicação do teste de <i>Pearson</i> , correlações entre os estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos, as dimensões do ciberabuso e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress).										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Stress	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ansiedade	,862**	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Depressão	,836**	,833**	-	-	-	-	-	-	-	-
Agressão Direta da Vítima	,277**	,341**	,314**	-	-	-	-	-	-	-
Agressão Direta do Perpetrador	,215**	,186**	,220**	,593**	-	-	-	-	-	-
Controlo da Vítima	,317**	,360**	,299**	,674**	,564**	-	-	-	-	-
Controlo do Perpetrador	,306**	,252**	,227**	,332**	,511**	,596**	-	-	-	-
Vinculação Seguro	-,011	,017	-,066	-,033	,000	,055	-,040	-	-	-
Vinculação Amedrontado	,414**	,353**	,404**	,164**	,112	,129*	,132*	-,149*	-	-
Vinculação Preocupado	,378**	,336**	,332**	,163**	,142*	,225**	,206**	,214**	,386**	-
Vinculação Desinvestido	,146*	,062	,154**	-,035	-,095	-,006	-,015	-,100	,371**	,328**
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).										
* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).										

Perante os resultados obtidos neste estudo e apresentados na tabela acima verificou-se que a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress) apresentou uma correlação significativa entre si e entre as dimensões do ciberabuso. Ou seja, a ansiedade apresentou uma correlação significativa com a agressão direta a vítima ($r=.341$, $p<0.01$); agressão direta do perpetrador ($r=.186$, $p<0.01$); controlo da vítima ($r=.360$, $p<0.01$) e com o controlo do perpetrador ($r=.252$, $p<0.01$). A depressão apresentou uma correlação significativa com a

agressão direta a vítima ($r=.314$, $p<0.01$); agressão direta do perpetrador ($r=.220$, $p<0.01$); controlo da vítima ($r=.299$, $p<0.01$) e com o controlo do perpetrador ($r=.227$, $p<0.01$). E por fim o stress apresentou uma correlação significativa com a agressão direta a vítima ($r=.277$, $p<0.01$); agressão direta do perpetrador ($r=.215$, $p<0.01$); controlo da vítima ($r=.317$, $p<0.01$) e com o controlo do perpetrador ($r=.306$, $p<0.01$). Os resultados acima referidos indicam que os jovens adultos com níveis mais elevados de depressão, ansiedade e stress são indivíduos mais propícios a manifestar comportamentos de ciberabuso, seja como vítima ou perpetrador.

Verificou-se ainda que o stress e a depressão apresentaram uma correlação estatisticamente significativa com as dimensões dos estilos de vinculação. Ou seja, o stress apresentou uma correlação significativa com o estilo de vinculação amedrontado ($r=.414$, $p<0.01$), com o estilo de vinculação preocupado ($r=.378$, $p<0.01$) e por fim com o estilo de vinculação desinvestido ($r=.146$, $p<0.05$). A depressão apresentou uma correlação estatisticamente significativa com o estilo de vinculação amedrontado ($r=.404$, $p<0.01$), com o estilo de vinculação preocupado ($r=.332$, $p<0.01$) e por fim com o estilo de vinculação desinvestido ($r=.154$, $p<0.01$). Posto isto, podemos concluir que indivíduos que apresentem estilos de vinculação amedrontado, preocupado e desinvestido apresentam também elevados níveis de depressão, ansiedade e stress.

Em seguida, procedeu-se novamente à aplicação do teste de *Pearson* de modo a se verificar se os fatores sociodemográficos (idade dos participantes e tempo que passam diariamente *online*) apresentam correlações estatisticamente significativas com as dimensões do ciberabuso.

Tabela 12. Resultados da aplicação do teste de <i>Pearson</i> , correlações entre os fatores sociodemográficos (idade dos participantes e tempo que passam diariamente <i>online</i>) e as dimensões do ciberabuso.						
	1	2	3	4	5	6
Idade						
Quantas horas passa diariamente <i>online</i> ?	-,112	-	-	-	-	-
Agressão Direta da Vítima	-,051	,121*	-	-	-	-
Agressão Direta do Perpetrador	-,015	,072	,593**	-	-	-
Controlo da Vítima	,025	,092	,674**	,564**	-	-
Controlo do Perpetrador	,144*	,069	,332**	,511**	,596**	-
* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).						
** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).						

Relativamente à correlação entre os fatores sociodemográficos (idade dos participantes e tempo que passam nas redes sociais) e as dimensões do ciberabuso, verificou-se que a idade dos participantes apresentou uma correlação significativa com o controlo do perpetrador ($r=.144$, $p<0.05$) e que as horas que passam *online* apresentou uma correlação significativa com a agressão direta da vítima ($r=.121$, $p<0.05$). No entanto também podemos verificar na tabela 12 que a agressão direta da vítima apresenta uma correlação significativa com a agressão direta do perpetrador ($r=.593$, $p<0.01$), controlo da vítima ($r=.674$, $p<0.01$) e com o controlo do perpetrador ($r=.332$, $p<0.01$). Posto isto, como se pode verificar na tabela acima representada, a idade dos estudantes universitários apenas influenciou na dimensão do controlo do perpetrador e as horas por eles passadas diariamente *online* apenas apresentou correlação significativa com a agressão direta da vítima visto estarem mais suscetíveis a esta forma de agressão.

Com base na elaboração da hipótese 3. aplicou-se o teste *Mann-Whitney* com o objetivo de se perceber se existem diferenças estatisticamente significativas entre o género e as variáveis do estudo. Verificando-se assim através dos resultados sintetizados na tabela 13 que para as três dimensões da saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress), as mulheres apresentaram níveis estatisticamente mais elevados de stress ($M=161.48$, $p<.001$, $U=4641$), ansiedade ($M=159.47$, $p<.001$, $U=5130.5$) e depressão ($M=157.42$, $p<.015$, $U=5631$) em comparação aos homens. Na escala do ciberabuso no namoro foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre o controlo da vítima e os homens ($M=146.59$, $p = .039$, $U=5878.5$). Nos estilos de vinculação no relacionamento íntimo verificou-se que o estilo de vinculação seguro apresentou uma correlação estatisticamente significativa com os homens ($M=174.07$, $p = .027$, $U=5767$) em comparação às mulheres. No entanto, no estilo de vinculação amedrontado foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa nas mulheres ($M=159,89$, $p < .001$, $U=5030$).

Tabela 13. Resultados da aplicação do teste *Mann-Whitney* para comparar os géneros entre as variáveis do estudo.

Itens	M	M	U	P
Saúde Mental	Mulher	Homens		
Stress	161.48	109.52	4641	< .001***
Ansiedade	159.47	117.96	5130.5	< .001***
Depressão	157.42	126.59	5631	.015*
Ciberabuso no Namoro	Mulher	Homens		
Agressão Direta - Vítima	150.40	156.13	6807.5	.581
Agressão Direta - Perpetrador	149.90	158.22	6686	.446
Controlo - Vítima	146.59	172.15	5878.5	.039*
Controlo - Perpetrador	153.51	143.03	6585	.397
Estilo de Relacionamento	Mulher	Homens		
Vinculação Seguro	146.14	174.07	5767	.027*
Vinculação Amedrontado	159.89	116.22	5030	< .001***
Vinculação Preocupado	155.24	135.78	6164	.125
Vinculação Desinvestido	155.94	132.83	5993	.069

*** $p < 0.01$, * $p < 0.05$

Hipótese 4. Verificar o papel mediador do ciberabuso no namoro na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários. Como não existe uma escala total para o ciberabuso no namoro, o presente estudo vai dividir a H4 em 4 dimensões como segue abaixo:

H4a - Verificar o papel mediador da agressão direta da vítima na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários;

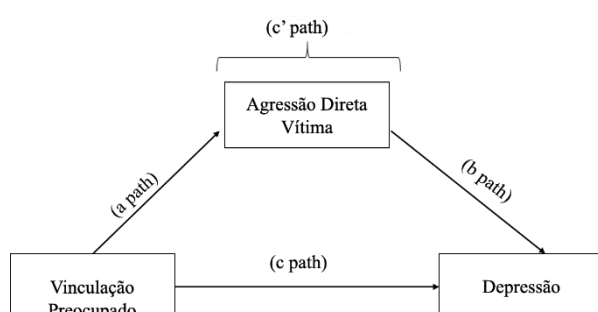


Figura 2. Diagrama do modelo de estudo Vinculação Preocupado → Agressão Direta da Vítima → Depressão.

Tabela 14. Resultados da mediação da depressão na relação com o estilo de vinculação preocupado e a agressão direta da vítima.

Variáveis	Non-Standardized coefficient		t	p	95% Bootstrapping CI		R ²
	β	SE			LL	UL	
Vinculação P→ Agressão Direta – Vítima (a)	.3213	.1126	2.8534	.005	.0997	.5428	.026*
Agressão Vítima → Depressão (b)	.3040	.0603	5.0372	<.0001	.1852	.4227	.180**
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6496	.1193	5.4465	<.0001	.4149	.8843	
Vinculação → Agressão Vítima → Depressão (c')	.7472	.1224	6.1065	<.0001	.5064	.9880	

F (1,300) = 8.1421; F(2,299) = 32.8459; N=302

Os resultados indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com a agressão direta da vítima ($\beta = .3213$, $p < 0.001$). A vinculação preocupante explica 3% da variância de agressão direta da vítima ($F(1,300) = 8.1421$, $p < 0.001$, $R^2 = .026$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo da agressão direta da vítima na depressão ($\beta = .3040$, $p < 0.001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6496$, $p < 0.001$). Assim, a agressão direta da vítima e a vinculação preocupada explicam 18% da variância da depressão ($F(2,299) = 32.8459$, $p > 0.001$, $R^2 = .180$). O efeito direto da vinculação preocupado na depressão através da agressão direta da vítima ($\beta = .7472$, $t = 6.1065$, $p < 0.001$) foi estatisticamente superior do efeito total ($\beta = .6496$, $t = 5.4465$, $p < 0.001$).

H4b - Verificar o papel mediador da agressão direta do perpetrador na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários;

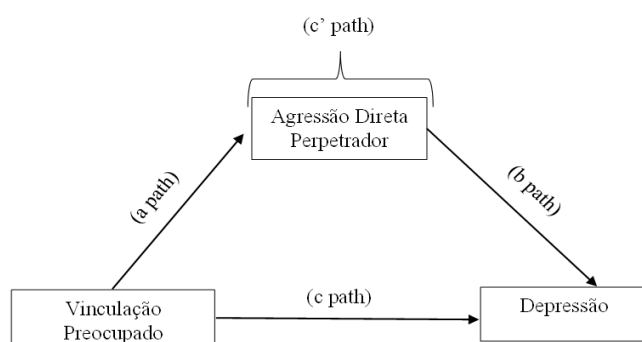


Figura 3. Diagrama do modelo de estudo Vinculação Preocupado → Agressão Direta do Perpetrador → Depressão.

Tabela 15. Resultados da mediação da depressão na relação com o estilo de vinculação preocupado e a agressão direta do perpetrador.

Variáveis	Non-Standardized coefficient		t	p	95% Bootstrapping CI		R ²
	β	SE			LL	UL	
Vinculação P→ Agressão Direta – Perpetrador (a)	.1587	.0638	2.4864	.013	.0331	.2842	.020*
Agressão Perpetrador → Depressão (b)	.3552	.1090	3.2590	.001	.1407	.5696	.141**
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6909	.1217	5.6776	<.0001	.4514	.9304	
Vinculação → Agressão Perpetrador → Depressão (c')	.7472	.1224	6.1065	<.0001	.5064	.9880	

F (1,300) =6.1822; F (2,299) = 24.5530; N=302

Os resultados indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com a agressão direta do perpetrador ($\beta = .1587$, $p < 0.001$). A vinculação preocupada explica 2% da variância da agressão direta do perpetrador ($F(1,300) = 6.1822$, $p < 0.001$, $R^2 = .020$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo da agressão direta do perpetrador na depressão ($\beta = .3552$, $p < 0.001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6909$, $p < 0.001$). Assim, a agressão direta do perpetrador e a vinculação preocupada explicam 14% da variância da depressão ($F(2,299) = 24.5530$, $p > 0.001$, $R^2 = .141$). O efeito direto da vinculação preocupada na depressão através da agressão direta do perpetrador ($\beta = .7472$, $t = 6.1065$, $p < 0.001$) foi estatisticamente superior do efeito total ($\beta = .6909$, $t = 5.6776$, $p < 0.001$).

H4c - Verificar o papel mediador do controlo da vítima na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários;

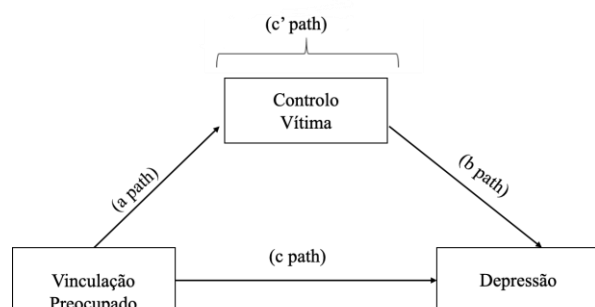


Figura 4. Diagrama do modelo de estudo Vinculação Preocupado → Controlo da Vítima → Depressão.

Tabela 16. Resultados da mediação da depressão na relação com o estilo de vinculação preocupado e o controlo da vítima.

Variáveis	Non-Standardized coefficient		t	p	95% Bootstrapping CI		R ²
	β	SE			LL	UL	
Vinculação P → Controlo Vítima (a)	.7642	.1915	3.9912	<.0001	.3874	1.1410	.050*
Controlo Vítima → Depressão (b)	.1562	.0358	4.3586	<.0001	.0857	.2267	.164**
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6279	.1220	5.1477	<.0001	.3878	.8679	
Vinculação → Controlo Vítima → Depressão (c')	.7472	.1224	6.1065	<.0001	.5064	.9880	
F (1,300) =15.9294; F (2,299) =29.2619; N=302							

Os resultados indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com o controlo da vítima ($\beta = .7642$, $p < 0.001$). A vinculação preocupante explica 5% da variância do controlo da vítima ($F (1,300) = 15.9294$, $p < 0.001$, $R^2 = .050$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo do controlo da vítima na depressão ($\beta = .1562$, $p < 0.001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6279$, $p < 0.001$). Assim, o controlo da vítima e a vinculação preocupada explicam 16% da variância da depressão ($F (2,299) = 29.2619$, $p > 0.001$, $R^2 = .164$). O efeito direto da vinculação preocupada na depressão através do controlo da vítima ($\beta = .7472$, $t = 6.1065$, $p < 0.001$) foi estatisticamente superior do efeito total ($\beta = .6279$, $t = 5.1477$, $p < 0.001$).

H4d - Verificar o papel mediador do controlo do perpetrador na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários;

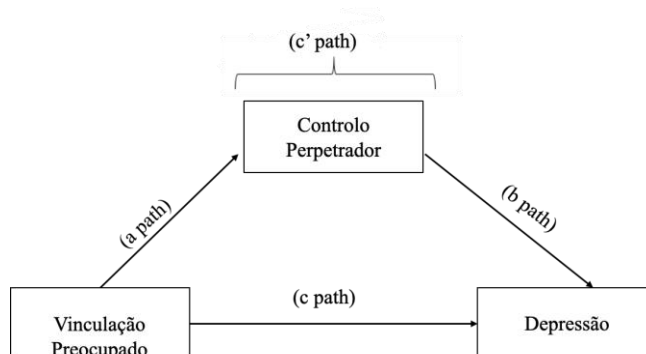


Figura 5. Diagrama do modelo de estudo Vinculação Preocupado → Controlo do Perpetrador → Depressão.

Tabela 17. Resultados da mediação da depressão na relação com o estilo de vinculação preocupado e o controle do perpetrador.

Variáveis	Non-Standardized coefficient		t	p	95% Bootstrapping CI		R ²
	β	SE			LL	UL	
Vinculação P→ Controlo Perpetrador (a)	.4563	.1251	3.6472	.0003	.2101	.7025	.043*
Controlo Perpetrador → Depressão (b)	.1682	.0557	3.0186	.0028	.0585	.2779	.137**
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6705	.1234	5.4337	<.0001	.4277	.9133	
Vinculação → Controlo Perpetrador → Depressão (c')	.7472	.1224	6.1065	<.0001	.5064	.9880	
F (1,300) =13.3019; F (2,299) =23.7047; N=302							

Os resultados indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com o controlo do perpetrador ($\beta = .4563$, $p < 0.001$). A vinculação preocupante explica 4% da variância do controlo do perpetrador ($F(1,300) = 13.3019$, $p < 0.001$, $R^2 = .043$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo do controlo do perpetrador na depressão ($\beta = .1682$, $p < 0.001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6705$, $p < 0.001$). Assim, o controlo do perpetrador e a vinculação preocupada explicam 14% da variância da depressão ($F(2,299) = 23.7047$, $p < 0.001$, $R^2 = .137$). O efeito direto da vinculação preocupado na depressão através do controlo do perpetrador ($\beta = .7472$, $t = 6.1065$, $p < 0.001$) foi estatisticamente superior do efeito total ($\beta = .6705$, $t = 5.4337$, $p < 0.001$).

Capítulo IV. Discussão

4.1. Discussão dos Resultados

Neste capítulo, iremos analisar os resultados e fazer uma discussão integradora e reflexiva sobre cada resultado obtido, à luz da revisão da literatura realizada, levando em consideração os objetivos delineados e procurando perceber em que medida estes foram alcançados. O objetivo geral deste estudo foi de analisar os fatores associados ao ciberabuso no namoro entre jovens adultos estudantes universitários em Portugal, investigando como é que os estilos de vinculação e a saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress) estiveram relacionados com o ciberabuso no namoro, além de uma série de variáveis sociodemográficas (género, idade, nacionalidade) e os comportamentos *online*. Este objetivo geral foi operacionalizado através de respostas a objetivos específicos que serão analisados de forma mais pormenorizada.

O presente estudo atingiu uma amostra total de 302 participantes jovens adultos, estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos e residentes em Portugal. A delimitação da população universitária justifica-se por ser um público que recorre constantemente aos meios tecnológicos, seja em contexto académico, de entretenimento ou de lazer. Neste segmento, foi encontrada uma média de 5.9 horas por dia ($DP= 3.706$), passadas diariamente *online* pelos participantes desta amostra, sendo que o mínimo valor de horas encontradas foi de 1 hora e o máximo valor encontrado foi de 27 horas. A nível nacional verificou-se num estudo realizado em 2022 pelo Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências (SICAD), sobre Comportamentos Aditivos aos 18 anos, que a maioria dos jovens portugueses utilizam a internet cerca de quatro ou mais horas diariamente, indo ao encontro dos resultados obtidos neste estudo.

A nível internacional verificou-se que os estudantes universitários russos passam entre 8,5 a 10 horas diariamente *online*, tendo sido recomendado a estes jovens adultos que pelo menos um dia no fim de semana não utilizassem as tecnologias digitais e que durante a semana reduzissem as horas passadas *online* para 3 horas por dia (OYu et al., 2019). Na China os estudantes universitários reportaram passar mais de 2 horas por dia *online*, existindo uma ligeira associação entre problemas de saúde mental (depressão, ansiedade e sintomas psicopatológicos) e o tempo passado *online* por estes jovens adultos (Wu et al., 2016). Já num estudo americano realizado por Rosen et al., (2018), verificou-se uma correlação significativa entre o desempenho académico e o desenvolvimento de patologias com a quantidade de tempo passado *online*. Os resultados indicaram que estes jovens passam em média mais de 3,5 horas por dia *online* nos telemóveis e que desbloqueiam os ecrãs cerca de 60 vezes ao dia num intervalo de tempo entre

3 a 4 minutos. De um modo geral os jovens adultos estudantes universitários reconhecem os diferentes benefícios e malefícios do uso exacerbado das tecnologias digitais, sendo que o tempo que passam online está principalmente associado à atividade ocupacional a que estão conectados naquele determinado momento. Constata-se ainda que os estudantes universitários que não trabalham têm uma utilização mais intensiva, em particular o género feminino e, principalmente, em relação à utilização das redes sociais e de comunicação (Kemp, 2022; Varsori, 2023).

A maioria dos estudantes universitários que integram a amostra deste estudo (9,6%) utilizam a internet de modo a manterem ligações com os seus contactos e (70,5%), utilizam-na para acederem às redes sociais. Estes resultados vão ao encontro de estudos anteriormente desenvolvidos, onde se verifica que a utilização de redes sociais em Portugal é uma realidade bem presente no quotidiano dos portugueses e exerce um papel fundamental nas dinâmicas relacionais principalmente entre os jovens adultos (Akram & Kumar, 2017), onde o recurso à internet para manterem-se em contacto com familiares, amigos, colegas de trabalho e da universidade faz parte do quotidiano dos jovens, sendo que o sexo feminino utiliza a internet mais com o intuito de estabelecer ligações com amigos e criar redes sociais, nomeadamente *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *TikTok* e o sexo masculino apresenta maior propensão para a criação de conflitos (Fonseca & Cafieiro., 2018; Matos et al., 2019). Verificou-se ainda num estudo realizado pela SICAD em 2022, sobre Comportamentos Aditivos aos 18 anos, que o sexo feminino tende a utilizar de forma mais prolongada as redes sociais, seja durante a semana (M=25%; F=30%) quanto ao fim-de-semana (M=21%; F=25%). Já no estudo de Prievera et al. (2019) verificou-se que num contexto entre a utilização problemática de internet e uma maior necessidade de pertença, maior timidez e maior solidão por parte dos jovens poderá levar ao surgimento de situações de ciberabuso. Num Inquérito realizado à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação Pelas Famílias através do Instituto Nacional de Estatística (INE) a novembro de 2023, os resultados indicaram que os jovens de faixa etária compreendida entre os 16 e os 24 anos de idade e todas as pessoas que de um modo geral ainda se encontram a estudar apresentam uma taxa superior a 98% de utilização de internet. No entanto, a idade influencia o número e as redes sociais utilizadas, sendo tendencialmente na faixa dos 20 aos 29 anos que se encontram os maiores consumidores das plataformas *online* (Kemp, 2022).

Na identificação dos comportamentos *online* praticados verificou-se que mais de metade 60,6% da amostra deste estudo (n=302), já tinham enviado mensagens de cariz sexual. Sendo esta prática conhecida pelo termo *sexting*, através da combinação de duas palavras: sexo

(sex) e mensagem (*texting*), termo este que surgiu nos Estados Unidos da América. Tendo como significado, a troca interpessoal de textos autoproduzidos e sexualizados no seu conteúdo (Souza & Lordello., 2020). Foram realizados alguns estudos com estudantes universitários com o intuito de investigar a atual conjuntura em que o *sexting* ocorre. Sendo o telemóvel o meio de comunicação onde mais ocorrem as trocas de mensagens de cariz sexual, contudo, não é o único e pode ocorrer em outras plataformas digitais tais como, *e-mail*, *sites* e *chats online*. No estudo desenvolvido por Drouin et al., (2013), sobre trocas de mensagens sexuais entre os jovens adultos, os investigadores descobriram que este comportamento era bastante comum entre todos os tipos de relacionamentos íntimos e as motivações e riscos variavam de acordo com o contexto relacional. Também no estudo de Houck et al., (2016), verificou-se que o envio de mensagens de cariz sexual e de fotografias ou vídeos sexualizados era uma prática comum entre os jovens. No entanto no estudo de Mitchell et al., (2012), para além de terem investigado sobre esta temática, abordaram a relevância de os jovens obterem as informações necessárias sobre as consequências de tais comportamentos e conselhos sobre o que fazer caso recebam mensagens ou imagens deste teor. Sendo que foi encontrada uma maior perpetração por parte do sexo masculino no envio das mensagens sexuais tanto a nível visual quanto verbal (Jimenez et al., 2015).

Relativamente ao efeito da pandemia COVID-19 nas relações de ciberabuso, verificou-se através dos resultados das quatro perguntas destinadas a verificar este efeito que apenas uma pequena percentagem da amostra deste estudo durante o período da pandemia utilizou uma linguagem ofensiva *online*, por ser de forma anónima, escreveu comentários insultuosos por não haver repercussões e fez o que quis por não existirem regras para eles durante esse período. Foi ainda possível verificar-se através da literatura que durante o período pandémico houve um aumento considerável de utilização de Internet, mais precisamente da utilização de redes sociais, aumentando assim a interação em ambiente digital principalmente entre jovens adultos e como consequência levando ao surgimento de uma variedade de efeitos colaterais principalmente a nível da saúde mental, ou seja à depressão, ansiedade e stress e também a um maior sentimento de solidão devido ao confinamento (Greff et al., 2020; Oliveira Fornasier et al., 2020; Szwarcwald et al., 2021). Segundo o estudo de Babvey et al., (2020), verificou-se que houve um aumento particularmente significativo de mais de 30% de envio de mensagens abusivas durante a pandemia em países como Portugal, Brasil, Indonésia e Filipinas, em comparação ao ano anterior.

Foram examinadas as correlações entre as variáveis em estudo (H1) e os resultados revelaram a existência de correlações significativas entre os estilos de vinculação nos relacionamentos íntimos, as dimensões do ciberabuso e a saúde mental (ou seja, depressão, ansiedade e stress). Os resultados apresentaram uma correlação significativa entre a saúde mental (ou seja, depressão, ansiedade e stress) e as dimensões do ciberabuso. Resultados estes que corroboram com investigações anteriores, onde se verificou que o uso problemático e abusivo da internet por parte dos estudantes universitários, apresentou correlações significativas com o tempo de lazer *online* e consequentemente apresentaram níveis mais elevados de depressão, ansiedade e stress (Jun e Choi, 2015; Monteiro et al., 2023; Romero-Rodríguez et al., 2021). Estando estes jovens adultos mais propícios a manifestarem comportamentos *cyber* abusivos, seja como vítima ou perpetrador, devido a apresentarem níveis baixos de suporte social (Wright., 2018), sendo que os que apresentam níveis mais elevados de ansiedade tendem a perpetuar abuso emocional nos relacionamentos íntimos devido ao ciúme e à raiva sentida pelo parceiro (Goncy & van Dulmen., 2016).

Verificou-se ainda que o stress e a depressão apresentaram uma correlação estatisticamente significativa com os estilos de vinculação amedrontado, preocupado e desinvestido. O que nos leva a concluir que indivíduos que apresentem os estilos de vinculação acima referidos, apresentam também elevados níveis de depressão, ansiedade e stress. Segundo Godbout et al., (2017), a violência nos relacionamentos íntimos é altamente prevalente no início da vida adulta e potencia fatores de risco para a perpetração de violência contra o parceiro ou (ex) parceiro. O fator de exposição à violência familiar favorece para o desenvolvimento de elevados níveis de ansiedade e para o desenvolvimento de um estilo de vinculação desinvestido, que por sua vez estão relacionados à violência no relacionamento e à baixa satisfação no relacionamento. No estudo de Demircioğlu & Göncü Köse, (2021), com estudantes universitários da Turquia, verificou-se que os estilos de vinculação preocupado e amedrontado estavam negativamente associados à satisfação nos relacionamentos íntimos, que, por sua vez, estava negativamente relacionado a uma maior dependência das redes sociais. Concluindo-se assim, que jovens adultos com estilos de vinculação amedrontado ou desinvestido, apresentam elevados índices de sintomas depressivos e stress (Lancaster et al., 2020; Machimbarrena et al., 2018; Smith et al., 2018).

Na correlação realizada entre os fatores sociodemográficos (idade dos participantes e tempo que passam nas redes sociais) e as dimensões do ciberabuso (H2), verificou-se que a idade dos jovens adultos estudantes universitários teve influência na dimensão do controlo do

perpetrador. Estando este resultado em concordância com os resultados obtidos por Borrajo et al., (2015) que indicavam que mais de 50% dos estudantes universitários de faixa etária compreendida entre os 18 e os 30 anos já foram vítimas de ciberabuso no namoro. Sendo o controlo do perpetrador o comportamento *cyber* abusivo mais praticado nos relacionamentos íntimos. Podendo esta forma de abuso estar relacionada ao facto de os jovens adultos não apresentarem competências suficientes para lidarem com os relacionamentos amorosos, levando-os muitas das vezes a praticarem comportamentos de controlo e de ciúmes sob o parceiro íntimo como sinónimo de amor e demonstração de preocupação. Problemas relacionados aos estilos de vinculação, ciúmes e violência nos relacionamentos íntimos são preditores significativos para comportamentos de ciberabuso (Strawhun et al., 2013). Tal foi possível verificar no estudo de Rodríguez-Domínguez et al. (2018), onde se verificou a existência de práticas de comportamentos de ciberabuso por parte do sexo masculino para com parceiras ou ex-parceiras, sendo essa prática explicada pelas atitudes e crenças baseadas no machismo e no ciúme romântico. E por fim, segundo os resultados do estudo de Ameral et al., (2020) verificou-se que os estudantes universitários vítimas de ciberabuso no namoro não procuram ajuda, com a crença de que esta forma de agressão não é grave o suficiente. Sendo esta forma abusiva muitas vezes camuflada principalmente quando as vítimas conhecem a identidade do perpetrador, por medo que tais comportamentos escalem, por culpa/simpatia e auto-culpabilização (Ahlgrim & Terrance., 2021; Al-Khateeb et al., 2017). Provocando nas vítimas consequências negativas a nível da sua saúde física e mental, maioritariamente relacionadas a um medo a longo prazo, isolamento social, depressão, ansiedade, perturbação de stress pós-traumático e pensamentos suicidas (Dreßing et al., 2014; Maran et al., 2017; Tokunaga & Aune., 2017).

Já no que diz respeito às horas passadas diariamente *online* o resultado deste estudo apenas apresentou correlação significativa com a agressão direta da vítima visto estarem mais suscetíveis a esta forma de agressão. Segundo a literatura, verificou-se no estudo de Monteiro et al. (2023) que o tempo de lazer *online* teve um efeito positivo sobre o ciberabuso no namoro por agressão direta, tanto em termos de vitimização quanto de perpetração. Relativamente ao tempo de lazer *online*, parece existir consenso na literatura de que uma maior utilização das redes sociais parece estar positivamente associada a comportamentos de perpetração e vitimização por controlo (Van Ouytsel et al., 2017; Van Ouytsel et al., 2018). Estando também relacionado a níveis mais elevados de ansiedade, depressão e stress (Mamun et al., 2019;

Monteiro et al., 2023; Romero-Rodríguez et al., 2021) e a uma maior adição à internet (Gonidis & Sharma, 2017; Turel et al., 2018).

Com base nos resultados referentes à (H3), verificou-se que o sexo feminino apresentou níveis estatisticamente mais elevados de ansiedade, depressão e stress em comparação ao sexo masculino. Resultado este que corrobora com investigações anteriormente realizadas, em que o sexo feminino apresenta maior prevalência de stress psicológico em vários domínios da sua vida e de sintomatologia ansiosa em comparação ao sexo masculino (Moccia et al., 2020; Park et al., 2020; Savitsky et al., 2020). No entanto no estudo de Maia & Dias., (2020) realizado em Portugal com estudantes universitários durante o período pandémico, verificou-se de igual modo que o sexo feminino apresentou níveis mais elevados de ansiedade, depressão e stress em comparação ao sexo masculino.

Relativamente às dimensões do ciberabuso verificou-se que o sexo masculino está relacionado à agressão direta tanto da vítima quanto do perpetrador, tendo sido encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre o controlo da vítima e o sexo masculino. E o sexo feminino está relacionado ao controlo do perpetrador. Os resultados do estudo de Marganski & Melander (2018), indicaram que a maioria dos jovens adultos estudantes universitários (73%) com idades entre os 18 e 25 anos que estiveram num relacionamento amoroso nos últimos 12 meses, já experienciaram alguma forma de vitimização por agressão direta cibernética pelo parceiro íntimo. Também uma amostra de jovens adultos com idades compreendidas entre os 18 e 35 anos dos EUA relataram envolvimento tanto como vítima e como perpetrador (Mumford et al., 2023). Verificou-se ainda que existe uma maior probabilidade de o sexo feminino apresentar taxas mais elevadas de vitimização de ciberabuso (Caridade & Braga., 2020; Peterson & Densley, 2017; Zweig et al., 2013) enquanto o sexo masculino apresenta maior probabilidade de se tornarem perpetradores (Reed et al., 2017; Caridade & Braga, 2019; Jaen-Cortés et al., 2017; Jiménez et al., 2017). No entanto Reyns & Fisher, (2018), no seu estudo com estudantes universitários concluíram segundo os resultados obtidos na análise específica relacionada ao género que a vitimização por perseguição offline foi um preditor significativo de vitimização online para o sexo feminino.

Nos estilos de vinculação no relacionamento íntimo verificou-se que a vinculação segura apresentou uma correlação estatisticamente significativa com o sexo masculino em comparação ao feminino. No entanto, no estilo de vinculação amedrontado foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa no sexo feminino.

Na (H4) procedeu-se à verificação do papel mediador do ciberabuso no namoro na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários. Tendo sido a (H4) dividida em 4 dimensões, por não existir uma escala total para o ciberabuso no namoro.

Na (H4a), verificou-se que o papel mediador da agressão direta da vítima na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão, indicou um efeito positivo estatisticamente significativo da agressão direta da vítima na depressão ($\beta=.3040$, $p<0.001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta=.6496$, $p<0.001$). Segundo Bartholomew e Horowitz (1991), indivíduos que mantêm uma representação negativa de si e que mantêm relações baseadas por uma procura excessiva de proximidade, grande necessidade de atenção, falta de autoestima e autoconfiança e altos níveis de ansiedade, são indivíduos que apresentam estilos de vinculação preocupado. E que com a utilização excessiva das redes sociais de modo a suprir as suas carências, poderão estar mais suscetíveis às consequências negativas a nível da saúde mental (ou seja, ansiedade, depressão e stress) que advêm dessa utilização, acabando por influenciar o modo como as suas relações amorosas são vivenciadas. No estudo de Silva. (2023) os resultados indicaram uma correlação negativa significativa entre a adição às redes sociais e o bem-estar psicológico, verificando-se ainda diferenças significativas nas consequências sociais da adição às redes sociais de acordo com o estilo de vinculação, tendo os estilos de vinculação inseguros (desinvestido, amedrontado e preocupado) apresentado médias mais elevadas. Sendo que os estilos de vinculação inseguros (desinvestido, amedrontado e preocupado) estão significativamente associados tanto à perpetração quanto à vitimação de ciberabuso no namoro (Spencer et al., 2021).

O ciberabuso apresenta elevada prevalência entre jovens adultos estudantes universitários e ocorre concomitantemente com sintomas depressivos (Wolford-Clevenger et al., 2016). No estudo de Borrajo & Gamex-Guadix, (2016), com jovens adultos de idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, os resultados indicaram que a relação entre a depressão, ansiedade e a agressão direta da vítima foi moderada pelo controlo. Verificou-se ainda através de um estudo realizado com estudantes universitários, que os sexos masculinos apresentavam níveis mais elevados controlo e agressão direta na relação tanto em termos de vitimização quanto de perpetração (García-Sánchez et al., 2017), podendo estar relacionado com os níveis de depressão (Shi et al., 2021), que não deverão ser negligenciados (Salk et al., 2017). No entanto verifica-se ainda que o sexo feminino apresenta uma maior prevalência a nível de depressão, ansiedade e stress em comparação ao sexo masculino, apresentando uma correlação

significativa com a insatisfação nos relacionamentos íntimos (Caballero, et al., 2022). Os resultados do estudo desenvolvido por Marganski & Melander, (2018), indicaram que a agressão direta da vítima de ciberabuso no namoro não é incomum, já que quase três quartos dos entrevistados relataram ter experimentado algum tipo dela no último ano. E o fator vitimização por abuso cibernético correlacionou-se com sintomas depressivos (Wolford-Clevenger et al., 2016).

Na (H4b), verificou-se que o papel mediador da agressão direta do perpetrador na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão, indicou um efeito positivo estatisticamente significativo da agressão direta do perpetrador na depressão ($\beta=.3552$, $p<0.001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta=.6909$, $p<0.001$). Num estudo onde se analisa a relação entre crenças distorcidas sobre a violência e mitos sobre amor e o ciberabuso no namoro (controlo e agressão direta), com uma amostra de jovens adultos de idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. Os resultados indicaram que o ciberabuso está associado a uma maior probabilidade de agressão direta do perpetrador exercida pelo sexo feminino nos relacionamentos amorosos. E os mitos amorosos estavam associados a uma maior probabilidade de controlo do perpetrador (Borrajó & Calvete, 2015).

Na (H4c), verificou-se que o papel mediador do controlo da vítima na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão, indicou um efeito positivo estatisticamente significativo do controlo da vítima na depressão ($\beta=.1562$, $p<0.001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta=.6279$, $p<0.001$). Indivíduos que apresentem um estilo de vinculação preocupado, utilizam a internet e as redes sociais de forma inadequada, envolvendo-se em comportamentos *cyber* abusivos, como forma de controlar e vigiar o parceiro íntimo, devido ao medo e à preocupação constante de abandono, procurando segurança, através do controlo (Blackwell et al., 2017). Verificou-se ainda no estudo de Hancock et al. (2017), que as vítimas de *cyber*-abuso, apresentam uma baixa autoestima e um autoconceito negativo, compreendendo os comportamentos abusivos e de controlo como representativos da sua baixa autoestima, internalizando sentimentos de inferioridade, diminuição de valor, incompetência e auto culpabilização.

Na (H4d), verificou-se que o papel mediador do controlo do perpetrador na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão, indicou um efeito positivo estatisticamente significativo do controlo do perpetrador na depressão ($\beta=.1682$, $p<0.001$) e um efeito positivo

estatisticamente significativa da vinculação preocupada na depressão ($\beta=.6705$, $p<0.001$). No estudo realizado por Gomes Cavalcanti et al., (2020), os resultados indicaram elevada prevalência de comportamentos ciber abusivos, tanto em termos de vitimização (87,6% controlo; 34,7%, agressão direta) quanto, em termos de perpetração (92,6% controlo; 25,1%, agressão direta). Podendo este resultado ser explicado pelo uso indiscriminado das tecnologias de comunicação, bem como, pela sua inserção dentro das relações íntimas. Neste estudo com estudantes universitários de idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, verificou-se que mais de 50% dos participantes tinham sido vítimas de ciberabuso nos últimos seis meses. E que o controlo do perpetrador tinha sido o comportamento mais comum praticado através da utilização das tecnologias de comunicação, devido aos ciúmes sentidos pelos parceiros (Borrajó et al., 2015).

4.2. Limitações do estudo e indicações para estudos futuros

O presente estudo apresentou algumas limitações que foram surgindo ao longo do decorrer do mesmo. Uma das principais limitações refere-se ao facto de o número da amostra e de participantes ter sido mais reduzido do que expectável, o que limitou na obtenção de resultados mais robustos. Inicialmente o número de participantes expectáveis para integrar a amostra deste estudo era de 500, mas no total apenas obteve-se 339 respostas ao protocolo estabelecido e divulgado, onde apenas 302 participantes fizeram parte dos critérios de inclusão. Devido a um dos critérios de inclusão ser os participantes terem uma faixa etária compreendida entre os 18 e os 30 anos, critério esse que levou à exclusão de 37 participantes, por apresentarem idades superiores. Seria interessante para estudos futuros, realizar-se um estudo que contasse com uma amostra de participantes maior de modo a se obter resultados mais robustos. Uma vez ter sido este um estudo transversal seria interessante realizar-se um estudo longitudinal, sendo este um estudo observacional que recolhe dados qualitativos e quantitativos e que permite uma compreensão mais profunda sobre a relação entre as variáveis observadas, no decorrer de um longo período, sem manipulação dos fatores que possam alterar as variáveis de interesse. Estes estudos levam a uma melhor compreensão das mudanças comportamentais e são muito utilizados na Psicologia.

Relativamente ao número de participantes, uma das limitações relaciona-se à discrepância entre o número de participantes do sexo feminino ($N=244$) e do sexo masculino ($N=58$), não se conseguindo proceder à comparação entre estes dois grupos nas variáveis estudadas, apesar de diversas investigações relatarem a importância da comparação entre os

géneros. Devido à existente falta de consenso relativamente às diferenças de género na prevalência da vitimização/perpetração do ciberabuso no namoro entre os jovens adultos. Para futuras investigações, indicamos a necessidade de se realizar estudos a um maior número de participantes do sexo masculino sobre esta temática, dando-se assim continuidade a estudos referentes à variável género, visto existir ainda falta de consenso na literatura. Alguns estudos indicam uma prevalência semelhante entre ambos os sexos, outros indicam uma maior vitimização por parte do sexo masculino e outros uma maior perpetração por parte do sexo masculino.

Outra das limitações identificadas é referente à extensão do protocolo divulgado, sendo este constituído por quatro questionários de autorresposta. A extensão do mesmo poderá ter provocado uma diminuição de atenção e concentração dos participantes. Além disso, sendo um protocolo respondido através de meios tecnológicos e da internet, foi impossível controlar as condições em que este era respondido, podendo existir a manipulação de respostas ou a diminuição do investimento, respondendo às perguntas com pressa.

A recolha da amostra para este estudo também foi uma das limitações existentes, visto a população em estudo serem jovens adultos estudantes universitários, a recolha da amostra tornou-se um pouco difícil. Porque no momento da recolha da amostra, grande parte dos estudantes preparavam-se para exames, entregas de trabalhos, preparação de dissertações e não estavam tão disponíveis para responderem a questionários como em tempos de pandemia. Fator esse que prolongou a recolha da amostra e que também contribuiu para que se atingisse uma amostra menor do que a expectável.

No entanto, consideram-se ainda, como fatores importantes a serem estudados em futuras investigações, a quantidade de relacionamentos íntimos no último ano, a durabilidade dos mesmos, a forma como estes relacionamentos se iniciaram, a diferença de idade, a infidelidade, os ciúmes, como é vista a invasão de privacidade e o que é aceitável ou não dentro dos relacionamentos. Seria interessante estudar-se a utilização exacerbada das redes sociais como forma de se obter maior acesso aos conteúdos online dos parceiros ou ex-parceiros, levando-os assim a uma maior propensão para comportamentos *cyber* abusivos. É necessário ampliar a investigação acerca dos fatores associados às crenças, perceções e normas pessoais de cada indivíduo e aos fatores psicológicos, uma vez que tais fatores são considerados de risco, tanto em termos de vitimização quanto de perpetração.

4.3 Relevância teórica e prática do presente estudo

O ciberabuso no namoro, emergiu como uma moderna forma de violência entre parceiros íntimos e que ainda não passou por investigações suficientes e necessárias de modo a se identificar os fatores que estão associados a este comportamento abusivo. Este estudo apresenta assim especial relevância, devido à existência de poucos estudos relacionados a esta temática e à falta de consenso existente em determinadas variáveis, como por exemplo no género e na idade. Em Portugal os jovens adultos estudantes universitários ainda não tinham sido alvo de estudo sobre esta temática, daí a pertinência em estudar esta população em concreto, visto ser uma população mais vulnerável neste sentido. Verificando-se ainda que o pico preocupante para desenvolvimento de comportamentos abusivos ocorre na faixa etária dos 18 aos 30 anos, período que coincide com a entrada para a universidade e que os jovens recorrem constantemente a meios tecnológicos.

Por ser um fenómeno recente, tem despertado o interesse de diversos investigadores devido às implicações negativas que apresenta na vida dos jovens tanto a nível pessoal quanto social. Os estudos realizados a esta nova forma de agressão visam a uma melhor compreensão sobre este recente fenómeno, para que se possam delinear medidas de intervenção e promoção eficazes, de modo que esta nova forma de agressão entre jovens adultos não seja cada vez mais normalizada. Neste sentido, este estudo apresenta um pequeno contributo nessa compreensão, uma vez que também possui algumas limitações que poderão ser colmatadas em estudos futuros. Em termos de relevância prática, este estudo será de grande utilidade aos estudantes universitários, pois terão mais informações disponíveis em relação a esta temática, às universidades e aos recursos humanos de modo a estarem a par do impacto devastador deste fenómeno na vida dos jovens, aos psicólogos como instrumento de trabalho, de modo a possuírem conhecimento suficiente para aconselharem tanto as vítimas quanto os perpetradores, às redes sociais para que efetuem um melhor controlo sobre o que se passa através desse meio de comunicação e de interação e para que apliquem algumas regras de modo a que limite cada vez mais a prática deste abuso e à polícia para que ajudem da melhor forma as vítimas a resolverem determinadas situações de maior risco.

Conclusão

Os telemóveis e as redes sociais são plataformas onipresentes nas atividades de comunicação principalmente entre jovens adultos estudantes universitários. Os recursos a estes meios tecnológicos facilitam a comunicação entre os pares e a partilha de interesses comuns (Kim et al., 2016). A grande maioria dos estudantes universitários que integram a amostra deste estudo (9,6%) utilizam a internet de modo a manterem ligações com os seus contactos e (70,5%), utilizam-na para acederem às redes sociais. No entanto, com o crescente avanço tecnológico e a sua inserção no cotidiano destes jovens, para além de ter permitido a transformação da conexão entre os pares com a criação de novos espaços de socialização, levou também ao surgimento de uma nova forma de agressão entre eles, o ciberabuso no namoro (Cavalcanti & Coutinho, 2019). Sendo que mais de metade dos participantes que integraram a amostra deste estudo já enviaram mensagens de cariz sexual para parceiros ou ex-parceiros íntimos.

Num estudo realizado em 2013 pelo *Pew Research Center*, nos Estados Unidos, verificou-se que 41% dos casais jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, sentiram que o fácil acesso a recursos tecnológicos os aproximou mais dos seus parceiros íntimos. Entre os casais que participaram neste estudo, 67% admitiram partilhar as suas senhas, 27% utilizam a mesma conta de *e-mail* que o parceiro e 11% relataram partilhar o perfil nas redes sociais. E por fim, o estudo apontou que 10% dos jovens já enviaram vídeos ou fotografias de cariz sexual para os seus parceiros íntimos. No entanto, verificou-se também num estudo realizado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR, 2019), sobre a partilha sem autorização de mensagens ou fotos (*sexting* não consentido, i.e., partilha de conteúdos íntimos sem autorização), verifica-se que 14% dos/as jovens (21% de rapazes e 8% de raparigas) normalizam esta tipologia abusiva. O que mostra uma grande vulnerabilidade à violência *online* e a uma possível exposição à pornografia de vingança. É considerado um comportamento normativo por parte de 37% dos/as jovens que os seus companheiros tenham acesso às suas redes sociais sem autorização.

Relativamente à intensificação dos comportamentos *cyber* abusivos durante a pandemia COVID-19, em comparação ao ano anterior, devido ao facto dos jovens terem permanecido mais tempo conectados às redes sociais. Os resultados indicaram que não houve intensificação de tais comportamentos durante o surto pandémico. E que apenas uma pequena percentagem da amostra deste estudo durante o período pandémico utilizou uma linguagem ofensiva *online*,

por ser de forma anónima, escreveram comentários insultuosos por não haver repercussões e fizeram o que quiseram por não existir regras para eles durante esse período.

De acordo com os resultados obtidos, foi possível confirmar a hipótese 1, o estilo de vinculação preocupado apresentou uma correlação significativa com a saúde mental (ou seja, depressão, ansiedade e stress) e com as quatro dimensões do ciberabuso. O estilo de vinculação amedrontado, apresentou de igual modo uma correlação significativa com a saúde mental (ou seja, depressão, ansiedade e stress) e com as dimensões do ciberabuso, exceto com a dimensão da agressão direta do perpetrador. No entanto, o estilo de vinculação desinvestido apenas apresentou uma correlação significativa com o stress e a depressão e o estilo de vinculação seguro não apresentou correlação significativa nem com a saúde mental (ou seja, depressão, ansiedade e stress) nem com as dimensões do ciberabuso.

Na hipótese 2 foi possível verificar que a idade dos participantes que integraram a amostra deste estudo apresentou uma correlação significativa com uma das dimensões do ciberabuso, o controlo do perpetrador. Indo ao encontro da literatura encontrada, onde é evidenciada uma maior frequência de envolvimento de ciberabuso no namoro, entre indivíduos mais jovens, devido à falta de habilidade ou conhecimento, para lidarem com os relacionamentos amorosos, levando-os a identificar o controlo como uma forma de demonstrar amor pelo parceiro íntimo (Borrajo et al., 2015b; Crane et al., 2018; Smith et al., 2018; Watkins et al., 2018).

As horas passadas *online* diariamente nas redes sociais estão correlacionadas com a agressão direta das vítimas. Visto que a utilização exacerbada da internet e das redes sociais no cotidiano dos jovens está associada a um maior envolvimento na perpetração de comportamentos *cyber* abusivos, ou a uma maior vitimização (Machimbarrena et al., 2018; van Ouytsel et al., 2016a; 2018). Resultados estes não surpreendentes, devido ao resultado obtido no estudo de Ouytsel et al. (2018), onde se verificou que quanto maior a utilização de redes sociais, mais acesso têm aos conteúdos *online* dos seus parceiros íntimos, levando-os tendencialmente a sentirem mais ciúmes e a praticarem esta forma de agressão. Observou-se ainda que o tempo de lazer *online* apresentou uma correlação positiva sobre o ciberabuso no namoro por agressão direta, tanto em termos de vitimização quanto de perpetração (Monteiro et al., 2023). Confirmando-se assim a correlação entre os fatores sociodemográficos (idade dos participantes e tempo que passam nas redes sociais), com as dimensões do ciberabuso.

A hipótese 3. foi parcialmente confirmada, a nível da saúde mental (ou seja, depressão, ansiedade e stress) confirmou-se que o sexo feminino apresentou níveis mais elevados em comparação ao sexo masculino. O que corrobora com estudos anteriores, onde é possível verificar que as vítimas de ciberabuso no namoro apresentam elevados índices de sintomas depressivos e ansiosos e uma baixa autoestima (Hancock et al., 2017; Machimbarrena et al., 2018; Smith et al., 2018; Wolford-Clevenger et al., 2016; Zweig et al., 2013). Sendo necessária uma investigação mais ampla sobre esta temática, de modo que se perceba se tais fatores psicológicos constituem a causa ou consequência do próprio processo de vitimização.

Relativamente às dimensões do ciberabuso, não existiu uma diferença estatisticamente significativa entre o género, sendo que o sexo masculino apenas apresentou uma maior correlação com a dimensão do controlo da vítima. Na literatura ainda não existe consenso em relação a esta variável, alguns estudos verificaram uma semelhança entre o sexo feminino e o masculino (Borrajó et al., 2015; Hancock et al., 2017; Peskin et al., 2017; Piquer et al., 2017; Santos et al., 2019; van Ouytsel et al., 2016; van Ouytsel et al., 2017; Wolford-Clevenger et al., 2016), outros identificaram uma maior vitimização por parte do sexo feminino (Peterson & Densley, 2017; Reed et al., 2017; Zweig et al., 2013). No entanto, em determinados momentos dos seus relacionamentos íntimos ambos os sexos poderão já ter experienciado comportamentos ciber abusivos como vítimas ou como perpetradores.

Já no que diz respeito aos estilos de vinculação no relacionamento íntimo, verificou-se que o sexo masculino apresenta um estilo de vinculação seguro e o sexo feminino apresenta um estilo de vinculação amedrontado. Segundo Bartholomew & Horowitz, (1991), os indivíduos que apresentam um estilo de vinculação seguro se sentem confortáveis com a intimidade e com a autonomia, dependendo de outros ou de si próprios e os indivíduos que apresentam um estilo de vinculação amedrontado sentem mais receio de situações sociais e de intimidade devido ao medo, perçecionado, devido a possíveis rejeições e sentimentos de desconfiança acerca dos outros. Em Portugal, têm sido realizados diversos estudos em relação aos estilos de vinculação dos adolescentes e dos jovens adultos.

Relativamente à hipótese 4. verificou-se o papel mediador do ciberabuso no namoro na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre jovens adultos estudantes universitários. Esta hipótese foi dividida pelas 4 dimensões do ciberabuso, onde se confirmou o papel mediador na relação entre o estilo de vinculação preocupado e a depressão entre os jovens. Ou seja, jovens adultos estudantes universitários que apresentem um estilo de

vinculação preocupado, são indivíduos mais vulneráveis, tornando-se mais propensos para o desenvolvimento de perturbações mentais, devido aos elevados níveis de ansiedade, inseguranças e preocupações que apresentam nesta fase de vida (da Silva Louzada & de Souza Pacheco, 2022; Fracazzo & Toni, 2023).

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, 44(4), 709.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Psychology Press.
<https://doi.org/10.4324/9780203758045>
- Ahlgrim, B., & Terrance, C. (2021). Perceptions of cyberstalking: Impact of perpetrator gender and cyberstalker/victim relationship. *Journal of interpersonal violence*, 36(7-8), NP4074-NP4093.
<https://doi.org/10.1177/0886260518784590>
- Akram, W & Kumar, R. (2017). A study on positive and negative effects of social media on society. *International journal of computer sciences and engineering*, 5(10), 347- 354.
<http://doi.org/10.26438/ijcse/v5i10.351354>
- Al-Alosi, H. (2020). Fighting fire with fire: Exploring the potential of technology to help victims combat intimate partner violence. *Aggression and Violent Behavior*, 52, 101376.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101376>
- Al-Khateeb, H. M., Epiphaniou, G., Alhaboby, Z. A., Barnes, J., & Short, E. (2017). Cyberstalking: Investigating formal intervention and the role of Corporate Social Responsibility. *Telematics and Informatics*, 34(4), 339-349. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2016.08.016>
- Allen, J., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 319-335). New York: Guilford Press.
- Almeida, L. & Freire, T. (2008). *Metodologias da investigação em psicologia e educação* (5.^a ed.). Psiquilibrios
- Ameral, V., Palm Reed, K. M., & Hines, D. A. (2020). An Analysis of Help-Seeking Patterns Among College Student Victims of Sexual Assault, Dating Violence, and Stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23–24), 5311–5335. <https://doi.org/10.1177/0886260517721169>
- American Psychiatric Association. (2013). *DSM-5: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Artmed Editora.
- APAV. (2019). Violência no namoro. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.
<https://apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e1>
- APAV. (2020). Violência no namoro-Folha informativa. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.
https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/FolhaInformativa_VNamoro_2020.pdf
- Auerbach, R. P., Mortier, P., Bruffaerts, R., Alonso, J., Benjet, C., Cuijpers, P., ... & Kessler, R. C. (2018). WHO World Mental Health Surveys International College Student Project: Prevalence

- and distribution of mental disorders. *Journal of abnormal psychology*, 127(7), 623-638. <https://doi.org/10.1037/abn0000362>
- Babvey, P., Capela, F., Cappa, C., Lipizzi, C., Petrowski, N., & Ramirez-Marquez, J. (2020). Usando dados de mídia social para avaliar a exposição de crianças à violência durante a pandemia COVID-19. *Child Abuse & Neglect*, 104747. <http://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104747>
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of Intimacy: An Attachment Perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147-178. <https://doi.org/10.1177/0265407590072001>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Begotti, T., & Acquadro Maran, D. (2019). Characteristics of cyberstalking behavior, consequences, and coping strategies: A cross-sectional study in a sample of Italian university students. *Future Internet*, 11(5), 120. <https://doi.org/10.3390/fi11050120>
- Begotti, T., Bollo, M., & Acquadro Maran, D. (2020). Coping strategies and anxiety and depressive symptoms in young adult victims of cyberstalking: A questionnaire survey in an Italian sample. *Future Internet*, 12(8), 136. <https://doi.org/10.3390/fi12080136>
- Blackwell, D., Leaman, C., Tramposch, R., Osborne, C., & Liss, M. (2017). Extraversion, neuroticism, attachment style and fear of missing out as predictors of social media use and addiction. *Personality and Individual Differences*, 116, 69-72. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.04.039>
- Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Variáveis pessoais e contextuais preditoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 460-470. <https://doi.org/10.14718/acp.2020.23.2.16>
- Borrajo, E., & Calvete, E. (2015). Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psicothema*, 327-333. <https://doi.org/10.7334/psicothema2015.59>
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, 116(2), 565-585. <https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>
- Borrajo, E., & Gámez-Guadix, M. (2016). Abuso "online" en el noviazgo: relación con depresión, ansiedad y ajuste diádico. *Psicología Conductual*, 24(2), 221. <http://hdl.handle.net/10486/679217>
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss: Vol. 1. Attachment. Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). Attachment and loss. Volume II. Separation, anxiety and anger. In *Attachment and loss. volume II. Separation, anxiety and anger* (pp. 429-p).

- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds: I. Aetiology and psychopathology in the light of attachment theory. *The British Journal of Psychiatry*, 130(3), 201-210. <https://doi.org/10.1192/bjp.130.3.201>
- Bowlby, J. (1980). Attachment and loss: Loss, sadness and depression. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Attachment (Vol. 1, 2nd ed. rev.). New York: Basic Books (Original work published, 1969);
- Bowlby, J. (1990). Apego e perda, Vol 1. Apego (2ed). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969)
- Bowlby, J. (1998). A secure base – Clinical applications of attachment theory. London: Routledge.
- Brem, M. J., Stuart, G. L., Cornelius, T. L., & Shorey, R. C. (2021). A longitudinal examination of alcohol problems and cyber, psychological, and physical dating abuse: The moderating role of emotion dysregulation. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(19-20), NP10499-NP10519. <https://doi.org/10.1177/0886260519876029>
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. *Monographs of the society for research in child development*, 3-35.
- Bretherton, I. & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89-114). New York: Guildford Press.
- Brown, C., & Hegarty, K. (2018). Digital dating abuse measures: A critical review. *Aggression and Violent Behavior*, 40, 44-59. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.03.003>
- Bui, N. H., & Pasalich, D. S. (2021). Insecure attachment, maladaptive personality traits, and the perpetration of in-person and cyber psychological abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(5-6), 2117-2139. <https://doi.org/10.1177/0886260518760332>
- Caballero, S. T., Hernández, V. C., Espada, A. Á., & Bruna, M. M. O. (2022). Gender roles and women's mental health: their influence on the demand for psychological care. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*, 38(1), 7-16. <https://dx.doi.org/10.6018/analesps.450331>
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *PSICOLOGIA*, 20(1), 156–186. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Cantu, J. I., & Charak, R. (2022). Unique, additive, and interactive effects of types of intimate partner cybervictimization on depression in Hispanic emerging adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(1-2), NP375-NP399. <https://doi.org/10.1177/0886260520915552>
- Carapinha, L., Calado, V., Neto, H. (2023). Comportamentos Aditivos aos 18 anos. Inquérito aos jovens participantes no Dia da Defesa Nacional – 2022: Utilização da internet. *Serviço de*

Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. 978-989-53952-7-9.
<http://www.sicad.pt>

- Caridade, S., & Barros, S. (2018). Violência nas relações íntimas juvenis e ideação e comportamento suicidas. *Revista Psicologia, Saúde & Doenças*, 19(2), 323-336.
<http://dx.doi.org/10.15309/18psd190213>
- Caridade, S., Braga, T., & Borrajo, E. (2019). Cyber dating abuse (CDA): Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 48(May), 152–168.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.08.018>
- Caridade, S. M., & Braga, T. (2020). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ)–Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicológica*, 37(1), 93-105. <https://doi.org/10.14417/ap.1543>
- Caridade, S., e Sousa, H. F. P., & Dinis, M. A. P. (2020). Cyber and offline dating abuse in a Portuguese sample: Prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences*, 10(10), 152.
<https://doi.org/10.3390/bs10100152>
- Carneiro, L., Oliveira, A. L. ., Cunha, F. ., Castro, L., Lima, J. ., Simões, C. ., & Ribeiro, C. (2022). Saúde Mental em Jovens Adultos: O Impacto da Pandemia COVID-19. *Revista Portuguesa De Psiquiatria E Saúde Mental*, 8(1), 6–11. <https://doi.org/10.51338/rppsm.248>
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (Eds.). (2002). *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*. Rough Guides.
- Cassidy, J. (2008). The nature of the child's ties.
- Center for Disease Control and Prevention. (2014). Understanding teen dating violence.
- Center Disease Control and Prevention. (2016). Understanding Teen Dating Violence. United States.
- Center Disease Control and Prevention. (2017). Preveting teen dating violence. United States.
- Chyczij, F. F., Ramos, C., Santos, A. L., Jesus, L., & Alexandre, J. P. (2020). Prevalência da depressão, ansiedade e stress numa unidade de saúde familiar no norte de Portugal. *Revista de Enfermagem Referência*, 2, 1-6. <https://doi.org/10.12707/RIV19094>
- Clevenger, S., & Gilliam, M. (2020). Intimate partner violence and the internet: Perspectives. In T. Holt & A. Bossler (Eds.), *The Palgrave handbook of international cybercrime and Cyberdeviance*. Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-3-319-78440-3_58
- Cole-Detke, H., & Kobak, R. (1996). Attachment processes in eating disorder and depression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64(2), 282–290. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.64.2.282>
- Collins, W. A., Gleason, T., & Sesma Jr, A. (1997). Internalization, autonomy, and relationships: Development during adolescence.

- Collins, N. L. & Allard, L. M. (2001). Cognitive representation of attachment: The content and function of working models. In G. J. O. Fletcher & M. S. Clark (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: Vol. 2. Interpersonal processes* (pp. 60-85). Oxford: Blackwell.
- Conselho Nacional de Saúde. (2019). Sem mais tempo a perder: Saúde mental em Portugal: Um desafio para a próxima década. Lisboa, CNS. <https://www.cns.min-saude.pt/2019/12/16/sem-mais-tempo-a-perder-saude-mental-em-portugal-um-desafio-para-a-proxima-decada/>
- Costa, B., Simões, M., Relva, I. C., & Azevedo, M. D. C. (2022). Ciberabuso no namoro: Que relação com a sensibilidade moral numa amostra de estudantes universitários?. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 9, 31-44. <https://doi.org/10.17979/reipe.2022.9.0.8911>
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 434-465). New York: Guilford Press.
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2020). *Developmental psychopathology and family process: Theory, research, and clinical implications*. Guilford Publications.
- Curry, T. R., & Zavala, E. (2020). A multi-theoretical perspective on cyber dating abuse victimization and perpetration within intimate relationships: A test of general strain, social learning, and self-control theories. *Victims & Offenders*, 15(4), 499-519. <https://doi.org/10.1080/15564886.2020.1734996>
- Cutbush, S., Williams, J., Miller, S., Gibbs, D., & Clinton-Sherrod, M. (2021). Longitudinal patterns of electronic teen dating violence among middle school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(5-6), NP2506-NP2526. <https://doi.org/10.1177/0886260518758326>
- da Silva Louzada, J., & de Souza Pacheco, A. (2022). Uma revisão sistemática sobre intervenções tecnológicas para auxílio da saúde mental de jovens universitários. *Research, Society and Development*, 11(5), e7511527977-e7511527977. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i5.27977>
- de Lemos, C. F. R. C. (2019). Uso problemático da internet e das redes sociais: relação com a regulação da satisfação das necessidades psicológicas e a saúde mental (*Doctoral dissertation, Universidade de Lisboa (Portugal)*). <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/41657>
- de Melo, R. A., Almeida, T. K. P., & Fernandes, F. E. C. V. (2022). Violência no namoro na visão de jovens universitários. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 17(3), 1641-1658. <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i3.15482>
- Deans, H., & Bhogal, M. S. (2019). Perpetrating cyber dating abuse: A brief report on the role of aggression, romantic jealousy and gender. *Current Psychology*, 38(5), 1077-1082. <https://doi.org/10.1007/s12144-017-9715-4>

- Demircioğlu, Z. I., & Göncü Köse, A. (2021). Effects of attachment styles, dark triad, rejection sensitivity, and relationship satisfaction on social media addiction: A mediated model. *Current Psychology*, 40, 414-428. <https://doi.org/10.1007/s12144-018-9956-x>
- Douglas, H., Harris, B. A., & Dragiewicz, M. (2019). Technology-facilitated domestic and family violence: Women's experiences. *The British Journal of Criminology*, 59(3), 551-570. <https://doi.org/10.1093/bjc/azy068>
- Dreßing, H., Bailer, J., Anders, A., Wagner, H., & Gallas, C. (2014). Cyberstalking in a large sample of social network users: Prevalence, characteristics, and impact upon victims. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(2), 61-67. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0231>
- Drouin, M., Vogel, K. N., Surbey, A., & Stills, J. R. (2013). Let's talk about sexting, baby: Computer-mediated sexual behaviors among young adults. *Computers in Human Behavior*, 29, 25-30. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.12.030>
- Duerksen, K. N., & Woodin, E. M. (2021). Cyber dating abuse victimization: Links with psychosocial functioning. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(19-20), NP10077-NP10105. <https://doi.org/10.1177/0886260519872982>
- El-Serag, R., & Thurston, R. C. (2020). Matters of the heart and mind: interpersonal violence and cardiovascular disease in women. *Journal of the American Heart Association*, 9(4), e015479. <https://doi.org/10.1161/JAHA.120.015479>
- Enumo, S. R. F., Weide, J. N., Vicentini, E. C. C., Araujo, M. F. D., & Machado, W. D. L. (2020). Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: proposição de uma cartilha. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200065>
- Evans, M. L., Lindauer, M., & Farrell, M. E. (2020). A pandemic within a pandemic—Intimate partner violence during Covid-19. *New England Journal of Medicine*, 383(24), 2302-2304. <https://doi.org/10.1056/NEJMp2024046>
- Feng, S., Wong, Y. K., Wong, L. Y., & Hossain, L. (2019). The Internet and Facebook usage on academic distraction of college students. *Computers & Education*, 134, 41-49. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2019.02.005>
- Fernet, M., Lapierre, A., Hebert, M., & Cousineau, M. M. (2019). A systematic review of literature on cyber intimate partner victimization in adolescent girls and women. *Computers in Human Behavior*, 100, 11-25. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.06.005>

- Fissel, E. R., & Reyns, B. W. (2020). The aftermath of cyberstalking: School, work, social, and health costs of victimization. *American Journal of Criminal Justice*, 45(1), 70-87. <https://doi.org/10.1007/s12103-019-09489-1>
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Cyber dating abuse in affective and sexual relationships: a literature review. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00138516>
- Fonseca, D. A. V., & Cafieiro, G. M. (2018). Redes Sociais e Suas Influências nas inter-relações entre jovens adultos. *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, 6(2).
- Fornari, L. F., Menegatti, M. S., Lourenço, R. G., Santos, D. L. A. D., Oliveira, R. N. G. D., & Fonseca, R. M. G. S. D. (2021). Violência contra a mulher no início da pandemia da COVID-19: o discurso das mídias digitais. *Revista Mineira de Enfermagem*, 25, 1-10. <https://doi.org/10.5935/1415.2762.20210036>
- Fracazzo, V., & Toni, C. (2023). Estilos de Apego e Esquemas Iniciais Desadaptativos em Estudantes Universitários. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 23(3), 916–935. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.79269>
- Freed, D., Palmer, J., Minchala, D. E., Levy, K., Ristenpart, T., & Dell, N. (2017). Digital technologies and intimate partner violence: A qualitative analysis with multiple stakeholders. *Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction*, 1(CSCW), 1-22. <https://doi.org/10.1145/3134681>
- Gama, A., Veríssimo, A., & Tomás, C. (2017). Violência no namoro na Escola Superior de Educação de Lisboa. *ex æquo*(36), pp. 77-98. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.05>
- García-Sánchez, P. V., Guevara-Martínez, C., Rojas-Solís, J. L., Peña-Cárdenas, F., & Cruz, V. G. G. (2017). Apego y ciber-violencia en la pareja de adolescentes. *Revista INFAD de Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 541-550. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.879>
- Garthe, R. C., Sullivan, T. N., & Behrhorst, K. L. (2021). Uma Análise de Classe Latente de Violência Precoce entre Pares e Namorados: Associações com Sintomas de Depressão e Ansiedade. *Revista de Violência Interpessoal*, 36(5-6), 2031-2049. <https://doi.org/10.1177/0886260518759654>
- Godbout, N., Daspe, M. È., Lussier, Y., Sabourin, S., Dutton, D., & Hébert, M. (2017). Early exposure to violence, relationship violence, and relationship satisfaction in adolescents and emerging adults: The role of romantic attachment. *Psychological trauma: Theory, research, practice, and policy*, 9(2), 127-137. <https://doi.org/10.1037/tra0000136>

- Gomes-Cavalcanti, J., & da Penha de Lima Coutinho, M. (2019). Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(2), 235-254. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6888>
- Goncy, E. A., & van Dulmen, M. H. M. (2016). The association of attachment anxiety and avoidance with emotional dating abuse perpetration using multimethod, dyadic data. *Violence and Victims*, 31(4), 622–637. <https://doi.org/10.1037/a0030946>
- Gonidis, L., & Sharma, D. (2017). Internet and Facebook related images affect the perception of time. *Journal of Applied Social Psychology*, 47, 224-231. <https://doi.org/10.1111/jasp.12429>
- Gracia-Leiva, M., Puente-Martínez, A., Ubillos-Landa, S., & Páez-Rovira, D. (2019). La violencia en el noviazgo (VN): una revisión de meta-análisis. *Anales de Psicología / Annals of Psychology*, 35(2), 300–313. <https://doi.org/10.6018/analesps.35.2.333101>
- Granqvist, P. (2021). Apego, cultura e co-evolução gene-cultura: expandindo a caixa de ferramentas evolutiva da teoria do apego. *Apego e Desenvolvimento Humano*, 23(1), 90-113. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1709086>
- Greff, A. P., Melo, B. D., Lima, C. C., Pereira, D. R., Alves, E. G., Cornejo, E. R., ... & Silva Filho, O. C. D. (2020). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: suicídio na pandemia COVID-19.
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994a). Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(3), 430–445. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.3.430>
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994b). The metaphysics of measurement: The case of adult attachment. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp. 17-52). London: Jessica Kingsley.
- Grolli, R. E., Mingoti, M. E. D., Bertollo, A. G., Luzardo, A. R., Quevedo, J., Réus, G. Z., & Ignácio, Z. M. (2021). Impact of COVID-19 in the mental health in elderly: psychological and biological updates. *Molecular Neurobiology*, 58(5), 1905-1916. <https://doi.org/10.1007/s12035-020-02249-x>
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (Eds.). (1983). *Adolescent development in the family* (Vol. 22). Jossey-Bass Incorporated Pub.
- Gunther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201-210. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>

- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hancock, K., Keast, H., & Ellis, W. (2017). The impact of cyber dating abuse on self-esteem: The mediating role of emotional distress. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 11(2). <https://doi.org/10.5817/CP2017-2-2>
- Hellevik, P. M. (2019). Teenagers' personal accounts of experiences with digital intimate partner violence and abuse. *Computers in Human Behavior*, 92, 178-187. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.11.019>
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2021). Digital dating abuse among a national sample of US youth. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(23-24), 11088-11108. <https://doi.org/10.1177/0886260519897344>
- Hoenicka, M. A. K., López-de-la-Nieta, O., Martínez Rubio, J. L., Shinohara, K., Neoh, M. J. Y., Dimitriou, D., ... & Iandolo, G. (2022). Parental bonding in retrospect and adult attachment style: A comparative study between Spanish, Italian and Japanese cultures. *Plos one*, 17(12), e0278185. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0278185>
- Houck, C.D., Barker, D., Rizzo, C., Hancock, E., Norton, A., & Brown, L. K. (2016). Sexting and Sexual Behavior in At-Risk Adolescents. *Pediatrics*, 133, 276–282. <https://doi.org/10.1542/peds.2013-1157>
- Inchley, J., Currie, D., Budisavljevic, S., Torsheim, T., Jaastad, A., Cosma, A., ... & Samdal, O. (2020). Spotlight on adolescent health and well-being. Findings from the 2017/2018 Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) survey in Europe and Canada. *International report*, 1.
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2023). Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias. Portal do INE https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=415621509&DESTAQUESmodo=2
- Jaen-Cortés, C. I., Rivera-Aragón, S., Reidl-Martínez, L. M., & García-Méndez, M. (2017). Violencia de pareja a través de medios electrónicos en adolescentes mexicanos. *Acta de Investigación Psicológica*, 7(1), 2593-2605. <https://doi.org/10.1016/j.aippr.2017.01.001>
- Javier-Juárez, S. P., Hidalgo-Rasmussen, C. A., de Jesús Díaz-Reséndiz, F., & Vizcarra-Larranaga, M. B. (2021). Abuso Cibernético en el Noviazgo y Relación Intrafamiliar en Adolescentes Estudiantes Mexicanos. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 29(1), 127-143. <https://doi.org/10.51668/bp.8321107s>
- Jennings, W. G., Okeem, C., Piquero, A. R., Sellers, C. S., Theobald, D., & Farrington, D. P. (2017). Dating and intimate partner violence among young persons ages 15–30: Evidence from a

- systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 33, 107–125.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.007>
- Jenkins-Guarnieri, M. A., Wright, S. L., & Johnson, B. D. (2013). The interrelationships among attachment style, personality traits, interpersonal competency, and Facebook use. *Psychology of Popular Media Culture*, 2(2), 117–131. <https://doi.org/10.1037/a0030946>
- Jimenez, V. S., Munoz-Fernandez, N., & Gea, E. V. (2015). Cyberdating in adolescence: the risks and the emotional harm of sexual cyberbehavior/El cibercortejo en la adolescencia: riesgos e impacto emocional de la ciberconducta sexual. *Psychology, Society, & Education*, 7(2), 227–240.
<https://link.gale.com/apps/doc/A438690888/AONE?u=anon~fa866dd6&sid=googleScholar&xid=9d2bf0e1>
- Jiménez, J. F., Sánchez-Gómez, P., Luis Cánovas, J., Hensen, I., & Aouissat, M. (2017). Influence of natural habitat fragmentation on the genetic structure of Canarian populations of *Juniperus turbinata*. *Silva Fennica*, 51(2), 1–14. <https://doi.org/10.14214/sf.1678>
- Jun, S., & Choi, E. (2015). Academic stress and internet addiction from general strain theory framework. *Computers in Human Behavior*, 49, 282–287. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.03.001>
- Kellerman, I., Margolin, G., Borofsky, L. A., Baucom, B. R., & Iturralde, E. (2013). Electronic aggression among emerging adults: Motivations and contextual factors. *Emerging Adulthood*, 1(4), 293–304. <https://doi.org/10.1177/2167696813490159>
- Kemp, S. (2022). Digital 2022: global overview report
- Kitayama, S., Markus, H. R., Matsumoto, H., & Norasakkunkit, V. (1997). Individual and collective processes in the construction of the self: self-enhancement in the United States and self-criticism in Japan. *Journal of personality and social psychology*, 72(6), 1245–1267.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.6.1245>
- Lancaster, M., Seibert, G. S., Cooper, A. N., May, R. W., & Fincham, F. (2020). Relationship quality in the context of cyber dating abuse: The role of attachment. *Journal of Family Issues*, 41(6), 739–758. <https://doi.org/10.1177/0192513X19881674>
- Lara, L. (2020). Cyber dating abuse: Assessment, prevalence, and relationship with offline violence in young Chileans. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(5), 1681–1699.
<https://doi.org/10.1177/0265407520907159>
- Larose, S., Tarabulsky, G., & Cyrenne, D. (2005). Perceived autonomy and relatedness as moderating the impact of teacher-student mentoring relationships on student academic adjustment. *Journal of Primary Prevention*, 26(2), 111. <https://doi.org/10.1007/s10935-005-1833-3>

- Leadbeater, B., Connolly, J., & Temple, J. R. (2018). Changing your status in a changing world: It is complicated! A developmental systems framework for understanding dating violence in adolescents and young adults. In *Adolescent Dating Violence* (pp. 3-23). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-811797-2.00001-3>
- Liang, T. (2020). Handbook of COVID-19 prevention and treatment. *The First Affiliated Hospital, Zhejiang University School of Medicine. Compiled According to Clinical Experience*, 68. <http://www.zju.edu.cn/english/2020/0323/c19573a1987520/page.htm>
- López-de-la-Nieta, O., Koencke Hoenicka, M. A., Martínez-Rubio, J. L., Shinohara, K., Esposito, G., & Iandolo, G. (2021). Exploration of the Spanish version of the attachment style questionnaire: A comparative study between Spanish, Italian, and Japanese Culture. *European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education*, 11(1), 113-128. <https://doi.org/10.3390/ejihpe11010010>
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)00075-U](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)00075-U)
- Lu, Y., Van Ouytsel, J., Walrave, M., Ponnet, K., & Temple, J. R. (2018). Cross-sectional and temporal associations between cyber dating abuse victimization and mental health and substance use outcomes. *Journal of Adolescence*, 65, 1-5. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.02.009>
- Machimbarrena, J. M., Calvete, E., Fernández-González, L., Álvarez-Bardón, A., Álvarez-Fernández, L., & González-Cabrera, J. (2018). Internet risks: An overview of victimization in cyberbullying, cyber dating abuse, sexting, online grooming and problematic internet use. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(11), 2471. <http://doi.org10.3390/ijerph15112471>
- Maftai, A., & Dănilă, O. (2021). Give me your password! What are you hiding? Associated factors of intimate partner violence through technological abuse. *Current Psychology*, 1-17. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02197-2>
- Maia, B. R., & Dias, P. C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 37. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention*, 1, 121-160.

- Mamun, M. A., Hossain, M. S., Siddique, A. B., Sikder, M. T., Kuss, D. J., & Griffiths, M. D. (2019). Problematic internet use in Bangladeshi students: the role of socio-demographic factors, depression, anxiety, and stress. *Asian Journal of Psychiatry*, 44, 48-54. <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2019.07.005>
- Maran, D., Varetto, A., Zedda, M., & Franscini, M. (2017). Health Care Professionals as Victims of Stalking: Characteristics of the Stalking 63 Campaign, Consequences, and Motivation in Italy. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(17), 2605-2625. <https://doi.org/10.1177/0886260515593542>
- Marcum, C. D., Higgins, G. E., & Nicholson, J. (2017). I'm watching you: Cyberstalking behaviors of university students in romantic relationships. *American journal of criminal justice*, 42(2), 373-388. <https://doi.org/10.1007/s12103-016-9358-2>
- Marganski, A., & Melander, L. (2018). Intimate partner violence victimization in the cyber and real world: Examining the extent of cyber aggression experiences and its association with in-person dating violence. *Journal of interpersonal violence*, 33(7), 1071-1095. <https://doi.org/10.1177/0886260515614283>
- Martínez Soto, A., & Ibabe, I. (2022). Recommended Instruments for Analyzing Cyber Dating Violence: A Systematic Review. *The Spanish Journal of Psychology*, 25. <https://doi.org/10.1017/SJP.2021.50>
- Martins, C., & Rodrigues, M. (2022). Violência no namoro: a perspetiva de adolescentes do concelho de Cascais. *Revista Temas Sociais*, (2), 135-149. https://doi.org/10.53809/TS_ISS_2022_n.2_135-149
- Matos, M. G. D., Gaspar, T., Guedes, F. B., Tomé, G., & Branquinho, C. S. D. S. (2019). Os adolescentes portugueses, a internet e as dependências tecnológicas. *Child and Adolescent Psychology/Revista de Psicologia Da Criança e Do Adolescente*, 10(1), 173-185.
- Mazza, M., Marano, G., Lai, C., Janiri, L., & Sani, G. (2020). Danger in danger: Interpersonal violence during COVID-19 quarantine. *Psychiatry research*, 289, 113046. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113046>
- McLean, S. (2013). Attachment theory: From concept to supporting children in out-of-home care. *Working with Vulnerable Families*, 194-212.
- McLean, S. (2016). *Children's attachment needs in the context of out-of-home care*. Australian Institute of Family Studies. CFCA practice resource. <https://aifs.gov.au/cfca/publications/childrens-attachment-needs-context-out-home-car>

- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). Boosting attachment security to promote mental health, prosocial values, and inter-group tolerance. *Psychological inquiry*, 18(3), 139-156. <https://doi.org/10.1080/10478400701512646>
- Mitchell, K. J., Finkelhor, D., Jones, L. M., & Wolak, J. (2012). Prevalence and characteristics of youth sexting: A national study. *Pediatrics*, 129(1), 13-20. <https://doi.org/10.1542/peds.2011-1730>
- Mladenović, M., Ošmjanski, V., & Stanković, S. V. (2021). Cyber-aggression, cyberbullying, and cyber-grooming: a survey and research challenges. *ACM Computing Surveys (CSUR)*, 54(1), 1-42. <https://doi.org/10.1145/3424246>
- Moccia, L., Janiri, D., Pepe, M., Dattoli, L., Molinaro, M., De Martin, V., Chieffo, D., Janiri, L., Fiorillo, A., Sani, G., & Di Nicola, M. (2020). Affective temperament, attachment style, and the psychological impact of the COVID-19 outbreak: an early report on the Italian general population. *Brain, behavior, and immunity*, 87, 75–79. <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.048>
- Monteiro, A. P., Correia, E., & Guedes, S. (2022). Ciberabuso no namoro em estudantes do ensino superior: autoestima e tempo de duração da relação. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 9, 18-30. <https://doi.org/10.17979/reipe.2022.9.0.8910>
- Monteiro, A. P., Guedes, S., & Correia, E. (2023). Cyber Dating Abuse in Higher Education Students: Self-Esteem, Sex, Age and Recreational Time Online. *Social Sciences*, 12(3), 139. <https://doi.org/10.3390/socsci12030139>
- Monteiro, A. P., Sousa, M., & Correia, E. (2023). Dependência da internet: relação com ansiedade, depressão, estresse e tempo online. *CES Psicologia*, 16(1), 45–61. <https://doi.org/10.21615/cesp.6255>
- Morais, F., Santos, B., Mota, C. P., Matos, P. M., Costa, M., & Carvalho, H. M. (2022). Adolescência e saúde mental no acolhimento residencial: Retrato de uma década em Portugal. *Psicoperspectivas*, 21(1), 175-187. <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol21-issue1-fulltext-2286>
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J. M., ... & Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 3-27. <http://hdl.handle.net/10400.12/130>
- Morey, J. N., Gentzler, A. L., Creasy, B., Oberhauser, A. M., & Westerman, D. (2013). Young adults’ use of communication technology within their romantic relationships and associations with attachment style. *Computers in Human Behavior*, 29(4), 1771-1778. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.02.019>

- Mosley, M. A., & Lancaster, M. (2019). Affection and abuse: Technology use in adolescent romantic relationships. *The American Journal of Family Therapy*, 47(1), 52-66. <https://doi.org/10.1080/01926187.2019.1586592>
- Mumford, E. A., Maitra, P., Rothman, E. F., & Sheridan-Johnson, J. (2023). The victim-offender overlap in technology-facilitated abuse: nationally representative findings among US young adults. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 26(12), 904-912. <https://doi.org/10.1089/cyber.2023.0147>
- Naga, J. F., & Catindig, M. A. (2022). Explorando la ciberviolencia contra mujeres y niñas en Filipinas a través de Mining Online News. *Comunicar: Revista Científica Iberoamericana de Comunicación y Educación*, 30(70), 125-138. <https://doi.org/10.3916/C70-2022-10>
- Nelas, P., Chaves, C., & Coutinho, E. (2021). Impacto da procura de sensações sexuais nos comportamentos de violência no namoro. *Revista INFAD de Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 3(2), 139-146. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2021.n2.v3.2281>
- Nemeth, J. M., Bonomi, A. E., Lee, M. A., & Ludwin, J. M. (2012). Sexual infidelity as trigger for intimate partner violence. *Journal of Women's Health*, 21(9), 942-949. <https://doi.org/10.1089/jwh.2011.3328>
- O'Keefe, M. (2005). Teen dating violence: A review of risk factors and prevention efforts. *Harrisburg (PA): VAWnet, a project of the National Resource Center on Domestic Violence/Pennsylvania Coalition Against Domestic Violence*. <https://doi.org/10.1177/004051754401401206>
- Oliveira Fornasier, M., Spinato, T. P., & Ribeiro, F. L. (2020). Cyberbullying: Intimidação Sistemática, Constrangimento Virtual E Consequências Jurídicas. *Revista Direitos Humanos e Democracia*, 8(16), 260-279. <http://dx.doi.org/10.21527/2317-5389.2020.16.260-279>
- Organização Mundial da Saúde (2018). *Saúde Mental do Adolescente*. <https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/adolescent-mental-health>
- Organização Mundial da Saúde (2022). *Saúde Mental: Fortalecendo nossa resposta*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>
- OYu, M., Skoblina, N. A., Markelova, S. V., Melikhova, E., Libina, I. I., & Popov, M. V. (2019). The impact of electronic devices on the physical growth and development of the modern youth and recommendations on their safe use. *Bulletin of Russian State Medical University*, 8(4), 83-89. <https://doi.org/10.24075/brsmu.2019.046>
- Pace, U., Cacioppo, M., Cascio, V. L., Guzzo, G., & Passanisi, A. (2016). Are there similar or divergent transitions to adulthood in a Mediterranean context? A cross-national comparison of Italy and Spain. *Europe's Journal of Psychology*, 12(1), 153. <https://doi.org/10.5964/ejop.v12i1.1043>

- Pardal, L. & Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores.
- Park, C. L., Russell, B. S., Fendrich, M., Finkelstein-Fox, L., Hutchison, M., & Becker, J. (2020). Americans' COVID-19 Stress, Coping, and Adherence to CDC Guidelines. *Journal of general internal medicine*, 35(8), 2296–2303. <https://doi.org/10.1007/s11606-020-05898-9>
- Patton, D. U., Hong, J. S., Ranney, M., Patel, S., Kelley, C., Eschmann, R., & Washington, T. (2014). Social media as a vector for youth violence: A review of the literature. *Computers in Human Behavior*, 35, 548-553. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.02.043>
- Pereira, D., Ferreira, S. ., & Firmino, H. (2022). O Impacto da Pandemia COVID-19 na Saúde Mental da População Geriátrica. *Revista Portuguesa De Psiquiatria E Saúde Mental*, 8(2), 49–57. <https://doi.org/10.51338/rppsm.253>
- Peskin, M.F., Markham, C.M., Shegog, R. *et al.* Prevalência e Correlatos da Perpetração de Cyber Dating Maus-tratos entre Adolescentes Precoces. *J Adolescência Juvenil* **46**, 358–375 (2017). <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0568-1>
- Peterson, J., & Densley, J. (2017). Cyber violence: What do we know and where do we go from here?. *Aggression and Violent Behavior*, 34, 193-200. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.012>
- Pichon, M., Treves-Kagan, S., Stern, E., Kyegombe, N., Stöckl, H., & Buller, A. M. (2020). A mixed-methods systematic review: Infidelity, romantic jealousy and intimate partner violence against women. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(16), 5682. <https://doi.org/10.3390/ijerph17165682>
- Piquer, B., Castro, J., & Giménez, C. (2017). Violencia de parejas jóvenes a través de internet. *Ágora de Salut*, 4, 293–301. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.6035/AgoraSalut.2017.4.31>
- Pinto, J. C., Martins, P., Pinheiro, T. B., & Oliveira, A. C. (2015). Ansiedade, depressão e stresse: um estudo com jovens adultos e adultos portugueses. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 16(2), 148-163. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36242128002>
- Prievera, D. K., Piko, B. F., & Luszczynska, A. (2019). Problematic internet use, social needs, and social support among youth. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 17, 1008-1019. <https://doi.org/10.1007/s11469-018-9973-x>
- Primo, A. (2020). Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19: Emotions and relationships during social isolation: intensifying the use of social media for interaction during the COVID-19 pandemic. *Comunicação & Inovação*, 21(47). <http://doi.org/10.13037/ci.vol21n47.7283>

- Purcell, R., Pathe, M., & Mullen, P. (2004). Quando é que intrusões repetidas se tornam perseguição?. *Jornal de Psiquiatria Forense e Psicologia*, 15(4), 571-583. <https://doi.org/10.1080/14789940412331313368>
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2017). Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of Adolescence*, 59, 79-89. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.05.015>
- Reis, F. (2010). Como elaborar uma dissertação de mestrado. Pactor.
- Rensburg, S. K. J. (2017). Unwanted attention: The psychological impact of cyberstalking on its survivors. *Journal of Psychology in Africa*, 27(3), 273-276. <https://doi.org/10.1080/14330237.2017.1321858>
- Reyns, B. W., Fisher, B. S., & Randa, R. (2018). Explaining cyberstalking victimization against college women using a multitheoretical approach: Self-control, opportunity, and control balance. *Crime & Delinquency*, 64(13), 1742-1764. <https://doi.org/10.1177/0011128717753116>
- Reyns, B. W., Fisher, B. S. (2018). The Relationship Between Offline and Online Stalking Victimization: A Gender-Specific Analysis. *Violence Vict*; 33(4):769-786. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-17-00121>
- Ribeiro, J. (2010). Investigação e avaliação em psicologia e saúde (2.^a ed.). Placebo Editora
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A. P., Costa, R. A., Cabeleira, C., & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes.
- Rodríguez-Domínguez, C., Durán Segura, M., & Martínez-Pecino, R. (2018). Ciberagresores en el noviazgo adolescente y su relación con la violencia 51 psicológica, el sexismo y los celos. *Health and Addictions/Salud y Drogas*, 18(1), 17–27. <https://doi.org/10.21134/haaj.v18i1.329>
- Rodríguez-Domínguez, C., Pérez-Moreno, P. J., & Durán, M. (2020). Cyber dating violence: a review of its research methodology. *Anales de Psicología*, 36(2), 200-209. <https://doi.org/10.6018/analesps.370451>
- Romero-Rodríguez, J. M., Martínez-Heredia, N., & Campos, M. (2021). Influencia de la adicción a internet en el bienestar personal de los estudiantes universitarios. *Health and Addictions/ Salud y Drogas*, 21(1), 171-185. <https://doi.org/10.21134/haaj.v21i1.559>
- Rosen, L. D., Carrier, L. M., Pedroza, J. A., Elias, S., O'Brien, K. M., Lozano, J., ... & Ruiz, A. (2018). The role of executive functioning and technological anxiety (FOMO) in college course performance as mediated by technology usage and multitasking habits. *Psicologia Educativa*, 24(1), 14-25. <https://doi.org/10.5093/psed2018a3>

- Santos, A. P., Caridade, S., & Cardoso, J. (2019). Violence in dating relationships: psychosocial (dis) adjustment and coping strategies. *Contextos Clínicos*, 12(1), 2. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.01>
- Savitsky, B., Findling, Y., Ereli, A., & Hendel, T. (2020). Anxiety and coping strategies among nursing students during the covid-19 pandemic. *Nurse education in practice*, 46, 102809. <https://doi.org/10.1016/j.nepr.2020.102809>
- Segura, M. D., & Pecino, R. M. (2015). Cyberbullying trough mobile phone and the internet in dating relationships among youth people. *Comunicar. Media Education Research Journal*, 23(1). <https://doi.org/10.3916/C44-2015-17>
- Shaver, P. R., Collins, N., & Clark, C. L. (1996). Attachment styles and internal working models of self and relationship partners. In G. J. O. Fletcher & J. Fitness (Eds.), *Knowledge structures in close relationships: A social psychological approach* (pp. 25-61). Mahwah: Erlbaum.
- Salk, R. H., Hyde, J. S., & Abramson, L. Y. (2017). Gender differences in depression in representative national samples: Meta-analyses of diagnoses and symptoms. *Psychological bulletin*, 143(8), 783. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.01>
- Shi, P., Yang, A., Zhao, Q., Chen, Z., Ren, X., & Dai, Q. (2021). A hypothesis of gender differences in self-reporting symptom of depression: implications to solve under-diagnosis and under-treatment of depression in males. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 1-10. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2021.589687>
- Silva, R. A. G. M. R. (2023). *A relação entre o uso das redes sociais e o bem-estar psicológico nos adolescentes* (Master's thesis). <http://hdl.handle.net/11067/7286>
- Smith, K., Cénat, J. M., Lapierre, A., Dion, J., Hébert, M., & Côté, K. (2018). Cyber dating violence: Prevalence and correlates among high school students from small urban areas in Quebec. *Journal of Affective Disorders*, 234, 220-223. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.043>
- Soares, I., Martins, E. C., & Tereno, S. (2007). Vinculação na infância. *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*, 47-98.
- Souza, L., & Lordello, S. R. M. (2020). Sexting e violência de gênero entre jovens: uma revisão integrativa de literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3644>
- Spencer, C. M., Keilholtz, B. M., & Stith, S. M. (2021). The association between attachment styles and physical intimate partner violence perpetration and victimization: A meta-analysis. *Family Process*, 60(1), 270-284. <https://doi.org/10.1111/famp.12545>
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child development*, 1184-1199.

- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & human development*, 7(4), 349-367. <https://doi.org/10.1080/14616730500365928>
- Stonard, K. E., Bowen, E., Lawrence, T. R., & Price, S. A. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: A research synthesis. *Aggression and Violent Behavior*, 19(4), 390-417. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.06.005>
- Stonard, K. E., Bowen, E., Walker, K., & Price, S. A. (2017). “They’ll always find a way to get to you”: Technology use in adolescent romantic relationships and its role in dating violence and abuse. *Journal of interpersonal violence*, 32(14), 2083-2117. <https://doi.org/10.1177/0886260515590787>
- Strawhun, J. Adams, N. Huss, M. T. (2013). The assessment of cyberstalking: an expanded examination including social networking, attachment, jealousy, and anger in relation to violence and abuse. *Violence Vict.* 2013;28(4):715-30. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.11-00145>
- Szwarcwald, C. L., Souza Júnior, P. R. B. D., Damacena, G. N., Malta, D. C., Barros, M. B. D. A., Romero, D. E., ... & Pina, M. D. F. D. (2021). ConVid-Pesquisa de Comportamentos pela Internet durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: concepção e metodologia de aplicação. *Cadernos de Saúde Pública*, 37, e00268320. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00268320>
- Taylor, S., & Xia, Y. (2018). Cyber partner abuse: A systematic review. *Violence and Victims*, 33(6), 983-1011. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.33.6.983>
- Temple, J. R., Choi, H. J., Brem, M., Wolford-Clevenger, C., Stuart, G. L., Peskin, M. F., & Elmquist, J. (2016). The temporal association between traditional and cyber dating abuse among adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(2), 340-349. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0380-3>
- Tokunaga, R. S., & Aune, K. S. (2017). Cyber-defense: A taxonomy of tactics for managing cyberstalking. *Journal of interpersonal violence*, 32(10), 1451-1475. <https://doi.org/10.1177/0886260515589564>
- Toplu-Demirtaş, E., Akcabozan-Kayabol, N. B., Araci-Iyiaydin, A., & Fincham, F. D. (2022a). Unraveling the roles of distrust, suspicion of infidelity, and jealousy in cyber dating abuse perpetration: An attachment theory perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(3-4), NP1432-NP1462. <https://doi.org/10.1177/0886260520927505>
- Toplu-Demirtaş, E., May, R. W., Seibert, G. S., & Fincham, F. D. (2022b). Does cyber dating abuse victimization increase depressive symptoms or vice versa?. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(11-12), NP9667-NP9683. <https://doi.org/10.1177/0886260520984261>

- Turel, O., Brevers, D., & Bechara, A. (2018). Time distortion when users at-risk for social media addiction engage in non-social media tasks. *Journal of psychiatric research*, 97, 84-88. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2017.11.014>
- Ulloa, E. C., & Hammett, J. F. (2016). The effect of gender and perpetrator–victim role on mental health outcomes and risk behaviors associated with intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(7), 1184-1207. <https://doi.org/10.1177/0886260514564163>
- União de Mulheres Alternativa e Resposta (2019). Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro-2019. Projeto ART'THEMIS+ Jovens Protagonistas na Prevenção e na Igualdade de Género. http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/Estudo_Nacional_VN_2019_da_UM_AR.pdf
- Van Ouytsel, J., Van Gool, E., Walrave, M., Ponnet, K., & Peeters, E. (2016). Exploring the role of social networking sites within adolescent romantic relationships and dating experiences. *Computers in Human Behavior*, 55, 76-86. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.08.042>
- Van Ouytsel, J., Torres, E., Choi, H. J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017). The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, 33(2), 116-122. <https://doi.org/10.1177/1059840516683229>
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2018). Cyber dating abuse victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory perspective. *Journal of interpersonal violence*, 33(17), 2767-2776. <https://doi.org/10.1177/0886260516629390>
- Varsori, E. (2023). As tecnologias de hiperconexão e os usos do tempo no quotidiano dos jovens: um estudo com estudantes universitários.
- Velotti, P., Beomonte Zobel, S., Rogier, G., & Tambelli, R. (2018). Exploring relationships: A systematic review on intimate partner violence and attachment. *Frontiers in Psychology*, 9, 1166. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01166>
- Veríssimo, A. V. R., Silva, E. A., Soares, K. H. D., Amaral, E. L. D. S., Brandão Neto, W., Ludermir, A. B., ... & Aquino, J. M. D. (2022). Prevalence and factors associated with dating violence among public school adolescents. *Revista gaúcha de enfermagem*, 43. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210170.en>
- Viero, A., Barbara, G., Montisci, M., Kustermann, K., & Cattaneo, C. (2021). Violence against women in the Covid-19 pandemic: A review of the literature and a call for shared strategies to tackle health and social emergencies. *Forensic Science International*, 319, 110650. <https://doi.org/10.1016/j.forsciint.2020.110650>

- Villora, B., Yubero, S., & Navarro, R. (2019). Cyber dating abuse and masculine gender norms in a sample of male adults. *Future Internet*, 11(4), 84. <https://doi.org/10.3390/fi11040084>
- Víllora, B., Navarro, R., & Yubero, S. (2021). The role of social-interpersonal and cognitive-individual factors in cyber dating victimization and perpetration: Comparing the direct, control, and combined forms of abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(17-18), 8559-8584. <https://doi.org/10.1177/0886260519851172>
- Waltereit, R., Uhlmann, A., & Roessner, V. (2018). Adolescent psychiatry—from the viewpoint of a child and adolescent psychiatrist. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 27(11), 1383-1385. <https://doi.org/10.1007/s00787-018-1231-z>
- Wang, C., Pan, R., Wan, X., Tan, Y., Xu, L., Ho, C. S., & Ho, R. C. (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. *International journal of environmental research and public health*, 17(5), 1729. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17051729>
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child development*, 71(1), 164-172. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00130>
- Watkins, L. E., Maldonado, R. C., & DiLillo, D. (2018). The cyber aggression in relationships scale: A new multidimensional measure of technology-based intimate partner aggression. *Assessment*, 25(5), 608-626. <https://doi.org/10.1177/1073191116665696>
- Wolford-Clevenger, C., Zapor, H., Brasfield, H., Febres, J., Elmquist, J., Brem, M., ... & Stuart, G. L. (2016). An examination of the Partner Cyber Abuse Questionnaire in a college student sample. *Psychology of Violence*, 6(1), 156-162. <https://doi.org/10.1037/a0039442>
- World Health Organization. (2010). Violence prevention: the evidence. Centre for Public Health. <http://apps.who.int/iris/handle/10665/77936>
- World Health Organization. (2017). Depression and other common mental disorders: Global health estimates. Geneva, Switzerland: Author. Recuperado de <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf>
- World Health Organization. (2020). Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak. Geneva: Author. Retrieved from <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf>
- Worsley, J. D., Wheatcroft, J. M., Short, E., & Corcoran, R. (2017). Victims' voices: Understanding the emotional impact of cyberstalking and individuals' coping responses. *Sage open*, 7(2), 1-13. <https://doi.org/10.1177/2158244017710292>

- Wright, M. F. (2018). Cyberstalking victimization, depression, and academic performance: The role of perceived social support from parents. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 21(2), 110-116. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0742>
- Wu, X., Tao, S., Zhang, S., Zhang, Y., Chen, K., Yang, Y., ... & Tao, F. (2016). Impact of screen time on mental health problems progression in youth: a 1-year follow-up study. *BMJ open*, 6(11), 1-7. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2016-011533>
- Xiao, C. (2020). A novel approach of consultation on 2019 novel coronavirus (COVID-19)-related psychological and mental problems: structured letter therapy. *Psychiatry Investigation*, 17(2), 175. <https://doi.org/10.30773/pi.2020.0047>
- Young, K. S., Sandman, C. F., & Craske, M. G. (2019). Positive and negative emotion regulation in adolescence: links to anxiety and depression. *Brain sciences*, 9(4), 76. <https://doi.org/10.3390/brainsci9040076>
- Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers and friends*. University of Chicago press.
- Yunger, J. L., Corby, B. C., & Perry, D. G. (2005). Dimensions of Attachment in Middle Childhood. In K. A. Kerns & R. A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 89–114). The Guilford Press.
- Zapor, H., Wolford-Clevenger, C., Elmquist, J., Febres, J., Shorey, R. C., Brasfield, H., ... & Stuart, G. L. (2017). Psychological aggression committed through technology: A study with dating college students. *Partner Abuse*, 8(2), 127-145. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.8.2.127>
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(7), 1063-1077. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9922>
- Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2014). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(8), 1306-1321. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0047-x>

Anexo

Anexo I - Consentimento Informado

Acordo de Consentimento Informado

A presente investigação decorre no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e de Aconselhamento da Universidade Autónoma de Lisboa, sob a orientação da Doutora Professora Genta Kulari. Pretende-se realizar um estudo sobre os “Fatores Associados ao Ciberabuso no Namoro entre Jovens Adultos” com o objetivo de alargar a compreensão referente ao ciberabuso no namoro entre jovens adultos estudantes universitários. Foram definidos como critérios de inclusão para integrar a amostra, os participantes terem uma idade igual ou superior a 18 anos até aos 30 anos de idade.

Para tal, solicito a sua participação no preenchimento de um breve questionário. Não existem respostas certas nem erradas, o que interessa é o que pensa e sente realmente. É importante que leia atentamente e responda a todas as questões.

A participação nesta investigação tem um carácter voluntário e garante-se a ausência de quaisquer prejuízos. Pelo que pode negá-la ou decidir interromper o preenchimento do questionário, a qualquer momento, se assim o entender. O questionário é anónimo de forma a garantir a confidencialidade dos dados recolhidos. Os dados recolhidos neste questionário serão utilizados somente para fins de investigação, respeitando a confidencialidade.

A confidencialidade dos dados será assegurada através do cumprimento das normas de tratamento de dados em vigor, seguindo o Novo Regulamento de Proteção de Dados. Não obstante ressaltar que os seus dados ficarão guardados com um número e nunca com o seu nome. Se pretender algum esclarecimento sobre este estudo, por favor contacte a investigadora Maria Augusta Tavares Sanches pelo e-mail maria.12.sanches@gmail.com.

De forma a participar neste estudo assinale com um X o item de preenchimento obrigatório.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação acerca do estudo, declaro que tenho mais de 18 anos e que aceito participar nesta investigação.

_____/_____/2022 ☐ Aceito participar ☐ Não aceito participar

Muito obrigada pela atenção dispensada.

